

PEQUENOS ESTUDOS
DE
PSYCHOLOGIA SOCIAL

1942

OLIVEIRA VIANNA
DA ACADEMIA BRASILEIRA

PEQUENOS ESTUDOS
DE
PSYCHOLOGIA SOCIAL

I — O MEIO SOCIAL. II — O MEIO POLITICO.
III — O MEIO SERTANEJO. IV — O MEIO E O HOMEM.

3.ª EDIÇÃO AUGMENTADA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre

1942

OBRAS DO AUTOR

Populações meridionais do Brasil, 4.^a edição.

Evolução do povo brasileiro, 3.^a edição (tradução hespanhola e japoneza).

O occaso do Imperio, 2.^a edição.

Problemas de politica objetiva.

Raça e assimilação, 2.^a edição.

Problemas de direito corporativo.

O idealismo da Constituição, 2.^a edição.

50-1704

m. inv. 194072

União Nacional 356175-20

INDICE

I

O MEIO SOCIAL

Ruralismo e Urbanismo	18
Minas do lume e do pão	30
Minas da tradição e Minas do progresso	54
Os fluminenses e a sua civilização	71

II

O MEIO POLITICO

Uma democracia singular	83
Factores economicos do absentismo eleitoral	95
Nacionalismo e questão social	110
O papel dos governos fortes no Regime Presidencial	120

III

O MEIO SERTANEJO

O erro da autonomia acreana	143
Organização da legalidade nos sertões	157

IV

O MEIO E O HOMEM

Feijó, ministro da Justiça e Regente	129
Caxias: traços da sua personalidade	204
Caxias e o seu papel histórico	217
Joaquim Nabuco	222
Alberto de Oliveira	234

Conta Kipling, num dos seus livros, de um certo paiz dos Bandar-Log, onde uma innumeravel macacaria cabriolava, nas suas costumadas travessuras, sobre as ruinas de uma antiga cidade — a “Cidade Perdida”, velha tapera que a mattaria brava havia encoberto entre a espessura e o rumor das suas ramagens: — Os macacos chamavam a este logar a “sua” cidade e desprezavam o restante povo do junglal — porque vivia na floresta. Entretanto, não sabiam para que haviam sido destinados aquelles edificios, nem como se servirem delles. Sentavam-se, ás vezes, todos, em circulo, no vestibulo que dava para a Camara do Conselho Real; coçavam-se e catavam as pulgas do pêlo — e tinham a pretensão de ser homens. Outras vezes, punham-se a correr atravez das casas destelhadas; amontoavam num canto a caliça e os tijolos velhos; mas, depois, esqueciam onde os tinham amontoado. Ou, então, batiam-se uns com os outros; gritavam; encontroavam-se em tumulto; depois, de repente, cessavam a algazarra e entravam a cabriolar do alto dos muros sobre os terraços, nos jardins do rei, cujas laranjeiras e roseiras sacudiam pelo simples prazer de ver cahirem as flores e os fructos. Esquadrinhavam todas as passagens, todos os subterraneos e as cen-

tenas dos seus pequenos quartos escuros; mas, nunca se lembravam do que haviam visto. Um a um, dous a dous, ou aos grupos, andavam, ao acaso, dizendo-se uns aos outros que assim estavam fazendo como os homens. Iam beber aos reservatorios, cujas aguas conspurcavam; porfiavam, brigando, para se approximar delles; depois, lançando-se para diante, em massas compactas, ao mesmo tempo, exclamavam: — Não ha, em todo o junglal, povo tão sabio, tão bom, tão intelligente, tão forte e tão amavel como o povo dos Bandar-Log!

— Homens de estado, homens de sciencia, homens de arte, politicos, legisladores, governantes, juristas, sabios, artistas, poetas, publicistas, nós temos sido, mais ou menos, como os macacos de Kipling: temos desdenhado a nossa gente e o nosso meio, como os Bandar-Log desdenhavam a floresta e a sua bicharia — elles, filhos tambem dos junglaes espessos e bichos tambem como os demais bichos da floresta. Como os macacos de Kipling, imitamos: elles — os homens; nós — os super-homens. Isto é, os que julgamos superiores a nós, os creadores, os requintados, os progressivos, os que estão, lá do outro lado do mundo, fazendo a civilização. Cada vez que um desses fazedores da civilização se mexe para fazer uma revolução ou para fazer a barba, nós, cá do outro lado, ficamos mais assanhados do que a macacaria dos junglaes. De uns copiamos as formas de governo e os modos de vestir, os principios da politi-

ca e os padrões das casemiras — os figurinos, os alfaiates e as instituições. De outros copiamos outras cousas: as philosophias mais em voga, as modas literarias, as escolas de arte, os requintes e mesmo as suas taras de civilizados. De nós é que não copiamos nada. E temos assim com a bicharia do apologo kiplinguiano estes pontos communs: a inconsciencia, a volubildade e... o ridiculo.

Este livro — como “Populações Meridionaes do Brasil” e todos os outros em elaboração — inspiram-se num pensamento contrario a essa xenophilia exagerada das nossas elites politicas e mentaes: o seu ponto de partida é a nossa gente, o nosso homem, a nossa terra, isto é, o quadro das realidades sociaes e naturaes, que nos cerca e em que vivemos.

Esse ponto de partida é o unico ponto de partida serio de qualquer movimento nacionalista que não queira ser apenas uma esteril logomachia apologetica de nós mesmos. O primeiro dever de um verdadeiro nacionalista é nacionalizar as suas idéas — e o melhor caminho para fazel-o é identificar-se, pela intelligencia, com o seu meio e a sua gente.

Esse “Brasil maior”, que é o motte mais em voga dos nossos nacionalistas militantes, ou é uma phrase vã, ou implica o conhecimento meticuloso e intimo do Brasil como elle é, do Brasil actual — do “Brasil menor”. Que augmentar e onde augmentar? eis a pergunta. Ora, só o estudo do nosso povo

e do nosso meio poderá dizel-o. Sem esse lastro de conhecimentos preliminares, essa vehemente aspiração por um Brasil maior dará de si apenas uma mo-fina literatura de auto-apologias, tão ridiculas e ri-siveis como a dos macacos de Kipling, no final das suas cabriolas.

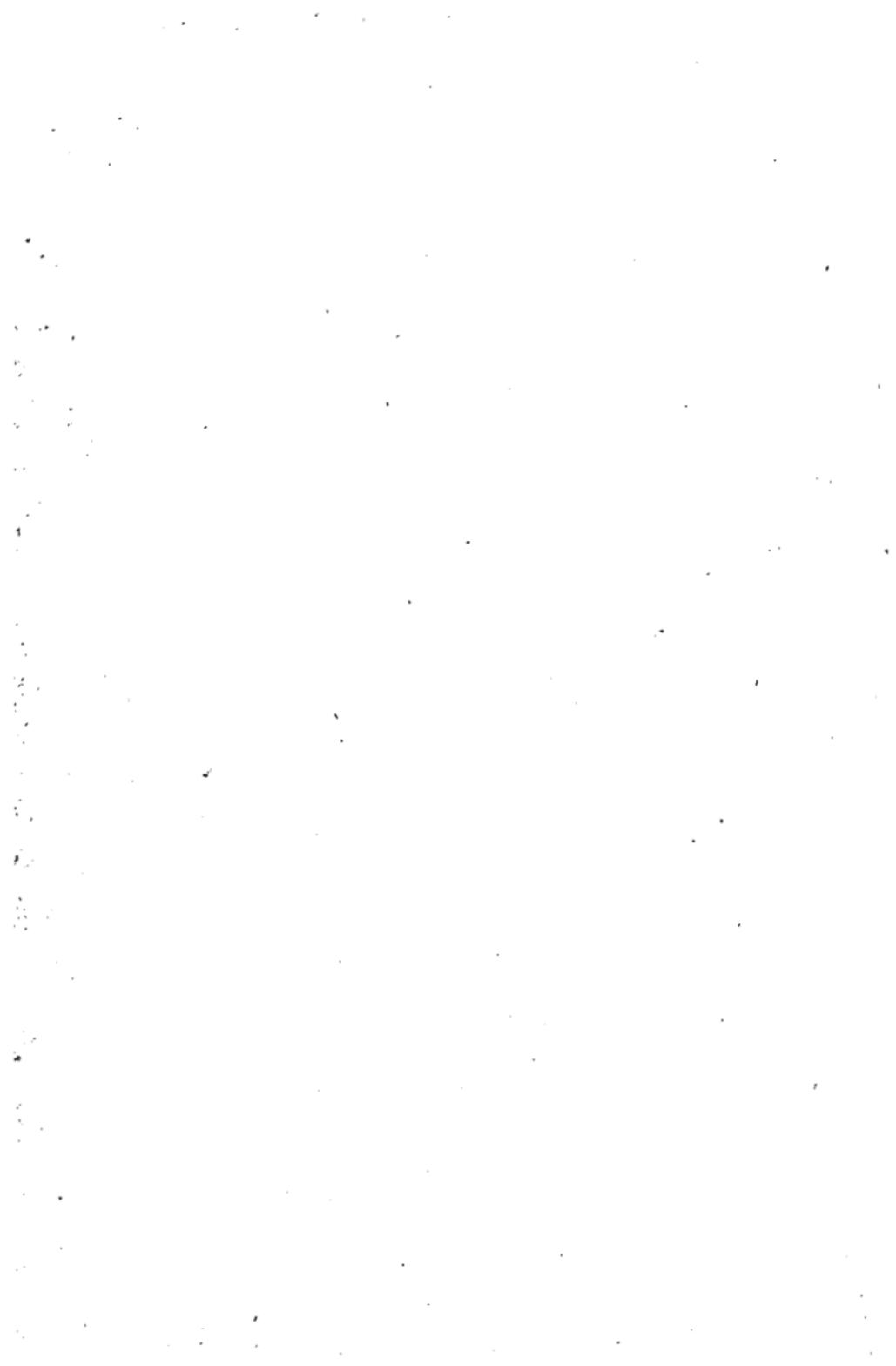
Novembro de 1921.

OLIVEIRA VIANNA

Alameda, 41 — Niterói

I

O Meio Social



RURALISMO E URBANISMO

(Expressões de um conflicto)

I

No curso de uma de suas viagens de recreio pelos fjords da Noruega, ahí pelos meados do anno de 81, o insigne historiador James Anthony Froude, depois de percorrer a rendilha de golfos e enseadas, que bordam esta parte da península scania, fundeou (conta-nos elle nas paginas quasi hellenicas da sua narrativa) na bahia de Christiania e, descendo á terra, encaminhou-se, na sua curiosidade de viajante, para o grande museu de antiguidades daquella capital. Muitas antigualhas ali encontrou; mas, uma o encheu de uma emoção profunda e inexprimivel. Era o casco de um velho barco norueguez, do cyclo dos vikings, autentico e perfeitamente conservado no seu cavername e nos seus mastaréos. Dentro daquella noz fragilima, que ali estava, alguns piratas nórdicos, talvez contemporaneos de Hengist e de Horsa, haviam, por certo, trazido ha mais de mil annos, ás praias da Europa meridional ou ao litoral britannico, o saqueio e a devastação da flibusteria normanda.

Diante daquella preciosidade assim millenaria, que se prendia ás origens mais remotas da sua raça, elle, os da sua equipagem, todos se quedaram absor-tos, em contemplação religiosa e maravilhada, e atraídos, enleados, fascinados como que por uma mysteriosa magia, a rever, a remirar, a recordar:— *“We saw and saw again, and could not satisfy ourselves with seeing”* — diz elle.

Qualquer de nós passaria por emoção igual — e para isso não seria preciso ir além-mar, rever, no Pantheon dos Jeronymos, o tumulo dos heroes da era das Descobertas. Bastaria, um dia, subir até a esplanada paulista e entrar esse bello, claro, imponente Museu do Ypiranga, onde, nos mostruarios da sala de historia e archeologia, veria abrir-se aos seus olhos curiosos, como numa panoplia tosca, uma bella collecção de velhas armas historicas, lazarinas e mosquetes, trabucos e clavinotes, todos de pederneira, pesados e grosseiros apetrechos com que os rudes sertanistas do II e do III seculo, combatendo a um tempo a animalidade, a selvageria e o deserto, poderam espalhar, por toda a immensidade dos nossos campos e florestas, com os fundamentos iniciaes da nacionalidade, essa nobre e sonora lingua que falamos. Então, homem do campo ou da cidade, de alma tranquilla ou de alma inquieta, haveria de sentir dentro de si vibrar uma subita emoção ampla e profunda, mixta de confiança serena e intimo orgulho, resonancia sympathica,

affinidade electiva, voz obscura e subconsciente da raça, que lhe diria que ha uma funda identidade moral entre nós, os de hoje, e esses intrepididos piratas das florestas, caçadores de indios e de ouro, e que muito do seu humor rustico, alpestre, fragueiro subsiste ainda, latente, no fundo do character nacional.

II

Esta identidade moral não é uma fantasia; existe; os factos a comprovam. Della só nos podemos orgulhar, porque esses rudes antepassados de ha tres seculos, ao surgirem na historia, mostraram-se providos de attributos que os emparelham, sem favor, com as melhores raças do globo. No norte, por exemplo, a colonização pastoril, que realizam com maravilhosa rapidez, até os altos sertões, através dos grandes rios, o Parnahyba, o Salgado, o Jaguaribe, o Itapicurú, o São Francisco, é uma epopeia obscura e formidavel, para cuja celebração ainda não appareceu um Homero digno. No sul e no centro, arremessando os pelotões ruidosos das "bandeiras" sobre os sertões mineiros, sobre os campos metalliferos de Matto Grosso e de Goyaz, ou enxameando com os seus rebanhos infatigaveis todos os campos pastoris do grande planalto meridional até os pampas gaúchos, elles nos dão, igualmente, a im-

pressão estupenda de uma vontade tenaz e disciplinada, incoercível e indomável, que só por si bastaria para attestar-lhes a posse de um caracter superior.

Durante os trezentos annos da nossa formação nacional, com estes bandeirantes do sul ou com aquelles pastores do norte, nós nos exhibimos na historia com as melhores qualidades de robustez moral: a tempera fragueira das aventuras, a resistencia ás intemperies do deserto, a capacidade das expectativas remotas, a obstinação saxonica dos propositos, o amor do isolamento e da autonomia, o destemor da solidão e do desconhecido. E as grandes "bandeiras" e os numerosos engenhos e os innumeraveis curraes de "gado grosso", com que enchemos e povoamos o paiz em toda a sua extensão e latitude, documentam o vigor desses attributos varonis.

Mas, essa raça de pioneiros — dirão — é apenas uma fauna monstruosa da nossa paleontologia social. Della, nem ao sul, nem ao centro, nem ao norte, existem sequer remanescentes que a recordem.

E' este, porém, um enormissimo erro. Os urbanitas das nossas grandes capitaes não sabem muito bem o que está acontecendo por esse vastissimo Brasil de lavradores e pastores. O movimento, colonizador, iniciado, ha mais de tres seculos, com os boiadeiros septentrionaes e os sertanistas de S.

Vicente, não parou, nem retroagiu; continua, ao contrario, obscuro e silencioso, por todas as fronteiras mais interiores da nossa civilização. Hoje, ainda, nos sertões do Piauí, do Maranhão, de Goyaz, os proprietarios criadores dessas regiões barbarizadas proseguem, como nos tempos de Domingos Sertão, a expansão colonizadora e vão cobrindo, por infiltrações sucessivas, esses enormes "vacuos", essas immensas paragens ignoradas e longinquoas, onde vagueiam ainda os réduces da nossa selvageria tropical, eliminada a facão e a bala pela combatividade dos nossos "caboclos". E, cá pelo sul, os "bugreiros" do Paranapanema e do Tieté continuam, em plena actualidade, as tradições vicentistas das "entradas" e, de comparsaria com os "grilleiros", são, sem duvida, os grandes batedores da nossa civilização na sua marcha para o interior sertanejo (1).

Tudo isto está mostrando á evidencia que os brasileiros actuaes e os brasileiros de outrora são todos ainda forjados na mesma tempera e feitos do mesmo metal e que o nosso antigo character, com os fortes predicados de rusticidade e combatividade, com que se revela nos começos da nacionalidade, persiste integro, pelo menos entre a gente desses remotos rincões que fronteiam o deserto.

(1) Cf.: — *Evolução do povo brasileiro*, I parte, § X, XI, XII e XVIII.

Nessas zonas, mesmo as que ficam intermedias ao alto sertão e á costa, sensivelmente mais "civilizadas", onde vive o grosso do nosso povo rural, ainda ahi não é coisa diferente o que se passa; *ahi tambem vemos que os nossos velhos instinctos ruraes mantém, obscuros e concentrados, a sua vitalidade primitiva.* Quem quer que se transporte, numa excursão ligeira aos sertões de Pirajú, na fronteira com o Paraná, verá e testemunhará, cheios os olhos de surpresa e espanto, uma rapida, larga, movimentada expansão de fazendas caféiras por todas essas paragens, distantes quasi cem leguas da capital paulista e onde ha pouco menos de uma dezena de annos rumorejava apenas, na sua solidão inviolada, a floresta primitiva! (2).

Disse uma vez Sylvio Romero, num dos seus livros, que nós brasileiros, como todos os povos clas-

(2) Hoje, esta expansão colonisadora, quasi exclusivamente de origem paulista, cobre todo o norte do Paraná, na rica região centralizada por Londrina e Jacarézinho (v. Pierre Mombeig — *Geografia humana brasileira*, 1940; Theophilo de Andrade — *O Rio Paraná e a marcha para o Oeste*, 1941; Romario Martins — *Quem somos e quantos somos?* — Curitiba, 1941. O sul de Matto Grosso tambem se povôa dos vanguardeiros da população paulista. O mesmo se dirá do sul de Goyaz, colonizado por migradores vindos principalmente de São Paulo e de Minas. Na região de Goyania, a estes elementos sulistas juntam-se os nordestinos, vindos principalmente da Bahia — hoje um dos maiores focos de irradiação migradora para o sul e para o oeste.

introdução - no campo

sificados no grupo das chamadas raças commu-
narias, "detestavamos a vida do campo" e tinhamos
uma grata preferencia pelo viver das cidades. Mas,
por maior que seja a autoridade desse grande mes-
tre, esta opinião não é exacta: — o abandono da vi-
da do campo, o exodo para as cidades é facto rela-
tivamente recente na nossa historia. Não ha muito
tempo, noticia vinda de Cataguazes, em Minas,
contava de uma sensivel emigração do povo daquella
região e das regiões convizinhas, não para o confort-
o e os encantos das nossas capitaes deslumbrantes,
mas para o Espirito Santo, para a plena selvageria
do Rio Doce, nos rastros da Victoria-Diamantina, em
logares onde, havia pouco, resôava ainda o clamor
da pocema selvagem!

Este e cem outros factos semelhantes dizem e demonsttram que o brasileiro, entregue aos seus proprios pendores e instinctos, é antes de tudo um homem do campo, como os romanos do tempo de Cincinnatus. E' este o traço realmente nacional do seu character. Bryce, aliás, profundo e genial conhecedor de povos e de raças, aqui chegando e sem sequer ter sahido dos centros urbanos mais civilizados, com um só relance do seu olhar experimentissimo, logo o reconheceu (3). Demais, não pôde ter

(3) Bryce (J.) — *South-America*, 1918.

instinctos urbanos um povo que, ha cerca de meio seculo, não possuia, em todo o seu immenso territorio, uma unica capital digna deste nome, nem mesmo a capital do paiz... (4)

Dirão talvez que estamos considerando o Brasil apenas através das suas populações ruraes, esquecendo as suas populações urbanas, mais adiantadas, mais cultas, mais civilizadas. Lembraremos, porém, primeiro, que das nossas vinte e uma capitães a maioria não é composta senão de aldeias em ponto grande, offerecendo, pela indole de sua gente e aspectos dos seus costumes, uma feição francamente rural; segundo, que a maior porção das nossas populações das cidades, onde não ha ainda grandes massas estrangeiras, é formada de elementos sahidos do mundo rural, que as circumda e envolve; terceiro, que as populações urbanas do sul e do norte, consideradas na sua totalidade, sommam, mais ou menos, tres milhões e meio de almas, cabendo, por isso, os vinte e sete milhões restantes (cerca de 90%) á massa rural (5).

(4) Hoje, decorridos vinte annos, esta estrutura se alterou sensivelmente. Os nucleos urbanos cresceram em numero e volume com o augmento da população e o desenvolvimento do nosso systema industrial.

(5) Hoje ainda as populações das metropoles estaduais representam apenas 14% da população total (43.246.931 h.). Ou sejam: 5.562.266 h.

Dado o rebate de que o caracter nacional está em crise de dissolução, o mais prudente criterio ordena então que se vá saber o estado real desse caracter naquella porção da nacionalidade que mais genuina e numerosamente a representa e, pondo de parte esses tres e meio milhões de urbanos, se ras- treie entre os vinte milhões de rusticos o traço da degeneração. Mas, nessa massa colossal de vinte e tantos milhões de camponeses (6), entre proletarios ruraes e grandes senhores de terra, que formam a base anthropologica e social da nacionalidade, o nosso caracter guarda o timbre, a pureza e a tempera primitivas.

Hoje como hontem, hoje como outróra, hoje como ha tres seculos, todas essas energias interiores, todas essas forças creadoras e vitalizadoras do nosso caracter estão por ahi circulando no seio obscuro dos nossos campos, das nossas florestas, dos nossos sertões e, mesmo, das nossas cidades. Das fortes e sóbrias virtudes dos nossos antepassados, caçadores de indios, de ouro e de esmeraldas, nada da sua essencia se perdeu; todas subsistem na alma singela do nosso povo. Percorrei o paiz de norte a sul, dos litoraes aos sertões: e vereis ainda e sempre, por todo elle, na sua gente, o mesmo natural recolhido e grave, que ha um seculo tanto surprehendera a Saint-Hilaire; a mesma prudencia medida e intelli-

(6) Hoje são 36 ou 37 milhões.

gente; a mesma hombridade sem alardes; a mesma capacidade soffredora; a mesma energia refreida e contida, dissimulada sob as apparencias da molleza ou do descaso; a mesma intrepidez silenciosa; a mesma probidade intangivel e sem par; a mesma hospitalidade acolhedora e confiante; e, principalmente, a mesma paciencia do desconforto, a mesma rusticidade de habitos, a mesma despreocupação da sociabilidade, o mesmo amor da solidão e do isolamento.

III

O que se está passando no Brasil não é degeneração do character nacional; é coisa de outra natureza. O que está dando á nossa sociedade esta apparencia de corrupção e degeneração, por um lado, e, por outro, esta impressão de desalento e egoismo (7) pôde-se compendiar nesta formula synthetica: — *tendencia, de origem recente, das*

(7) Eu escrevia estas linhas numa epoca de profundo scepticismo, em que todo mundo repetia, como um refrão, que o character do nosso povo estava em franca degeneração. Haviamos sahido das agitações da campanha civilista e do quadriennio Hermes, em que as classes politicas e não politicas, interessadas na *curée* do poder, haviam dado as provas mais deprimentes de abdicção dessas velhas tradições de altivez, hombridade e independencia que o Imperio nos havia legado e que a Republica conservara ainda nos seus primeiros dias. Um velho senador da Republica, republicano historico e meio gaiato, creára mesmo uma nova formula

classes superiores e dirigentes do paiz a se concentrarem nas capitaes; dahi, como consequencia, uma crise intensa e extensa nos seus meios profissionaes de subsistencia.

Esta é que é a situação actual do Brasil. E a medicina a adoptar, ou attingirá as fontes centraes do mal, ou não resolverá nada.

de solidariedade partidaria, que animou, por um momento, as secções humoristicas do periodismo da epoca: nos botafóras de qualquer maioral do Governo ou do Parlamento, elle timbrava de ser sempre "o primeiro a abraçal-o".

Outras vezes, esta preocupação encontrava formulas de revelação absolutamente imprevistas. Certo dia, na data do anniversario da morte do tio do Presidente, o seu tumulo, no cemiterio de São João Baptista, amanhecêra inteiramente coberto, não de flores votivas, mas de cartões de visita, encontrados pelo sobrinho, na sua visita matinal, ainda humidos do roscio da madrugada... Nestes cartões liam-se os nomes de figuras de relevo na sociedade, na politica, nas letras.

Tudo isto se reflectia nas camadas conservadoras, afastadas da politica, e provocava um estado generalizado de depressão, de scepticismo, de desconsolo, de tristeza, de enorme vexame patriotico.

Bilac, como um vate, penetrou-se desta desconsolação geral — e procurou reagir, buscando uma formula salvadora.

Dahi a sua campanha pelo serviço militar obrigatorio. Para elle o correctivo desta degeneração estava no culto da disciplina militar, no espirito de obediencia e patriotismo que lhe é insito.

Dahi resulta que o plano principal de uma verdadeira reacção renovadora está, antes de tudo, em formar, por meio de uma grande e poderosa campanha social, um largo e sonoro ambiente espirital, dentro do qual possamos voltar á pratica das nossas antigas virtudes tradicionaes, as unicas que nos permittiram fundar e organizar, nesta parte da America, uma nacionalidade, sem grandes feitos de guerra é certo, mas não menos gloriosa nos seus

Eu, naquella epoca, via o problema de um ponto de vista um tanto unilateral, — sob um outro angulo. Parecia-me que Bilac fizera a *diagnose* do mal; não, a sua *etiologia*. Collocando o problema sobre outras bases, que me pareciam corresponder mais á realidade desta etiologia, sustentei contra Bilac que o problema era de “retorno aos campos”, donde haviamos desertado desde 1888. Hoje, sou por uma formula conciliadora, fundindo estes dois objectivos, que não são de modo nenhum incompativeis.

Esta a origem deste pequeno estudo, que foi publicado pela primeira vez em *O Paiz*, onde iniciei a minha carreira de escriptor. Sahira sob a forma de artigo na famosa setima columna daquelle jornal aristocratico; causára certa impressão nos meios militares e no grupo que cercava Bilac, com Gregorio da Fonseca e outros. Escalaram, então, Alcides Maya, hoje meu confrade de Academia e, como eu, collaborador daquelle folha, mas da primeira columna, para me dar a resposta. E' escusado dizer que Maya se desempenhou da incumbencia como se esperava que o fizesse — com o talento e o brilho que lhe são attributivos.

feitos de paz. E' no fazel-as cada vez mais queridas e sedutoras aos olhos das nossas gerações de hoje e de amanhã; é na renovação desse velho culto nacional da Terra opima e nutridora, culto em que se formaram e definiram os attributos melhores e mais preciosos da nossa indole nacional, é nisto que está a grande obra a emprehender-se para "regenerar" o nosso character e para "nacionalizar" a nossa alma.

Bem sei que dizem ser o nosso maior mal o excesso dos *doutores*, dos *politicos* e dos *burocratas*. Mas, entre o presente e o passado ha esta differença, que é necessario assignalar.

Nos velhos tempos, a tendencia dominante entre os doutores e os politicos era toda para o campo: a vida profissional do doutor e a vida publica do politico tinham sempre como centro de gravitação o dominio rural, isto é, a fazenda, com os seus gados, os seus cafesaes, os seus cannaviaes, os seus engenhos, a sua numerosa escravaria (8). Esta é que era a aspiração dominante das classes superiores e dirigentes do paiz, durante o Imperio. Depois de 88 (e talvez um pouco antes), esse ideal desapareceu dentre as aspirações das altas classes, que entraram a cultivar um outro ideal: — e fizeram então do emprego publico a sua maior aspiração, a forma mais grata e mais nobre de vida.

(8) v. *Populações Meridionaes do Brasil*, cap. I e II.

Doutores e politicos sempre existiram com abundancia, neste como no antigo regimen. Mas, no Imperio, a relação social dessas duas classes podia ser figurada pela equação: *politico + doutor = fazendeiro*; na Republica, esta equação se altera e passa a ser formulada assim: *politico + doutor = burocrata*. Parece nada; mas, é uma revolução.

O mal não está em todos quererem ser doutores, politicos e burocratas; mas, em todos os politicos e doutores quererem ser burocratas. Este centripetismo burocratico é que está embaraçando a regular redistribuição das vocações individuaes no seio da nossa massa social e perturbando o nosso equilibrio social.

IV

Para corrigir este mal, é claro que não será preciso acabar com os doutores. Essa cantilena das esquinas contra os doutores não passa, afinal, de um refrão importuno. O doutorado é ainda, entre nós, um titulo de polimento, de civilização, de cultura — e estas coisas, principalmente num paiz de analfabetos, não são predicados que se desdenhem. Do que se deve tratar é de estender-se, pela eliminação de certos preconceitos embaraçantes, o campo de acção do doutor, por maneira que elle, que tem a sua actividade limitada exclusivamente ao circulo das profissões liberaes, cada vez menos compensado-

ras, possa resolutamente estendel-a para mais além, — para o campo de outras profissões mais lucrativas —, sem o receio de “desclassificação” (9). Toda a questão está ahí.

O dia em que os nossos doutores e os nossos politicos actuaes assentarem, *como as gerações de ha cincoenta annos passados*, na posse tranquilla de um dominio rural o seu ideal de felicidade, a alegria voltará ao nosso povo; o tonus moral da sociedade se revitalizará de prompto; a lueta pelas posições não imporá ás consciencias o sacrificio dos seus escrupulos superiores; as classes cultas e dirigentes

(9) Hoje, este preconceito já está muito attenuado, ou esvanecido. Ha já muitos bachareis e medicos que se fazem industriaes, sem incorrerem em “desclassificação”. Mesmo o alto commercio importador ou exportador tambem já não desclassifica o diplomado: em São Paulo, o commercio exportador de café é, ao contrario, uma dignidade. O commercio retalhista, porém, mesmo em alta escala, este continua ainda socialmente incompativel com a situação do “doutor”: dahi serem os diplomados que a elle se lançam considerados “fracassados”. Já não acontece o mesmo com a actividade bancaria: esta sempre classificou entre nós os individuos que a praticam. Prova disto é o facto de que, na nobreza local do Imperio, os titulares só eram escolhidos entre os *proprietarios ruraes* e os *banqueiros*; nunca, entre os *commerciantes* (v. a collecção do *Almanach Laemert* daquella epoca, na parte relativa á discriminação das classes sociais nas provincias, as do Rio de Janeiro e Minas principalmente.)

terão dado á sua vida uma outra estabilidade; e o virus do faccionismo se fará menos nocivo á economia do paiz.

Pois não vimos velhos estadistas como Antonio Prado, philosophos como Pereira Barreto e escriptores como Affonso Arinos entregues com ardor a especulações de carcter pastoril e industrial? E não vimos tambem um politico, dos maiores da nossa terra, João Pinheiro, recluso na sua ceramica de Caeté? e Assis Brasil, exilado na sua estancia de Pedras Altas?

Estes, sim, são os modelos, estes, sim, *devem* ser os modelos do brasileiro de alta classe: o nosso povo, durante mais de tres seculos, não conheceu jámais outros. E como seria util e fecundo, então, falar á mocidade, e ao seu facil enthusiasmo, da belleza calma e grave dessas nobres figuras, guardando, no meio do "arrivismo" contemporaneo e da fuga ao esforço, que caracteriza as gerações actuaes, as antigas, as austeras, as fortes virtudes ruraes da nossa raça!

E' a apologia dessas virtudes hereditarias e historicas, dessas nossas primitivas virtudes fundadoras, que devemos fazer, desde já, pela palavra e pelo exemplo. Os "professores de enthusiasmo" têm ahi, ao lado dos pensadores e dos estadistas, um campo admiravel á sua sementeira apostolica. Para enfiar a nossa mocidade não basta instruil-a

no manejo da espada — symbolo brilhante desse patriotismo militar, que é muita coisa; mas, é preciso, sobretudo, ensinal-a a amar a terra, a amar o campo, a amar o arado e a sua jugada — symbolos toscos e obscuros desse patriotismo civil, que é quasi tudo.

Este patriotismo civil praticamol-o nós, praticaram todas as gerações anteriores á nossa, durante quatrocentos annos; e, emquanto o praticamos, fomos saudaveis, prosperos, grandes e felizes (10).

(10) Pergunto a mim mesmo o que não valeria para o reavivar deste amor á terra, para a criação dessa mystica do “retorno aos campos” e á sua paz creadora e fecunda, a tradução dessas duas obras primas da arte e da sciencia francezas: *Le livre de raison*, de Jacques de Pesquidoux, e a *Histoire de la campagne française*, de Gaston Roupnel. São duas maravilhas do genio literario da França, cuja leitura, num paiz fundamentalmente rural como o nosso, devia ser obrigatoria nas escolas primarias e secundarias.

Estas duas obras estão pedindo uma traducção portugueza. Traducção que seja tambem uma adaptação intelligente do seu texto ao nosso meio e ás nossas cousas; a ser feita por um prosador authentico, mestre subtil e fino da palavra e do estylo e conhecedor tão seguro do nosso vernaculo como do vernaculo francez. De momento, só me occorrem para esta tarefa delicadissima, com um desempenho á altura, dois nomes: Monteiro Lobato e Guilherme de Almeida.

MINAS DO LUME E DO PÃO

I

POUCO antes de embarcar para Minas, um mineiro dos mais typicos, descendente de uma das mais tradicionaes familias dalli, disse-me: — Para conhecer o mineiro, no seu genio, nos seus costumes, na sua hospitalidade, é preciso não ficar na zona da Matta; a Matta está muito infestada de fluminenses. É preciso ir mais para o centro — a Ouro Preto, a Diamantina, a Marianna. É ahi que está Minas.

E' provavel que assim seja. Póde muito bem ser que, ampliando mesmo o meu campo de observação para além da região montanhosa, indicada pelo nosso amigo, outrora região dos grandes centros mineradores e hoje região principal da vida religiosa de Minas; estendendo-me para as zonas do Oeste, onde estão S. João d'El-Rey, Lavras e Oliveira, bellos centros de actividade agricola e criadora, e para as ricas zonas da Matta — para Leopoldina e Cataguanzes, onde outrora floresciaam os cafesaes famosos; pode bem ser que o typo do mineiro me surgisse outro, sob outros contornos e outro colorido, que não

aquelle sob que me appareceu na zona atravessada pelos trilhos da Central. Mas, não creio que as variações regionaes sejam tamanhas, que os mineiros de Juiz de Fóra, de Palmyra, de Barbacena, de Bello Horizonte, por mim observados, não possam ser tomados como representativos do mineiro em geral, nem que a sociedade desses logares não contenha os elementos essenciaes para um julgamento approximativo da sociedade mineira no seu conjuncto. Pelo menos, a de Barbacena, que encerra uma das melhores tradições da historia de Minas.

Dos mineiros venho sabendo desde os dias da mais tenra infancia. Elles se prendem a mim por uma pequena reminiscencia, uma doce reminiscencia dos tempos de meninice, que já lá vão, passados numa velha fazenda dessa baixada fluminense, tão opulenta outrora e hoje tão malignada e empobrecida.

Foi depois da Abolição, talvez mesmo depois da guerra civil, já em pleno climax da febre caféeira. Por esses campos desolados pelo exodo escravista, corria, por esse tempo, a voga de uma cantiga, que nunca mais esqueci. Pelas estradas silenciosas da minha aldeia natal, — cheias, lembro-me bem! da luz doce dos seus grandes luares — os pequenos Carusos ruraes passavam cantando, numa toada semelhante á da canção dos tropeiros:

Vou-me embora para Minas,

(diziam com voz tremula e longa, alagando de melancolia a solidão da noite illuminada),

Vou-me embora para Minas,

Mineiro está me chamando.

Mineiro tem mau costume:

Chama a gente, e vae andando!

Nunca pude comprehender a razão desse preconceito dos meus conterraneos sobre os mineiros. Tentei explical-o dizendo que, naturalmente, elles, que, por aquella epoca, costumavam descer para essas planicies em busca de braços para as suas lavouras rendosas, traziam os bolsos recheiados. Chegavam, convidavam, desenhando ante a imaginação do planicola arruinado uma perspectiva de grandeza e fortuna nas suas plantações; mas, não insistiam; era si quizesse; e iam andando... Talvez fôsse isto. O que é certo que esta impressão me ficou — como toda a impressão que se cunha na cêra molle do nosso character em formação. Subindo para Minas agora (11), levava ainda a curiosidade de verificar a verdade desse extravagante preconceito.

Ora, nada mais absurdo. Posso affirmar, com as certezas de uma longa observação, que os mineiros, pelo seu temperamento, são absolutamente incapazes dessas attitudes de arrogancia ou orgulho.

(11) Fins de 1917 e começos de 1918.

Elles exprimem, mais do que nenhum outro, os aspectos mais brandos da nossa indole nacional. Essa tradição do nosso folk-lore regional continuó a não saber como explicar.

II

Nesse estudo sobre Minas deixarei de lado a Minas rural, do pastoreio e das lavouras, que não me foi possível observar directamente. Deixarei de lado a Minas metallifera, do ouro, do ferro e do manganéz. Deixarei de lado a Minas intellectual. Deixarei de lado a Minas da politica e da politicalha, a Minas da administração e a Minas dos coroneis. Quero descrever unicamente a Minas intima e domestica, a Minas que se reune em torno da mesa familiar para compartilhar o pão da amizade e junto ao lume larario para os ritos do culto da hospitalidade. Desta é que falarei, resumindo as impressões de seis longos mezes de convivencia entre esses serranos.

Meditando sobre Minas e a alma mineira, vem-me sempre á lembrança uma pagina encantadora de Renan, em que o incomparavel historiador do christianismo descreve a psycologia intima dos povos de sua Bretanha natal:

— “Nunca familia humana viveu mais isolada no mundo e mais pura de qualquer mistura estrangeira — diz elle. E’ nesta vida retirada, nesta desconfiança de tudo que vem de fóra, que se deve pro-

curar a explicação das linhas mais intimas da indole da raça celtica. Esta raça tem todos os defeitos e todas as qualidades do homem solitario: activa e timida, poderosa no sentimento e fraca na acção; em casa — livre e expansiva, fóra — esquivada e acanhada. É por excellencia uma raça domestica, nascida para a familia e as doçuras do lar. Em nenhuma outra o laço do sangue tem sido mais forte, criou mais deveres, ligou o homem ao seu semelhante com tanta extensão e tão profundamente. É opinião espalhada neste paiz que o sangue fala e que dois parentes desconhecidos, encontrando-se em qualquer parte do mundo, se reconhecem pela secreta e mysteriosa emoção que experimentam diante um do outro”.

Renan não teria alterado sequer uma linha a esse quadro admiravel, si, ao envez dos celtas da Bretanha, tivesse observado esses serranos sedentarios e frugaes. Como o homem da Armorica, o homem da Mantiqueira é o homem do lar. Todas as particularidades que pude observar, como caracteristicas da gente de Minas, têm a sua explicação primaria neste irreductivel exclusivismo familiar do mineiro. Todos nós brasileiros somos mais ou menos assim: em todos nós, homens do sul, do centro ou do norte, o viver domestico é em tanta maneira absorbente, que a vida publica e social soffre a acção dessa preponderancia, e se attenua. Em Minas, porém, mais do que em nenhuma parte: é aqui, nestas montanhas, nestes campos, que podemos sen-

tir, na sua nitidez e relevo, os contornos mais subtis e intimos dessa modalidade da psychê nacional (12). Em Minas, o lar é um centro solar; todas as forças sociaes cedem diante da sua attracção poderosa e dominadora; a profunda concentração do homem em torno da ara domestica como que creia alli o vacuo para fóra de tudo o que não seja a familia. Comprehende-se agora aquella phrase de Saint-Hilaire: — “dans ce pays la société n'existe point et, á peine, y pouvait-on découvrir quelques elements de sociabilité” (13). Na vida das suas pequenas cidades, Palmyra ou Barbacena, como na vida das suas grandes cidades, Juiz de Fóra ou Bello Horizonte, nos seu comicios, nas suas festividades, nos seus circulos sociaes, nos seus theatros, na multidão e no individuo, em tudo decobrireis as impressões indissimulaveis desse fundo instincto patriarchal.

III

Considere-se a attitude particularissima dos mineiros diante dos forasteiros que os procuram no recesso amoravel das suas montanhas. Sentireis ahi as influencias subtis e delicadas do lar, modelando uma das mais amenas e doces indoles de povo que tenho conhecido.

(12) v. *Populações meridionais do Brasil*, cap. III, § II.

(13) *Saint-Hilaire — Voyage aux sources du São Francisco*.

Nas suas relações com os adventícios, o traço mais distintivo dos mineiros é, com effeito, uma certa amenidade de trato, uma certa brandura e singeleza de maneiras e uma grande delicadeza natural, que nos deixam perfeitamente seguros e despreocupados de qualquer possibilidade de offensa a esses pequenos melindres de amor proprio, que constituem o centro nevralgico da nossa personalidade nas relações do mundo. Sobre este ponto, elles possuem um tacto agudissimo e, com isto, revelam possuir não apenas uma fina intelligencia e uma fina educação social, mas tambem e antes de tudo, uma fina sensibilidade moral. É precisamente dessa delicadeza muito apurada dos seus sentimentos que resultam estas suas attitudes amaveis e discretas, cordiaes e polidas, singelas e modestas, que tanto acariciavam a sensibilidade aristocratica de Saint-Hilaire. Este naturalista, que viajou todo o Brasil meridional, tinha um certo fraco por elles e só se sentia bem entre os mineiros — entre “os meus bons mineiros”, como costumava dizer. Os fluminenses nunca lhe estiveram muito nas graças e é sempre com concentrada amargura que a elles se refere: — “Surtout chez les gens riches, on trouve dans la capitainerie de Rio de Janeiro peu d’hospitalité” (14).

(14) Saint-Hilaire — *Voyage au Rio Grande du Sud*, p. 501.

Da minha experiencia pessoal, posso dizêr que, vivendo entre esses serranos longos mezes, nunca lhes surprehendi a menor indelicadeza ou irreverencia; nada que ferisse a epiderme das minhas susceptibilidades, aliás vivissimas. Sempre os encontrei, desde os mais graduados aos mais simples homens do povo, cortezes, prestimosos, attentos, sempre finos nos modos e nas palavras. O encanto do seu convivio está em que elles sabem, como ninguem, respeitar a personalidade dos estranhos. Ou muito nos enganamos, ou este é que é o verdadeiro sentido, o intimo sentido, o sentido por assim dizer esoterico da tradicional hospitalidade mineira. E' sob este aspecto que podemos dizer que os mineiros são hospitaleiros: e da minha parte não pediria mais — e viveria alli a vida inteira. Os que, ouvindo falar da hospitalidade mineira, júlgam encontrar alli as acolhidas ruidosas e francas, o largo sacudir de braços amigos, a sociabilidade explosiva e insóbria, a camaradagem facil e de primeira abordagem, os lares accessiveis, enganam-se e terão, como eu a principio tive, uma decepção amarga. Essas expansões só acontecem no norte ou no extremo-sul; o homem do centro-sul, o mineiro principalmente, é reservado, retrahido, pouco expansivo e só lentamente se afaz á confiança e á intimidade. O forasteiro que vem dos grandes centros sempre lhe parece a elle um observador ironico, um critico irreverente e mordaz dos seus costumes, dos seus

habitos de vida e das suas cousas. É preciso, por isso, uma grande prudencia no tratar com elles; qualquer restricção, uma pequena critica, mesmo um elogio exagerado, fal-os logo recolherem-se, desconfiados e inquietos. Para a gente que vem do Rio (os "cariocas", como chamam) é então enorme a sua reserva. Vezes havia em que, depois de muito conversar com este ou aquelle, em palestra despreocupada e chã, lá vinha o momento em que percebiam que era do Rio.

— O senhor é do Rio?!

— Sim.

Fechavam-se. Encolhiam-se. O caramujo entrava na casa. Dahi por diante continuavam, como sempre, cortezes e attenciosos; mas, já agora, impenetraveis e esquivos.

Essa esquivança, essa impenetrabilidade, essa reserva causou-me, nos primeiros tempos, um certo amarume; começamos a duvidar mesmo dos mineiros e da sua apregoada hospitalidade. Depois, com o tempo, entramos a comprehendel-os melhor na intimidade da sua alma e vimos então que essa reserva é apenas uma attitude defensiva diante dos estranhos, que não conhecem bem e de cuja sinceridade desconfiam. Tudo isso desaparece, desde que o forasteiro lhe ganhe a confiança. Então peccam pelo excesso contrario — por uma confiança exagerada.

Certa vez tivemos, como companheiro de hotel, um hespanhol intelligentissimo e viajadissimo, falando quatro ou cinco linguas, homem que havia percorrido toda a America do Norte, o Mexico, as Antilhas, o Chile, a Bolivia, o Perú, o Paraguay, onde conversára com Albino Jara, a Argentina, o Uruguay e que, por fim, entrára por Matto Grosso e viera até São Paulo. Dahi descera até o Rio, como secretario de uma companhia chilena de saltimbancos. Exhibia titulos fidalgos, dava-se como marquez e era de vel-o falar, com emphase, em "la sangre azul de mis abolengos". Havia sido mil coisas, desde advogado em Hespanha e senhor de "hacienda" em Cuba, até copeiro de hotel em Barbacena. Era talvez um pobre homem; mas, tambem podia ser um aventureiro. Habil, insinuante, conversador amavel e vivaz, esse homem em poucos dias impoz-se á confiança de todo mundo alli. Mais tarde, encontrei-o agente commercial de grandes casas de Belo Horizonte e Juiz de Fóra, movendo, naturalmente sem outra garantia sinão a da sua palavra, sommas avultadas...

IV

Da preponderancia absorvente da vida de familia resulta para o mineiro uma extrema restricção dos circulos da sociabilidade. Mesmo em cidades adiantadas e polidas, como Barbacena, o ambito das

relações sociaes é diminuto, si o compararmos com a sociabilidade praticada nas pequenas communidades fluminenses, onde as visitas, as reuniões, os bailes se multiplicam e se succedem entre as familias de uma mesma cidade. Dizem que em S. João d'El-Rey a sociabilidade é maior; mas, não creio que estas variações locaes alterem a minha observação sobre esse aspecto particular do povo mineiro e da sociedade mineira.

Prova excellente desses habitos reclusos e caseiros do homem de Minas está em que os mineiros não frequentam os seus jardins e os seus parques. Em Juiz de Fóra, em Palmyra, em Barbacena, em Bello Horizonte, os parques e os jardins estão sempre desertos, já não direi de moças e rapazes, mas mesmo de crianças. Em Barbacena, era o unico frequentador do pequeno parque da Praça da Intendencia, onde, á sombra austera dos seus ciprestes, das suas figueiras e carvalhos, passei os dias mais encantadores da minha vida. Nunca percebi alli, porém, alegrando-o, uma ronda alacre de crianças. Os transeuntes passavam, rapidos, fugazes, como si entre aquellas arvores tranquillias se acoutasse alguma alcatéa de sacys...

No entanto, esses climas montanhezes são a patria das arvores e das flores. Nos jardins publicos e particulares, os crysanthemos e as dhalias, principalmente, floream com uma exuberancia primitiva. Os crysanthemos vermelhos, então! Estes

ostentam nas corollas estellares um carmim tão vivo que fulgura: e entre a folhagem verde-claro das suas touças vicejantes, bolouçam-se e fremem, ardentes e rubros como chammas. Nunca vi rosas maiores e mais vermelhas, nem cravos mais radiantes e perfumados do que em Barbacena — e é sempre com saudade que recordo os seus tufos de giestas, tão exóticos nestas paragens e sempre lindamente recobertos de florículas cor de ouro.

Em Palmyra, quando ahi cheguei, em janeiro, toda ella andava cheia do perfume inebriante das magnolias amarellas. Havia alli um pequeno jardim, no Largo da Matriz; pequeno, mas cuidado e encantador pela sua boa sombra e pelos seus baledos de roseiras, sempre floridos. Durante os dous mezes que alli passei, nem um só dia deixei de ir pousar á sombra olente das suas magnolieiras em flor, pela tarde, á hora desses maravilhosos crepusculos de Minas, longos, lentos, radiosos, em que o ar, muito leve, que circula e nos envolve, se embebe de tanta luz e claridade que é como si estivessem a arder, numa incandescencia subtil, os seus proprios elementos. Tambem alli os unicos frequentadores do jardim eramos eu e algumas familias de veranistas. Da gente local, ninguem.

É verdade que o mesmo acontece no Rio; tambem aqui os jardins ficam desertos; mas, no Rio, ha mil e uma diversões, que estas pequenas cidades não conhecem. Só uma indole muito reclusa, muito

aferrada ás commodidades do lar, explicará esta geral despreocupação de gosar um pouco de luz e ar, á sombra amiga das arvores.

Este feitio de temperamento mineiro encontrei-o em Bello Horizonte, cidade modernissima. Bello Horizonte é uma admiravel cidade do ponto de vista da architectura. No meio dessas soberbas edificações, desses bellos palacios, dessas avenidas tão amplas, tão claras, tão alegres, tão lindamente arborisadas, não se vê, porém, o homem. E' uma cidade deserta: esta reclamando transeuntes. O mineiro é já de si mesmo retrahido, recluso, organicamente sedentario; nesta vastidão edificada, em que o collocaram, a sua reclusão resalta ainda mais, fére mais a attenção do forasteiro, vindo do denso formigueiro carioca. Nas horas de maior agglomeração, o movimento das ruas, nos pontos principaes é inferior ao de Niteroi, mesmo nos dias uteis, ou de qualquer estação suburbana do Rio. Essa cidade, tão formosa e grande, não está, porém, despoçada; ao contrario, está inteiramente habitada; apenas, não se vê o habitante. O velho proloquio que diz que "boa romaria faz quem em sua casa fica em paz" — tem para o mineiro, embora já urbanizado, como o horizontino, o valor sagrado de um versiculo biblico para um puritano do tempo dos Stuarts...

Mesmo reunido em multidão, o mineiro não perde esses caracteristicos. Nada mais interessante de

se ver do que uma multidão em Minas: nenhuma mais calma e menos ruidosa. Tive ocasião de observá-la em Palmyra — pelo carnaval; em Barbacena — pelos festejos da Semana Santa; em Juiz de Fóra e Bello Horizonte — nos theatros, nos cinemas, nos cafés, nos pontos elegantes, nos comícios eleitoraes, nas solemnidades officiaes: e sempre a vi assim, silenciosa, pacata, respeitosa, como si se movesse dentro da nave de uma igreja. Eram sempre os mesmos homens de gestos moderados, falando baixo, a meia voz, como se estivessem contrafeitos no meio do tumulto. Qualquer desses grandes pintores de multidões e da sua vida tumultuaria, Taine, Zola ou Jean Lombard, nada veria, contemplando uma multidão mineira, capaz de impressionar-lhes a palheta de coloristas. Sente-se que o mineiro não respira bem no meio da multidão; que as agitações da vida publica não o seduzem; que é o lar, a vida privada, o campo predilecto da sua actividade. Só ahi elle se sente bem, respira bem, oxygenisa e arterialisa o seu sangue e a sua alma.

V

Este culto do lar e dos sentimentos e preconceitos correlativos, reflecte-se nas relações sociaes dessa gente serrana sob as modalidades mais expressivas, principalmente nas relações entre moças e rapazes. Estas são alli de uma ingenuidade en-

cantadoras, trescalam um certo perfume de innocencia e revestem-se de uma pureza que já não encontramos mais nos centros civilizados do littoral. E' assim, por exemplo, que a linguagem das flores, tão do gosto dos nossos avós dos romances de Macedo, ainda entra alli em muita copia como elemento de expressão predilecta; alli se sabe, talvez como em nenhuma outra parte do mundo, que a flôr ao lado quer dizer: — "cuidado"! e, quando á cintura, quer dizer: — "ternura". O derriço á janella, o "flirt", a bolinagem nos cinemas, tão habituaes nas sociedades das grandes capitaes, são coisas demasiadamente progressivas para essa sociedade, medalhada á antiga; fariam escandalo. O homem alli guarda ainda pela mulher, o seu pudor, a sua dignidade, a sua honra, esta sorte de respeito supersticioso, que era o timbre distinctivo do cavalheirismo entre os nossos antepassados.

Sob este aspecto, o que observei alli é que tudo se resume numa tróca de olhares, quando moças e rapazes se cruzam e se recruzam nos passeios, nos dias domingueiros. Vão as cousas correndo assim por essa toada longo tempo, até que lá um dia vem, inesperadamente, o pedido. Este era, outrora, antes de 88, um passo solemnissimo; era feito por um amigo commum, homem severo e respeitavel, que, ao partir para a sua missão, nunca deixava de vestir a sua sobrecasaca preta e dar á physionomia o ar grave e compenetrado dos grandes mo-

mentos. Era tambem inevitavel o elemento surpresa: — surpresa commovida da predilecta, surpresa fingida da mamã, surpresa sincera do papá, que franzia o sobr'olho, reflectindo. Hoje, aqui, na nossa sociedade ultra-modernisada, tudo isso acabou e é o proprio candidato que vae a casa do papá, desembaraçadissimamente, bem barbeado, bem penteado, bem perfumado, as roupas claras, o palheta novo, a bengala girando entre os dedos em molinete e á lapela o cravo rubro, gritando a certeza do triumpho. Os jovens mineiros não estão assim tão adiantados; ainda utilisam, em larga escala, do homem da sobrecasaca preta; ainda padecem as torturas da expectativa e da incerteza; ainda fazem rolar muita lagrima de alegria pela face, sempre bella e pallida, de Olga, Maria ou Leonor...

VI

Estas pequenas comunidades mineiras se encontram, evidentemente, para quem as observa com attenção, numa phase de franco desequilibrio social. Entre os symptomas indicativos desse desequilibrio, podemos assignalar um certo desacordo entre o systema de *meios* de existencia e o systema de *modos* de existencia ali dominantes.

Dentre as provas dessa instabilidade e desse desacordo resalto o facto da "emigração dos mancebos". Em regra, os rapazes das classes melhores

dessas pequenas cidades, assim que entram em adolescência, ou se emancipam, emigram, em grande numero, para maiores centros de actividade — para Juiz de Fóra, para Bello Horizonte, para o Rio ou, mesmo, ás vezes, para S. Paulo, em busca de collocação, que não encontram no meio acanhado dessas pequenas communidades.

Dahi vem esse outro facto interessante, essa outra prova do desequilibrio assignalado e que tive ampla oportunidade de verificar em Palmyra e Barbacena: — a sensibilissima desproporção entre a consideravel massa feminina em condições de nubidade e o numero dos rapazes casadouros, numero extremamente reduzido. Barbacena, por exemplo, gosa da fama de possuir as mais lindas moças de Minas. Realmente, vimos alli typos femininos dos mais graciosos e galantes; ha alguns mesmo formosissimos. Entretanto, o coefficiente da nupcialidade é, nesta cidade, relativamente pequeno (15).

Para isto concorre tambem um outro facto, que é, por seu turno, uma nova prova do alludido desequilibrio — e já agora consistindo no desaccordo entre o ideal de belleza e as condições reaes do meio. Porque essa deficiencia de “rapazes da cidade”

(15) Sel-o-ha ainda hoje? O coefficiente da nupcialidade está muito preso ao progresso economico — e estas cidades tem ultimamente crescido muito no tocante ás industrias e ao commercio. Hoje, devem alli existir “oportunidades” que então não existiam.

podia ser supprida pela contribuição provinda das zonas ruraes, pela "rapaziada das fazendas", outróra viveiro de noivos, gente leal, honrada, operosa, fundida ainda nos moldes anteriores a 88. Esta gente da roça, porém, já não corresponde mais ao ideal de belleza masculina das moças dessas pequenas cidades, todas com a visão educada pelos modelos de Hollywood ou vindos, como veranistas, das grandes metropoles da elegancia: o Rio, São Paulo, Bello Horizonte. Os modos rusticos e desaprumados desses camponios, o ar canhestro e encolhedio, o mau gosto dos trajés, o collarinho sem lustro, a gravatinha no páu, o palitó mal feito e apertadinho, cortado acolá no Jorge Turco — tudo isto faz com que já não tenham mais sobre ellas o antigo poder de seducção.

VII

Essas feiturás da alma mineira, essa singeleza, essa sobriedade, essa reserva, esse espirito patriarcal, esse culto do lar, donde lhe vem?

Não é difficil responder. Vem do campo; é na formação rural do proprio povo que ellas buscam as suas origens e o cunho que as distingue. Como todos os brasileiros, o mineiro é fundamentalmente um homem do campo, um homem de formação rural (16).

(16) v. *Populações Meridionass do Brasil*, I, cap. 1, § V.

Essas influencias ruraes, comtudo, não actuaem dessa maneira apenas pelo facto de serem ruraes; actuaem, modelando este feitio especial do character mineiro, porque se exercem dentro de um regimen economico particular ao nosso povo — o regimen do grande dominio rural, isto é, o latifundio fazendeiro. Este é que, pela sua enormidade territorial, restringindo o circulo da sociabilidade, isola as familias e as habitua á solidão (17).

O vinco rural é tão forte, tão estructural no character mineiro, que é facil reconhecê-lo mesmo nos individuos sujeitos á pressão de um meio altamente urbanizado, como é Bello Horizonte. Os que construíram essa esplendida cidade quizeram talvez urbanizar a alma mineira. Deram-lhe então o luxo sumptuoso das avenidas, a imponencia dos bellos palacios, até a maravilha de uma iluminação electrica, que faz dessa cidade, crepitando em myriades de globulos rutilantes, uma cidade de conto feérico, como si o ceu de Minas, tão tranqullo e tão lucido, a recobrisse com o estendal das suas estrellas. Mas, a alma mineira, feita do bom metal antigo, o metal da nossa antiga simplicidade patriarchal, entra essa cidade e, ao envez de se deixar absorver por essas maravilhas, derrama, ao contrario, sobre essas praças, tão radosamente batidas do sol, a sua tranquillidade, a sua frugalidade, o seu isolamento, o seu

(17) v. *ob. cit.*, cap. III, § II.

doce espirito familiar, elaborado nas suas herdades ruraes, onde só habitam o socêgo, a modestia e a paz.

VIII

Essas influencias ruraes, é certo, não agiram sós na modelagem do character mineiro. Ha tambem um outro factor de differenciação, que não deve ser esquecido. Elle contribue grandemente para caracterizar a sociedade mineira e distinguil-a da sociedade paulista, que lhe deu origem.

Os paulistas antigos, — quando entram a expandir-se pelos chapadões do interior, nos quadrantes do sul, do oeste e do norte, caçando indios, fundando curraes, descobrindo ouro e diamantes, — formam, como é sabido, já uma população differenciada pela acção do nosso meio americano, já distincta, pela estructura e mesmo pela mentalidade, da velha sociedade peninsular originaria.

Descobertas as jazidas auríferas dos chapadões mineiros, para alli carrearam os paulistas uma população numerosa e, com ella, a sua civilização particular, o seu typo social, os seus costumes, as modalidades especificas do seu temperamento e do seu genio. Nelles teriam, por certo, perpetuado essas antigas formas do seu espirito e da sua cultura, se alli se tivessem insulado, livres de contactos perturbadores — como ocorreu nos altos platós ca-

tharinenses de Lages, Curytibanos e S. Joaquim, onde a sociedade pastoral, que alli vive, guarda ainda traços sensíveis dos seus antepassados das bandeiras (18).

Em Minas, porém, dá-se a intervenção de um factor novo, que altera profundamente a feição inicial daquella população. É a aparição dos “emboabas”. Estes entram esses chapadões auríferos em corrente grossa e compacta e acabam, depois de luctas sérias, sobrepujando os primitivos colonizadores. Ora, esses “emboabas” não haviam soffrido nenhuma differenciação, derivada de uma longa estadia no meio tropical, ao subirem para Minas. Das caravelas, que os trazem das praias luzas ás praias americanas, elles se transladam, em grandes massas, até os altos plátos, onde se agita a sociedade revolta das minas. Só alli é que se opera a transformação dos seus costumes, sob a ação do novo meio. De modo que os contingentes luzitanos entraram na formação da gente mineira em condições muito particulares: — mais densos, menos dispersos, mais puros. Dahi serem os mineiros, dentre os diversos grupos regionaes da nossa população, talvez aquella em que mais typicamente se revelem os “caracteres” e “complexos” da cultura peninsular originaria.

(18) v. *Populações Meridionaes do Brasil*, I, cap. VI, § III.

Essa concentração de fortes massas luzas, sem um estagio de adaptação anterior, parece ter-se dado tambem no extremo-sul com os colonos açorianos, que alli se fixam e se caldeiam com a poulação primitiva, egualmente oriunda dos planaltos paulistas. Nos pampas do extremo-sul, é possivel que o elemento preponderante na formação da sociedade gaúcha seja o alentejano, isto é, o portuguez do sul, temperado de celta e de arabe. No centro-sul, é o portuguez do norte, — o duriense, o minhoto, o beirão, o transmontano, — mais forte de sangue celta e godo —, o elemento mais activo da differenciação.

Nos mineiros, principalmente, essas affinidades de temperamento e de costumes com o luzo do norte parecem-nos perfeitamente discerniveis, especialmente no tocante á organização da familia: o portuguez é tambem uma raça essencialmente domestica. De modo que o meio rural de Minas teve esta grande funcção, que foi accentuar ainda mais aquelle attributo originario.

Por outro lado, a situação estrictamente continental do Estado, o insulamento natural da sua população, o desvio das novas correntes immigratorias para os chapadões paulistas — tudo isto permittiu que esses serranos mantivessem até agora, com relativa pureza, apezar da sua crescente modernisação, as tradições da sua antiga sociedade, modelada sob a acção conjugada da influencia luzitana e do meio rural.

Os mineiros, bem o sei, não se sentem muito lisongeados quando enaltecemos o seu tradicionalismo: é como se os julgássemos atrasados ou rotineiros. Esquecem que — *a grandeza de um povo está na força de persistencia dessas tradições familiares e domesticas, que são a expressão mais typica do seu character nacional.* Mantel-as tanto quanto possivel dentro da fatalidade evolutiva da civilização — eis o ideal de um povo consciente da sua personalidade e orgulhoso do seu espirito. Nada mais edificante do que esses camponios da Bretanha, cujas tradições millenarias ainda se resentem da frescura e da espontaneidade dos primeiros dias e de quem Maupassant disse que, ao mostrarem-lhe a mesa, onde se sentára Cezar, “falavam-lhe de Cezar como de um antepassado que tivessem visto”...

IX

De Minas não guardo apenas a recordação de suas paizagens tranquillias, dos seus horizontes infinitos, dos seus climas amenos e hospedeiros e desses ares purissimos que a varrem, saneiam e salubrizam. De Minas guardo tambem o encanto de me ter revelado, no recesso de suas montanhas, um Brasil, de que tinha apenas uma lembrança muito vaga, porque lembrança da mais verde juvenildade: — o Brasil patriarchal, de que falavam os nossos avós, conservando, ainda quasi intactos, esses

antigos costumes, tão cheios de penetrante poesia, que a civilização dos littoraes, na sua expansão incoercível, vae rapidamente destruindo.

Esses costumes, essas tradições, esses modos, essas feitura da velha alma mineira, assim tão repassados do nosso espirito nacional e do calor do nosso solo, souberam á minha sensibilidade, ao meu espirito, aos meus instinctos nativistas, como ao paladar dos entendedores os vinhos caros de uma frasqueira: quanto mais antigos, tanto melhores no sabôr, na limpidez e no perfume.

MINAS DA TRADIÇÃO E MINAS DO PROGRESSO (19)

1

VINDO de Ponte Nova, chego a Ubá, no sabbado, á noite. Devia partir para Cataguazes domingo; mas, informam-me que neste dia os trens expressos não correm para ahí. Tenho que permanecer o domingo todo em Ubá. Nestas pequenas cidades do interior, para percorrel-as e conhecel-as um dia é muito; sobra-me tempo, pois. Como a minha provisão de livros é pequena e já está esgotada, resolvi aproveitar o resto do dia para escrever estas notas.

O que me traz á região da Matta é conhecer a grande zona caféeira de Minas, é constatar, pela observação directa, qual o papel que a cultura do café exerce como modificador economico e social da região. Interessa-me saber o modo por que se processa nesta zona caféeira aquillo que os anthropogeographistas chamam "factos de occupação

humana do territorio"; mas, principalmente, verificar a natureza e a amplitude das "repercussões" que o café, na sua phase actual de valorização, está exercendo sobre os nucleos urbanizantes do interior, a sua genese, a sua evolução, o seu progresso. Eu entrava a zona da Matta, descendo em Ponte Nova, depois de ter atravessado parte da zona pastoril de Minas, em Palmyra e Barbacena, e parte da zona aurifera, em Ouro Preto e Marianna. Com este itinerario, o meu intuito era fazer um cotejo entre a condição social da antiga região mineradora, centralizada por Ouro Preto, e a condição social da antiga região agricola, centralizada por Cataguazes. O cotejo resultou num contraste impressionante pela flagrancia do antagonismo entre estas duas regiões.

O trecho da Central constituido pelo chamado ramal do Ouro Preto, que liga Burnier a Ponte Nova, ponto de encontro com a rede da Leopoldina, atravessa a principal região metallifera de Minas. Esta região é riquissima pelas suas jazidas de ferro, de manganez e de ouro; mas, os seus aspectos sociaes não me deram nenhuma impressão de riqueza, prosperidade, progresso. Muito ao contrario, minha impressão é que esta região é economicamente pobre, apesar das immensas riquezas latentes, contidas nas suas jazidas não exploradas ou, quando exploradas, mal exploradas. Em relação ás suas cidades, parece antes que se vão approximando do

typo daquella "Oblivion" descripta por Lobato em *Cidades Mortas*.

O que me impressionou, porém, mais vivamente nesta região foi o aspecto da paizagem rural. Nella não descobri nenhuma cultura, nenhuma documentação do labor humano; era tudo como se estivesse atravessando uma região deserta: onde está o habitante? — eis a pergunta que eu fazia a mim mesmo, observando-a da janella do wagon. De longe, irrompia-me, de relance, da aba de uma collina ou ao fundo de um valle, cheio do rumor das aguas encachoeiradas, um tecto de sapé, uma pequena cabana, denunciando a presença do homem. Mas, olhava em torno, interrogando — e nada: nem uma haste de flôr, nem uma copa pomareira, nem um talo de milho; apenas o vasto, o permanente, o continuo manto campinoso com que Deus cobrira, na sua magnanidade, todos aquelles valles e aquellas collinas. Nada mais. Dir-se-ia o Paraiso do Capim Melado... antes da chegada do Homem.

Esta desolação universal acabou reflectindo-me na alma: enchi-me tambem de descrença, de desanimo, de pessimismo. Comecei duvidando do valor da gente mineira; acabei duvidando mesmo do valor da nossa gente...

Foi neste estado d'alma que desci em Ponte Nova, ás 7 horas da noite, de dentro de um wagon de carga — porque o resto do comboio (conforme as

tradições da Central) descarrilhara ruidosamente em meio do caminho.

Para quem vem de Ouro Preto, Ponte Nova fica á orla da zona da Matta, como um pequeno posto de vanguarda da zona caféeira de Minas. É uma cidadezinha um pouco maior do que o nosso arraial da Penha, ou do que Mendes; mas, calçadinha, limpa, renovada, com edificações novas, agencia Ford, automoveis, sucursaes bancarias, commercio forte, cafés e cinemas imitando os do Rio. O hotel em que me hospedei era inteiramente diverso dos velhos hotéis de Ouro Preto e Marianna: era um hotel á moderna, de tres andares, cheio de conforto, com ascensores electricos e outras innovações civilizadas.

Não era preciso mais nada para sentir que a região em que estava já era outra. O contraste fôra brusco, violento, flagrante. Não tive o sentimento de uma transição; tive antes a impressão de um salto. Eu saltara, realmente, de um scenario para um outro.

Porque tudo aquillo, todo aquelle progresso, (reconheci-o depois) era uma "repercussão" de phenomeno economico que se occultava adeante, para além das montanhas que cercavam aquella "ponta de trilhos".

Quero dizer: era um reflexo de labor mineiro, cujo panorama confortador comecei a descortinar, á tarde, da portinhola do comboio que me leva-

va a Ubá. Durante cinco horas, num percurso de cerca de 140 kilometros, não vi outra coisa sinão o espectáculo maravilhoso das lavouras, cobrindo serranias, cobrindo rechans, cobrindo grotões, do fundo dos valles á corôa dos morros e para dentro, nos rasgões de serra que se me abriam ao olhar, até os longes mais profundos do horizonte. Nem uma nesgazinha de terra perdida ou inculta. Tudo trabalhado, tudo cheio, tudo plantado, tudo florescendo. Eram cafezaes, eram milhares, eram cannaviaes, seguidos, continuos, que se descerravam, de repente, aos meus olhos surprezos e passavam, de raspão, na marcha rapida do trem, como porções de um prodigioso *film*, que a Natureza colorisse de todos os matizes do verde!

Este espectáculo restabeleceu-me a confiança abalada, dissipou-me o pessimismo. E comecei a crer, de novo, nas possibilidades de Minas — e nas possibilidades do Brasil. Compreendi então a *poussée* de Ponte Nova, ha seis annos (disseram-me) um modesto arraial de casas primitivas. E compreendi tambem essa pequena cidade de Ubá, pequena, mas “viva”: crescendo, renovando-se, modernizando-se, despindo-se da sua velha casaria colonial, com as suas novas edificações, as suas agencias de automoveis e, mais do que isto, com as suas tres agencias bancarias, o que prova uma forte circulação de riqueza.

Daqui, do hotel em que escrevo estas notas, tenho a prova disto. Chego á sacada e contemplo a pequena praça central, cheia de movimento, illuminada á luz electrica. Della me sóbe, nesta clara noite domingueira, um rumor alegre e alto, feito do vozear da multidão, que a passeia, e do buzinar dos autos, que a circulam.

De mim commigo, concluo que em todo esse desdobrar de forças latentes, o que ha é apenas isto: o *milagre do café*. Seria mais justo dizer (porque tudo isto é recente): — o *milagre do café valorizado*. Ninguem, realmente, calculou ainda a amplitude, a força, a complexidade das "repercussões" de ordem economica e social que, nestas ricas zonas do nosso interior rural, está exercendo a politica da valorisação, idejada e realisada pelos paulistas, associados aos fluminenses e aos mineiros.

II

Minas é talvez a região do Brasil onde as creações da arte colonial subsistem na sua maior pureza. Bahia e Pernambuco conservam muita coisa desses velhos estylos; mas, em Minas, os seus centros de sobrevivencia são mais numerosos e talvez mais expressivos, pela riqueza dos especimens representativos.

Quem quizer conhecer o Brasil colonial nos seus aspectos artisticos e mesmo sociaes deve vir a Minas e percorrel-a na suas zonas de insulamento, quero dizer: nas suas zonas ainda não attingidas pela onda renovadora partida do Rio ou de Bello Horizonte. Porque, em Minas, a evolução social se opera debaixo de um accentuado heterochronismo: ao contrario de São Paulo, onde, de um outro extremo, tudo parece acompanhar o impetuoso rithmo renovador da sua grande capital, em Minas ha zonas que se renovam com rapidez, procurando adaptar-se ao typo de Bello Horizonte ou do Rio, e ha zonas que parecem inteiramente fóra das correntes modernizadoras, vindas destas duas grandes metropoles ou vindas mesmo da metropole paulista (zona do Triangulo).

Refiro-me, neste ultimo caso, apenas ás expressões architectonicas, ao estylo das edificações, aos aspectos materiaes da urbanização. Porque nos habitos, nos costumes, nas tradições, nas idéas mesmo, estas cidades, materialmente retardatarias, tendem a se aproximar, com mais ou menos rapidez, do estalão cultural das grandes metropoles, em torno das quaes gravitam espiritualmente.

Estas grandes capitaes, principalmente o Rio, exercem sobre estas pequenas cidades mineiras a sua fascinante acção transformadora através de tres agentes de poderosa efficiencia: o cinema, o jornal e a revista illustrada.

Realmente, nenhuma dessas cidades ha que não leia as nossas revistas mundanas. Nenhuma ha que não receba regularmente os jornaes cariocas. Nenhuma que não tenha o seu "Cine Central", exhibindo as fitas já passadas no Rio. Tem-se a impressão de que as elites destas pequenas cidades vivem em espirito a vida do Rio, cheias das suas preocupações de mundanidades, dos seus tiques, das suas novidades, das suas modas, dos seus debates parlamentares, das suas agitações ephemeras, das animosidades e das virulencias do seu periodismo vermelho.

Por isso mesmo, para ellas a hora climacica é a da chegada do trem. E' a hora dos jornaes do Rio, das revistas illustradas — o *Malho*, o *Cruzeiro*, o *Fonfon*, a *Scena Muda*, o *Eu Sei Tudo*, etc. Enquanto não chega o trem — é a agitação, o movimento, o palrear dos grupos e da multidão; depois que o trem chega — é a dispersão. Todos como que se recolhem ás suas casas ou a si mesmos. Ha uma hora de silencio: é a população que está lendo, saboreando, devorando as novidades do Rio...

Estas observações me levam a uma conclusão incidente: a do papel da grande imprensa como factor da formação da nossa consciencia nacional. E' preciso ter observado estas pequenas cidades do nosso interior para sentir que formidavel agente de unificação espiritual não é o grande jornal. Elle exerce uma ação incomparavel neste sentido — por-

que actua com um poderoso reducto desse espirito de localismo, que a nossa immensidade territorial tende, espontaneamente, a desenvolver e accentuar.

Junte-se a esta influencia dos jornaes a exercida pelas revistas illustradas e pelos *films* americanos — e comprehender-se-á a transformação porque está passando, nestas cidades de Minas, mesmo as mais apartadas, a sua velha mentalidade tradicional. Mentalidade, em que ha muita coisa do tempo do Imperio, mas tambem muita coisa que remonta mais longe — porque vem do periodo colonial, da era das capitancias e dos vice-Reys.

Esta transformação — quero dizer: esta substituição da antiga mentalidade — não offerece aqui a celeridade quasi vertiginosa que apresenta em São Paulo, por exemplo. E' moderada, pausada, lenta — e ha para isto uma causa profunda: é a resistencia opposta pela solida organização da familia mineira. Esta, apesar de tudo, apesar de todas essas influencias modernisantes, ainda está muito contida dentro do seu velho e severo enquadramento patriarchal.

O carnaval em Minas é uma prova disto. Quando alguem ler uma noticia de Minas, informando que, em tal cidade, "os folguedos carnavalescos estiveram muito animados", é preciso não julgar esta informação com mentalidade de carioca; é preciso entendel-a á mineira.

O que lá se chama, em materia carnavalesca, “animação” pode ser animação em Minas; mas, não no Rio. O mineiro não tem temperamento carnavalesco; as suas “batalhas” são tudo, menos batalhas. O carnaval exige uma certa liberdade de attitudes dos dois grupos belligerantes entre si — e esta liberdade a severa educação da familia mineira não a permite.

Recordo-me de um carnaval que assisti, ha annos (20), em Palmyra. Na hora da lucta, os dois grupos combatentes estavam dispostos em rigorosa ordem de batalha: as moças, em fila, numa calçada; na outra calçada, os rapazes; entre estes e aquellas, um espaço que, no minimo, devia ter cinco metros... Está claro que, com esta disposição, as duas grandes armas decisivas, os *confettis* e os *Rhodos* etherizados, não podiam entrar em ação. O que notei foi um consumo, realmente abusivo, de serpentinas...

Uma coincidencia me fez assistir agora outro carnaval — o de Ouro Preto. Nenhuma animação. Eu já esperava isto mesmo, principalmente numa cidade como esta, fundamentalmente tradicional. E' que a causa intima que impede o entusiasmo carnavalesco dos mineiros subsiste: o feitio severo da sua educação familiar. Saem as familias para a rua — para o carnaval, para a “batalha” — formadas em blocos: as moças ao centro e ao lado, flanqueando-as, os papás e os irmãos mais velhos.

(20) Em 1918. Cf. cap. anterior.

Estes obstaculos, estes preconceitos embaraçantes á livre expansão das almas serão, porém, com o tempo vencidos: — e a substituição da velha mentalidade pela nova se operará fatalmente.

Nesta rapida enumeração dos agentes de transformação espiritual, deixei de parte a acção exercida pelas instituições de cultura local (escolas superiores; escolas normaes, seminarios; gymnasios, etc.) — e isto porque a influencia modificadora destes não é tão consideravel como a dos outros agentes referidos. Pode-se dizer que concorrem antes para constituir essas populações em estado de facil receptividade áquellas outras influencias transformadoras, vindas dos grandes centros metropolitanos.

III

Tenho até agora accentuado os aspectos *sociaes* da profunda transformação por que estão passando as cidades mineiras sob a acção dos dois grandes fócios — o horizontino e o carioca. Quanto aos aspectos *materiaes* desta transformação, a situação é diversa. Ha cidades que se transformam — como Juiz de Fóra, que é quasi uma miniatura do Rio, sinão um suburbio d'elle; mas, ha outras que mantêm o seu typo tradicional, insensiveis á influencia urbanizadora daquelles dois grandes centros. E' o caso de Ouro Preto. Esta cidade é a mais caracteristica da Minas da Tradição.

Realmente, no ponto de vista da urbanisação, Ouro Preto e Bello Horizonte estão entre si como os dois polos da terra. Bello Horizonte é uma cidade integralmente nova, onde não ha nada que seja antigo. Ouro Preto é uma cidade em que tudo é integralmente antigo, onde não ha nada que seja novo ou onde o novo entra em proporção tão infinitesimal que pode ser considerado inexistente. É, por isso mesmo, a mais original das cidades mineiras. Penso até que não erraria dizendo que ella é a mais original cidade do Brasil. Não creio que, em Pernambuco ou na Bahia, onde tantas das nossas velhas tradições architectonicas subsistem, seja possível encontrar uma cidade assim — integralmente antiga, totalmente colonial, desde os seus centros principaes aos seus bairros mais longinquos.

Os estylos da architectura colonial tem aqui os seus padrões mais perfeitos. Os edificios publicos, as moradias particulares, os templos numerosos, os chafarizes, as ruas, os logradouros — tudo guarda o cunho da antiguidade, em tudo o tempo deixou a sua patina, de tudo se exhala uma lembrança do passado. E' uma cidade historica por excellencia. Percorrendo-a nas suas ruas estreitas e escuras, nos seus becos e viélas numerosas, que descem ou sobem por toda a parte; observando-lhe o casario denso, comprimido, amontoado como o de uma cidade medieval, não encontro nella nada que nos seja contemporaneo, nada das linhas leves, finas, elegantes

dos nossos modernos estylos architectonicos. Em toda ella, não vi um só bangalô, cuja esbelteza e agil fantasia tão bem se devia adaptar a essa topographia de montanha. Nem tambem o nosso classico chalé suiso, hoje aliás vencido pelo bangalô americano. Nem siquer mesmo o nosso conceituado, o nosso honradissimo palacete de platibanda, tão ao gosto dos nossos burguezes endinheirados. Nada. Tudo antigo, tudo colonial, tudo do tempo de Gomes Freire de Andrade e do Conde de Assumar.

E, á medida que subo ou desço as suas ruas (aqui ou se sobe ou se desce, deveras); á medida que lhe observo as casas, todas unidas, pegadas umas ás outras, com as portas de entrada abrindo directamente para a rua, sem o annexo de uma varanda ou de um jardim, todas de dois ou tres andares, quasi que de um só typo, com os seus enormes beirões de um metro, as suas sacadazinhas de ferro ou de pedra talhada, as suas janellinhas encaixilhadas; á medida que me enfio pelas suas ruélas empedradas, que me levam aos arrabaldes mais pobres, com o seu casario em ruinas e o seu ar de abandono; eu, de mim commigo vou concluindo que Ouro Preto é uma cidade que, no ponto de vista architectonico, parou em 1800. Tenho a impressão de que nada se alterou alli depois desta data.

Depois da sua tormentosa evolução colonial, provida da exploração das minas, da febre constructiva, do luxo nababesco, do seu crescimento violen-

to, explosivo, tumultuoso, sente-se que, fechado o cyclo minerador, Ouro Preto entrou em processo de chrysallidação, como as lagartas — e immobilizou-se. O espirito da cidade, a sua alma continuou a evoluir e modernizou-se, visivelmente; mas, a sua urbanização material ficou no que era ha cem ou duzentos annos. Ha mesmo uma curiosa adaptação daquella a esta: é assim que a Repartição dos Correios funciona na antiga Casa dos Contos, edificio dos tempos da colonia e onde ainda não se alterou nada, nem a fechadura das portas; a Escola de Minas, na antiga residencia do governador da capitania; a Cadeia, a Camara, o Forum em velhos edificios coloniais; da mesma fórma, a Casa da Misericordia, a Polyclinica, os asylos. O proprio cinema, que em toda parte é sempre um edificio de construção moderna, é aqui uma casa que data visivelmente da época do ouro. Só o Grupo Escolar se installa numa casa de construção modernizada.

No ponto de vista da architectura, o Ouro Preto é, por isso, a mais singular das cidades do Brasil: é a mais completa sobrevivencia que temos da era colonial. Em outros logares encontramos este ou aquelle edificio, este ou aquelle monumento colonial; em Ouro Preto, porém, encontramos mais do que isto, encontramos nada menos que uma “cidade colonial”, perfeitamente conservada na integridade dos seus detalhes.

Em boa verdade, para haver consonancia, esta população devia trajar-se como no tempo de Bobadela e do Marquez de Lavradio, com os seus calções de velludo, os seus punhos de renda, a sua cabelleira empoadada, os seus chapéus de bico — e não deixa de haver um certo sabor de hetrochronismo ao vermol-a (nesta cidade em que não ha siquer uma pedra que não date de mais de cem annos), movendo-se perfeitamente modernizada nos seus vestuarios: as suas roupas cintadas, as suas botinas amarellas, as suas capas modernas, os seus palhetas de abas curtas, ou as suas sedas parcimoniosas, os seus sapatinhos a Luiz XV, as suas sombrinhas vistas e mais as essencias, os pós, os *rouges*, os crêmes vindos da Hermany e da Bazin.

Os que querem conhecêr e comprehender o Brasil colonial devem vir aqui; os que aqui não vierem não vacillo em affirmar que não poderão conhecê-lo, nem comprehendê-lo bem. Minas deve conservar Ouro Preto assim — isto é, conserval-a na sua velha estructura colonial, não deixar que se lhe modifique nada. Da sua grandeza presente, da sua capacidade de progresso e de renovação, poderá exhibir ao forasteiro a sua nova capital — Bello Horizonte. Da sua grandeza passada, do valor das suas velhas tradições e da energia dos seus ancestraes, lhe poderá exhibir Ouro Preto — e ter-lhe-ha mostrado o mais eloquente dos padrões.

Quem já leu as descripções do *Triumpho Eucharistico* e do *Santuário Marianno* bem pode imaginar o esplendor do antigo viver ouro-pretano, a opulencia da cidade, a riqueza das gentes, o luxo, a imponencia, o fausto bysantino das suas festividades, dos seus cortejos, das suas copiosas procissões religiosas. Esse esplendor passou; era o ouro que o gerava e o ouro acabou. Hoje, desse antigo esplendor só encontramos sobrevivencias no recesso dos santuarios. Estes são os mais bellos do Brasil. Ninguem pode imaginar que de maravilhas artisticas encerram os santuarios de Ouro Preto, como egualmente os de Marianna.

Ha um outro aspecto de Ouro Preto, tambem caracteristico, que não quero deixar sem referencia: é o da sua topographia. Ouro Preto pode ser definida: *uma cidade habitada por uma população de alpinistas*. Porque é uma cidade em que todas as ruas, absolutamente todas, são em ladeiras, algumas ingremes, quasi a pique. Subindo-as, sóbe-se arfando, com o coração aos pulos; descendo-as, desce-se devagar, em passos incertos e cautelosos — para não escorregar.

Justamente por essa sua topographia alpestre, Ouro Preto exigia um systema de pontos de repouso — de logradouros, de parques, de pequenas praças ajardinadas, de boa sombra e bancos rusticos, onde os transeuntes podessem dar ás pernas um pouco de descanso e ao coração, que salta em

desordem pelo esforço das ascensões, o tempo para regularizar o seu rithmo. Entretanto, não ha aqui nada disto: as praças são nuas e desabrigadas. Nellas não encontrei nem um banco siquer para descanso, nenhuma defesa contra a soalheira, nenhuma arvore de boa e doce fronde; apenas duras calçadas de dura pedra mais dura do que o duro ferro: vagueando por ellas, á noite, pude ouvir, nitidamente, o som monotono e secco das minhas botas, batendo secca e duramente a pétrea dureza daquellas lages...

Ora, transformar estas acclivosas ruas e praças de Ouro Preto em verdadeiros logradouros publicos, em centros de repouso e calma, cheios da sombra farta e espessa das magnolieiras, dos oitis, dos *ficus*, é medida que se impõe como urgente e necessaria. Cidade frequentada cada vez mais por *touristes* e curiosos de antiguidades, a sua municipalidade traria, como esta providencia, um lenitivo aos inconvenientes e penas desta sorte de alpinismo urbano, a que Ouro Preto, pela sua topographia singularissima, sujeita os peregrinos que a procuram.

OS FLUMINENSES E A SUA CIVILISAÇÃO (21)

I

NÃO tem a historia fluminense o resson, a vibraçãõ, a belleza épica da historia paulista, da historia pernambucana, da historia riograndense do sul, mesmo da mineira na sua idade antiga. O grupo fluminense — a antiga Provincia do Rio de Janeiro — não oferece á historia lances fixaveis em paginaç de epopéa. O fluminense, mesmo na época em que estrondeava os sertões a bellicosidade do paulista visinho, foi sempre, desde os primeiros dias, um typo pacifico de agricultor, de criador de gados, de dreinador de brejos, de devastador de florestas: — ou fundando currais e engenhos nas suas baixadas ou nellas cultivando anil e plantas cerealiferas.

Fóra o pequeno grupo dos goitacazes insulados na planicie campista, os demais aborígenes — “saruçús”, “coropós”, “aymorés”, “purís”, etc. — ou emigram para as selvas do planalto central, ou re-

(21) Trecho do prefacio ao livro de Lamengo Filho — *A planicie do solar e da senzala*, 1934.

fluem para o âmago das montanhas de Minas, ou se diffundem rapidamente no seio da população civilisada, que os defronta e marcha contra elles, na faina do debate e da cultura. Tudo isto, porém, sem lutas dignas de menção historica.

O paulista bandeirante teve que formar as suas hostes aguerridas para vencer as poderosas colligações do selvagem, que contra elle se levanta, barrando-lhe a marcha para a conquista dos sertões e dos seus campos pastoris, dos seus campos auriferos, dos seus campos diamantiferos. O nordestino, durante toda a sua historia, teve que reagir contra os mais ferozes representantes da barbaria nativa. O campeador do extremo-sul conquistou, palmo a palmo, ao minuano, ao charrua, ao tape, ao hespanhol, a sua gleba actual. O fluminense nunca teve necessidade de apurar-se em capacidades bellicosas para fixar-se no seu habitat e lançar os fundamentos da sua sociedade regional. E' um grupo que se formou inteiramente fóra da escola guerreira, em que se educaram os três outros grupos.

Dahi, dessas formas pacíficas da sua expansão colonisadora, o character silencioso, surdo, obscuro da historia social fluminense. Muito ao contrario do que Frei Leonardo Oros dizia da conquista da terra no extremo-sul — de que “não se podia tratar de fabrica ali senão com a foice nesta mão e a espada na outra” — o fluminense teve sempre, na sua irradiação colonisadora, na sua expansão para o inte-

rior, as duas mãos livres, inteiramente livres, e as poude applicar, exclusivamente, no pastoreio dos seus gados, no desbaste das suas florestas, na sementeira dos seus campos, na ceifa dos seus cannaviaes, na colheita dos seus cafezaes. Não a espada, a lança e o mosquete; mas, o laço e a aguilhada, o machado e a foice e a enxada: durante toda nossa historia, nós, fluminenses, nunca tivemos necessidade de manejar outras armas.

Desta condição particular da sua formação social resulta, para o fluminense, que os aspectos, pelos quaes o seu grupo regional se diferencia, historica e culturalmente, dos outros grupos regionais, são os que caracterizam uma sociedade de condição essencialmente agraria, destituída inteiramente de quaesquer tradições bellicosas, quer nos elementos materiaes da sua cultura, quer nas suas expressões espirituaes e moraes. E' na superioridade da sua organização domestica, da sua "estrutura" social e politica (no sentido sprangeriano da expressão) que a sociedade fluminense affirma a singularidade, não a originalidade da sua posição na historia nacional. E' na lenta formação da sua economia agraria, na disseminação intensiva dos seus fôcos de elaboração, nas particularidades da sua vida rural, principalmente nas expressões socialmente requintadas de que ella se revestiu, é ahí que devemos procurar as características differenciaes do grupo fluminense.

Bem sei que em outros grupos regionaes tem sido assim; mas, nesses outros grupos, vamos encontrar, ainda hoje, como já observamos, sobrevivencias indicativas da primitiva phase guerreira por que passaram: na actual anarquia sertaneja; na actual bellicosidade gaucha; na actual fibra de pioneiro do paulista. No fluminense, porém, nada disto. O traço característico, o aspecto dominante desse grupo revela-se nas manifestações sociais da sua cultura, naquillo que poderíamos chamar a sua "civilização", no sentido mais espiritual da expressão. Nenhum outro grupo é, sob este aspecto, mais nitidamente caracterizado, mais ricamente provido; entendendo-se, é claro, civilização como expressão de polimento, de boas maneiras, de bom gosto, de habitos de conforto, de apuro mundano de viver, de amor do luxo, do fausto, da sumptuosidade, da predilecção pelas cousas do espirito, pelas bellas artes, pelas bôas letras, pela sociabilidade amavel e requintada dos salões.

E' certo que os outros grupos, como o pernambucano e o paulista do segundo e terceiro seculos — tambem apresentam formas semelhantes de sociabilidade e gosto de mundanidades, de refinamentos aristocraticos de viver e podem igualmente exhibir a grandeza e o conforto, o luxo dos interiores e a opulencia architectonica das suas moradas solarengas. O fluminense, porém, soube, como nenhum outro, dar a esta sociabilidade o apuro, o requinte, que ne-

nhum outro grupo poude attingir — e isto pelo facto, muito especial, de ter tido a ventura de ficar numa posição geográfica privilegiada para este fim — para esta receptividade immediata da civilisação e dos seus polimentos.

Este traço cultural tem o seu ponto de maior accentuação justamente no seculo XIX — desde quando o centro carioca se fez a séde da Côrte portugueza, com a transmigração da familia imperial. Dahi por diante este traço se apura e excelle até attingir, no 2.^o Imperio, o maximo do seu esplendor, com o desenvolvimento dos grandes cafézaes, que se distribuem ao longo do valle do Parahyba e nas faldas das suas montanhas circumdantes.

O valle parahybano foi, realmente, em certo momento, com a sua sociedade agraria e culta, requintada e aristocratica, assentada sobre grandes domínios caféeiros, um centro ameno e polido, onde a flôr da civilisação occidental poude exhibir os seus mais raros coloridos e o mais subtil dos seus perfumes. Ninguém ainda se lembrou de historiar esta phase da nossa aristocracia agraria — e, entretanto, a historia da civilisação no Brasil, no que ella póde ostentar de mais fino e espirital, teve ali o seu momento mais expressivo e magnifico.

Hoje, é nas cidades que esplendem o luxo dos interiores e a sociabilidade dos salões; naquela época, este luxo e esta sociabilidade brilhavam, para-

doxalmente, no seio dos nossos campos e das nossas montanhas, fulgindo como centenares de fôcos luminosos dentro da moldura rustica das florestas primitivas, que circumdavam o Parahyba. Vassouras, com a sua luzida fidalguia de barões e viscondes, condes e marquezes, todos vivendo sumptuosamente como gentis-homens, orgulhosos dos seus titulos e dos seus brazões, nos seus ricos solares do interior, bem exprime ainda, nas ruinas imponentes de hoje, a grandeza e a magnificencia daquelle periodo fascinante da nossa vida rural. Emilio Zaluar, descrevendo as suas impressões de viagem, dá testemunho de ter encontrado nos solares do valle do Parahyba maior opulencia e requinte do que nos salões afidalgados do Rio, centro do Imperio.

E' este o aspecto mais distinctivo da grey fluminense. De todos os grupos regionaes brasileiros póde-se dizer que foi o que offereceu maior receptividade ás influencias civilisadoras do ultramar. De certa maneira, sempre se mostrou o mais europeizado dos nossos typos, aquelle em que a cultura occidental mais penetrou, mais se infiltrou, em extensão e profundidade, diffundindo-se uniformemente por toda a população até às suas extremas lindeiras. Dahi os caracteristicos da sua elite intellectual e politica.

— “Os fluminenses — dizia eu, nas “Populações Meridionaes” — não têm orgulho paulista, nem

o democracismo mineiro. São mais finos, mais polidos, mais socialmente cultos pela proximidade, convivio e hegemonia da Côrte, cuja acção como que os absorve e despersonalisa. Os seus grandes representativos, Uruguay, Itaborahy, Francisco Belisario, Octaviano, Justiniano, Macedo Soares, Paulino de Souza, não apresentam tão vivo como os de Minas e S. Paulo o traço rural. O polimento urbano lhes corrige a rusticidade matuta, embora não lhes altere a admiravel crystallinidade do character. Pela elegancia espiritual, pela finura, pelo senso da proporção e do meio termo, pela limpidez e pela calma da intelligencia, representam, ao sul, os nossos athenienses da politica e das letras. Uruguay, Itaborahy, Euzebio, Belisario são todos altos espiritos, equilibrados, amplos, lúcidos. Octaviano encanta e se distingue pelo atticismo, pela pureza do seu gosto, pelo tacto literario, pela distincção aristocratica da sua palavra e do seu genio”.

II

Esta particularidade, si tem sido para o grupo fluminense, sob este aspecto, uma vantagem, tem-se, por outro lado, constituido para elle, sob outros aspectos, uma innegavel desvantagem. Esta extrema exposição ás influencias exogenas tem reagido, por exemplo, de uma maneira nociva sobre as suas characteristics ethnographicas. O seu folk-lore é, por

isso, pobre; os seus "complexos culturais", instabilíssimos. Falta-lhes a caracterisação viva e nítida, a estabilidade ethnographica do grupo nordestino e do grupo gaúcho, por exemplo. O excesso de civilisação como que os despersonalisa sob este aspecto e torna-os, de certo modo, fluctuantes.

Esta fluctuação, esta instabilidade, esta pouca fixidez dos caractéres ethnographicos do grupo fluminense tem a sua prova na maneira rapida, quasi que subita, com que estes caractéres desapareceram depois que a Lei da Abolição desarticulou e destruiu as bases economicas da sua bella aristocracia agraria. Eram as vivendas fazendeiras, com as suas grandes familias patriarcaes e as suas vastas escravarias, como que os orgãos de fixação destas tradições folk-loricas, a força que as mantinha, tanto quanto possivel, vivas e permanentes no nosso interior rural, em face da acção corruptora e desintegradora das influencias extranhas, vindas da capital e d'além-mar. Destruídos, com a abolição do trabalho servil, estes centros aristocraticos da sua elaboração e fixação, as nossas antigas tradições, — costumes, usos, festividades religiosas, etc., — não encontraram na massa popular base segura que lhes pudesse assegurar, como outróra, condições de permanencia e vitalidade.

Dahi o facto extranho do seu desaparecimento quasi total na região fluminense, emquanto as ve-

mos ainda, sobreviventes e quasi inalteradas, em regiões proximas a nós — como as montanhas de Minas. Em nosso grupo, ellas sobreexistem apenas em forma de simples reminiscencias apagadas, de vestigios evanescentes, que mal recordam o esplendor do seu passado. São, no fundo, hoje, nada mais do que ruinas melancolicas, casando a sua melancolia com a melancolia dos velhos solares abandonados, dentro de cuja moldura sumptuosa outróra vicejaram e floresceram.

II

O Meio Politico



UMA DEMOCRACIA SINGULAR

I

DOMINA entre os nossos politicos um preconceito, que me parece inteiramente falso: de que um homem publico, da classe dos que têm *responsabilidades no regimen*, deve revelar o seu pensamento sobre a politica ou a administração do paiz somente quando está no governo. Só ahi, com a autoridade do poder, como força legislativa ou executiva, é que deve dar a conhecer á Nação o que julga melhor ao beneficio della. Fóra dahi, o silencio ou as attitudes sigillares (22).

Deste preconceito resulta que um grande cidadão, com o valor e os deveres de uma figura repre-

(22) Hoje, este preconceito já não tem a generalidade que tinham ha vinte annos passados: os homens publicos já estão frequentando a imprensa, ou escrevendo livros. Ha alguns mesmo que mantem collaboração permanente em jornaes. O processo de entrevistas, muito generalizado na grande imprensa, facilita esta obra de revelação do pensamento dos nossos homens publicos e de governo. O radio trouxe tambem um outro meio, efficientissimo, de diffusão.

sentativa, somente se dirige ao paiz quando ambiciona para si um posto qualquer no governo. Se nada quer e nada aspira, retrae-se, isola-se, silencia, obscurece-se: — e nenhum de nós lhe ouve mais a voz, nem o conselho.

Essa attitude dos homens publicos mais eminentes da nossa patria é uma das nossas muitas singularidades — o que nos torna absolutamente differentes dos grandes povos e das grandes democracias do mundo.

Ha entre nós a preocupação secular, que é quasi uma obsessão collectiva, de imitar em tudo os anglo-saxões, até mesmo nas suas instituições politicas, que são integralmente inimitaveis. Naquillo, porém, em que deviamos e podiamos imital-os, isto é, na sua devoção desinteressada á causa publica, de modo algum os imitamos. Esses povos, por exemplo, não comprehendem, nem admittem, da parte dos seus lideres e dos seus magnatas, essas attitudes de retrahimento ou indifferença pelos interesses da Nação. O equilibrio e a florescencia das suas instituições residem justamente na capacidade que todas as suas figuras representativas possuem de se interessar, de modo constante, pelas questões de utilidade publica e nacional.

— “O inglez não abandona os negocios publicos — diz Taine; considera-os como seus proprios negocios; não vive afastado delles; arde, ao con-

trario, por partilhar da sua gestão; e sente-se na obrigação de contribuir, de qualquer modo, em favor dos interesses communs”.

Essa paixão da vida publica o seu descendente americano não a perdeu: na America, o instincto civico do cidadão é profundo e intenso, como o dos velhos saxões insulares. Os seus grandes homens, — os Bryan, os Winson, os Roosevelt, os Root — são incansaveis na faina de guiarem o povo na solução dos problemas nacionais; falam, escrevem, debatem, multiplicam-se na tribuna do Parlamento, na cathedra das conferencias, nos *meetings*, nas columnas dos grandes 'jornaes e dos grandes *magazines*, sempre vigilantes, activos, efficientes.

II

Esta conducta dos politicos americanos e inglezes é, aliás, a conducta mais racional dos dirigentes num regimen democratico. Os que fundaram a nossa democracia, os que a dirigem e os que pretendem dirigil-a, se se compenetrassem a sério da sua função, não teriam outra conducta: ao menos nas grandes crises, quando o paiz, sem oriente, buscasse uma opinião directora ou, atonito, se enchesse de inquietações, elles deveriam vir até ao povo para esclarecel-o na sua cegueira ou para tranquillizal-o nos seus alarmas.

Entre nós, mais do que na Republica americana ou nas democracias europeias, esta conducta seria justificavel, logica, absolutamente necessaria: *porque, ao contrario do americano ou do inglez, o nosso povo carece quasi inteiramente de cultura politica e é nulla a sua experiencia democratica.* Na America ou na Inglaterra, ha uma democracia real, vivaz, actuante, culta, tradicionalmente versada no trato dos negocios publicos; aqui, o que existe é a negação de tudo isto, é uma democracia inconsciente de si mesma, absenteista, indifferente, alheia completamente á vida administrativa e politica do paiz. Lá, a ausencia, o afastamento, o silencio dos grandes homens do campo dos debates politicos seria supprido pelo proprio civismo dos cidadãos, pelo instincto politico das massas, pelos habitos millenarios de *self-government* e democracia. Aqui, ao contrario, só a presença constante, assidua, insistente, indefessa dos dirigentes nos comicios, na imprensa, nas assembléas, aclarando, informando, aconselhando, suggerindo, discutindo, é que poderia dar ao povo, aos cidadãos em geral, o conhecimento mais ou menos exacto dos negocios publicos, um criterio seguro de conducta civica — emfim, um pouco de aptidão democratica.

E' certo que alguns delles expõem as suas opiniões no seio das corporações a que pertencem: falam, de quando em quando, para o Senado ou para a Camara. Não falam, porém, ao povo: não se

dirigem directamente á Nação; não se empenham em esclarecel-a, instruil-a e guial-a: doutrinam para o directorio da sua facção. Não se fazem lideres nacionaes, á maneira americana ou á maneira britanica; agem em silencio, secretamente, no recolhimento dos ministerios ou das commissões legislativas; e, nesta acção discreta e surda, dir-se-iam conspiradores em temor de inconfidencias.

III

Essa a attitude dos politicos militantes, dos effectivamente dirigentes. Não é diversa a conducta dos que não exercem funcções publicas ou estão "retirados" da actividade partidaria. Ninguem sabe como pensam, nem o que julgam do nosso presente, tão cheio de inquietações. Surgem as grandes questões nacionaes: na ordem financeira — a questão da quebra do padrão monetario, a da Caixa de Conversão, a dos emprestimos e a das emissões; na ordem economica — a da crise do café, a da crise do assucar, a da crise da borracha, a do proccionismo, a da carestia da vida; na ordem constitucional — a da interpretação do artigo 6.º e a da competencia do Supremo Tribunal e das suas relações com o Executivo e o Legislativo; na ordem politica — a das intervenções e das "salvações", a da

revisão constitucional e a do Partido Liberal (23). Sobre todas essas questões, tão urgentes e tão actuaes, é geral e absoluto o silencio dos nossos mais genuinos republicanos, dos maiores nomes da nossa democracia.

Nomes nacionaes, de larga popularidade no paiz, exercendo sobre elle uma poderosa escendencia moral, pelo seu passado, pelos seus talentos, pelas tradições do seu character; figuras, em summa, de maior *visibilidade* nacional, para as quaes todo o paiz pôde, num dado momento, volver os olhos, prompto a ouvil-os nas suas palavras de sabedoria e de experiencia; da sua boca, entretanto, não sae uma palavra esclarecedora, um pensamento guiador, uma suggestão de prudencia, um conselho. Vivem entre nós como se fossem estrangeiros: cautelosamente afastados das discussões politicas — e parecendo até alheios aos nossos destinos (24).

(23) Eram estes os grandes problemas dominantes naquella epoca. Entre elles, estava o da fundação de um *Partido Liberal*, creio que sob a inspiração de Ruy Barbosa. Não vingou.

(24) Nesse tempo, ainda estavam vivos alguns dos antigos "propagandistas" da Republica. Havia mesmo, neste pequeno grupo de "sobreviventes", homens de grande autoridade moral. Todos, entretanto, absolutamente mudos: nesta mudez estava a sua "dignidade". Era-lhes esta a forma mais impressionante de protestarem contra o que chamavam, desilludidos, "a corrupção dos principios republicanos"...

E' certo que todos elles allegam, como escusa e como garantia, o seu "passado de propagandista" e a "pureza dos seus sentimentos republicanos".

Esses predicados, na verdade altamente estimaveis pela sua crescente raridade, valem provavelmente como uma garantia de integridade e justiça na gestão dos publicos negocios, dão mesmo a todos nós fiança de uma administração e de uma politica vasadas em moldes republicanos e não monarchicos, liberaes e não autoritarios, equalitarios e não de privilegio, mais descentralizadores do que centralizadores. Mas, sobre essas questões politicas, objectivas, reaes, que angustiam o paiz e que surgiram precisamente *depois* da Propaganda, *depois* de fundado o regimen, esses predicados nada nos dizem, nem nos podem dizer.

Qual é, por exemplo, a opinião dessas eminencias republicanas, desses insignes varões do "historicismo" sobre a questão monetaria? Acham que devemos voltar á politica de Joaquim Murтинho, ou são partidarios dos bancos emissores? Nessa ordem de assumptos, os nossos governos vão andando bem ou vão andando mal?

Que nos dizem, por outro lado, sobre as relações do Executivo com o Judiciario? Acreditam na "tyrannia" do Supremo? Julgam que devemos reagir contra ella? ou das tres tyrannias possiveis é ella a menos perniciosa?

E sobre o voto? E' mais conveniente seguirmos as tendencias para censo alto? ou devemos manter universalidade do suffragio? (25).

Que pensam do açambarcamento do nosso capital economico pelos elementos estrangeiros, organizados em poderosos syndicatos exploradores? do problema ethnico ao sul? dos perigos do imperialismo germanico ou americano? (26).

Não são, como se vê, questões de méro interesse partidario e pessoal, questões transitorias de candidaturas, de chefias, de penachos, de listas de vereadores ou de chapas de deputados, que nada valem. São questões essenciaes, organicas, vitaes para o regimen, para a raça, para a nacionalidade. Sobre ellas esses grandes representantes de nossa democracia nada dizem, nada opinam, nada aconselham, nada sugerem.

(25) Hoje, podiamos acrescentar outras perguntas: — Devemos admittir o voto corporativo? a democracia fundada no suffragio das classes organizadas? o voto familiar? o primado do Executivo? a centralisação politica? o Estado Nacional e não Federativo?

(26) Muitos destes problemas, que preocupavam ha vinte annos os espiritos, são ainda actuaes — como o dos imperialismos. Destes imperialismos, o allemão está agora ainda mais temivel do que nunca. O americano, entretanto, converteu-se numa doutrina de solidariedade continental, que faz da America um exemplo de unidade moral, unico na historia da humanidade.

O Imperio sempre os teve pela frente, tenazes, assiduos, persistentes, vivazes, aggressivos, violentos, de penna em punho ou fazendo barricadas. Foram todos elles jornalistas brilhantes, predicadores eloquentes, pamphletarios, publicistas, tribunos exuberantes. Por que hoje silenciam? Hoje, como outr'ora, é a mesma a incompreensão do regimen: e os erros ahi estão, e os abusos ahi estão, e ahi estão, além disso, os grandes problemas nacionaes!

Dentre esses velhos luctadores, um, porém, refoge a essa attitude de insensibilidade e indifferença. E' Ruy Barbosa (27). E' o unico dentre os nossos homens publicos que tem comprehendido o seu papel no seio da nossa democracia. Sobre todas as questões nacionaes a sua palavra deslumbradora lança o clarão de uma critica, de uma idéa, de uma suggestão, de um plano: e allicia, conduz, orienta. O seu programma liberal, formulado em 1910, mostra-o o medico vigilante da Nação enferma, attento aos seus menores symptomas, ás mais subteis intercadencias do pulso, ás perturbações mais leves da sua economia funccional.

No primeiro decenio da Republica, ainda era possivel assignalar, no campo da publicistica, um grupo de lidadores de primeira ordem, composto de monarchistas recalcitrantes, altas personalidades pa-

(27) Ruy morreu logo depois, em 1923.

tricias do antigo regimen, que faziam, pela imprensa e pelo livro, a grande critica politica, a critica das nossas administrações republicanas. Eram: no Rio, Ouro Preto, Lafayette, Candido de Oliveira, Carlos Affonso, Andrade Figueira e alguns outros; em S. Paulo, centralizava a campanha Eduardo Prado, polygrapho abundante incisivo, brilhante, lucidissimo. Essas vozes, porém, desapareceram, aos poucos; dellas só nos resta agora a de Carlos de Laet, continuamente distillando sobre os nossos homens e as nossas coisas a acidez das suas ironias erosivas (28).

IV

Mudas as vozes dos sobreviventes da Propaganda, extinctas as vozes dos velhos monarchistas, o que se está organizando, dentro do novo regimen, é um vasto silencio, somente quebrado pela tenaz e tempestuosa combatividade de Ruy Barbosa.

E' que os nossos pro-homens republicanos estão dando, cada vez mais, á expressão — "actividade politica" — uma lamentavel interpretação: a de uma actividade meramente partidaria, exercida e consumida estrictamente dentro do pequeno circulo do *seu* grupo, do *seu* clan, da *sua* facção, do *seu* directorio

(28) Laet morreu em 1927.

local. De modo que essa actividade, que poderia ser, exercida á americana, um factor efficaz de educação democratica, fica, entretanto, pelo seu caracter restrito e local, obscura e invisivel á Nação: perde, por isso mesmo, muito do seu valor e da sua efficiencia.

E' tempo de reagir contra esta praxe, que singularisa os nossos dirigentes republicanos e os põem em contraste tão sensivel com os dirigentes de todas as democracias do mundo. Nestas os vemos sempre juntos do povo, no meio delle, nos grandes momentos de crise, de duvida ou de agitação, para esclarecel-o ou conduzil-o.

Como estes, é preciso que os chefes da nossa incipiente democracia se façam realmente chefes ostensivos della, abandonem essa tradição de uma actividade discreta, mysteriosa, invisivel, passada toda ella no sigillo dos conclaves partidarios, e tomem uma attitude clara, publica, predicante — como a dos grandes dias das campanhas liberaes, no Imperio.

Certo, não ha entre nós, como na Inglaterra ou na America, o costume dos comicios, dos *meetings*, das assembléas populares. O nosso povo, no fundo, é refractario a esse genero de actividade politica. Ha, porém, para uma acção evangelisadora, um meio, que é uma tradição entre nós, e que foi a

maior força do antigo regimen e da propaganda republicana. E' a imprensa (29).

Desta tribuna é que devem os grandes nomes da nossa democracia, com a sua auctoridade, seu prestigio e a sua experiencia, falar ao paiz, ás suas classes conservadoras, ás suas elites politicas e dirigentes e, principalmente, á sua mocidade, aliás tão ausente da vida publica e tão indifferente como elles proprios aos grandes problemas nacionaes, isto é, aos grandes problemas da Terra, da Nacionalidade e da Raça.

(29) Podiamos acrescentar: "... e o radio". Este é um meio de propaganda incomparavelmente mais diffusivo do que a imprensa. Presentemente, é talvez mais usado pelos nossos homens publicos do que o jornal.

FACTORES ECONOMICOS DO ABSENTEISMO ELEITORAL

I

DESISTINDO, em 1914, da sua candidatura á presidencia federal, um dos nossos grandes politicos, o conselheiro Ruy Barbosa, declarou, no seu manifesto ao paiz, que só “um grande movimento nacional”, em que elegessemos o estadista “de quem consta que com elle está a Nação”, é que poderia salva-la da degradação e da ruina: — “Erga-se, pois, o paiz — dizia elle — e se salve deste modo a si mesmo, correndo em torrentes para as urnas com o nome necessario, e tomando as supremas providencias, que o seu criterio ou o seu instincto de conservação lhe ditarem”.

Era, como se vê, um appello solemne á capacidade civica de nosso povo, ás suas aptidões eleitoraes e democraticas, aos seus instinctos de patriotismo e liberdade.

De como elle attendeu á eloquente vocação do grande publicista a prova a tivemos na indifferen-

ça, em que transcorreu, por todo o paiz, a eleição presidencial. Só ao dia seguinte, pela leitura matinal das folhas, é que todos nós, o eleitorado nacional, demos conta, entre surpresos e lisonjeados, que no dia anterior, sob um claro domingo, havíamos elegido um presidente da Republica...

Ora, essa indiferença tamanha, essa tamanha irreactividade da nossa sensibilidade civica excede os limites das previsões mais pessimistas e se torna, por isso mesmo, inquietante. Urge investigal-a nas suas causas intimas e originarias mediante uma analyse meuda, positiva, severa.

Neste ponto, ha entre os nossos legisladores e publicistas, uma curiosa e admiravel unanimidade de opiniões. Estes e aquelles, ordinariamente tão resinguentos e opiniaticos entre si, estão, neste particular, sem discrepancia, perfeitamente accordes sobre esta verdade fundamental e absoluta, que é, ao que parece, um ponto de fé no nosso mundo politico: de que a causa unica, a causa geratriz do absentismo é a fraude.

Em materia eleitoral, a convicção delles é esta, esta é a sua fé, o seu credo é este. Fixaram-se ahi; dahi ninguem os abala. Por isso, nas reformas legislativas que elaboram, o fito exclusivo é corrigir a fraude. E' este, segundo pensam, o meio mais

seguro de attrahir ás urnas o eleitor arisco, que dellas refoge (30).

Ora, a verdade é que, no tocante á etiologia do absentismo, a fraude é apenas um epiphenomeno; as causas reaes, intimas, fundamentaes são outras, muito diversas. Fraude existia no Imperio e, mais do que a fraude, a violencia, o tropel, o tumulto da capangagem. Não existia, porém, o absentismo: da vivacidade do espirito eleitoral daquelle tempo ha ainda testemunhos sobreviventes que a attestam.

II

Para obtermos uma explicação exacta do indifferentismo actual, é preciso, antes tudo, considerar bem esta particularidade da nossa evolução historica: *que a nossa educação politica se fez, quasi toda, sob um regimen de formação extra-nacional do poder publico.*

Todos esses poderes administrativos e politicos, que estão hoje entre as attribuições da União e dos Estados, eram, ha menos de um seculo, exercidos por funcionarios dativos, vindos da Peninsula — e jamais por nós. Durante trezentos annos, os apparelhos da vida governativa do paiz se organizaram

(30) Depois, procurou-se corrigir o absentismo com o voto secreto e obrigatorio, instituido na Constituição de 34.

fôra daqui, no ultramar. Só depois de 1822, é que entrámos a partilhar, de modo directo e effectivo, da alta administração nacional. Equivale dizer, comparando os dois regimens — o da Colonia e do Independencia — que são apenas cem annos de vida autonoma contra tres seculos de pupillagem colonial. E este facto, por si só, bastaria para explicar racionalmente a indifferença, o desinteresse, o alheamento geral do nosso povo á formação e á organização dos seus poderes publicos.

Dirão, talvez, que, se não tínhamos, durante a phase colonial, a administração geral do paiz, era nossa a administração local. Certo, nossas eram as camaras municipaes, cujo papel na colonia foi, como se sabe, eminentissimo. Eram nossos os seus vereadores, os seus almotacéis, os seus alcaides, os seus capitães-móres, os seus juizes ordinarios, os seus quadrilheiros, os seus privilegios, as suas regalias, as suas multiplas attribuições. Com ellas reagimos contra a propria metropole, repellindo os seus mais graduados delegados: capitães-generaes, ouvidores, até mesmo governadores geraes.

Enganam-se, porém, os que julgam que as camaras locaes daquelle tempo eram, como as de hoje, accessiveis, democraticas, populares. Não; eram, ao contrario, camaras de feição puramente aristocratica ou, se não aristocratica, pelo menos oligarchica.

Vêde como se compunha o seu eleitorado, o que as elegia até 1822. Eram, primeiro, os *nobres de linhagem*; depois, os *infanções* e os *fidalgos da casa real*; e, por fim, os *descendentes dos conquistadores e povoadores*, que occuparam cargos militares e civis e os haviam perpetuado em suas familias. Só estes é que podiam eleger. Só estes é que podiam ser eleitos. Fóra desta categoria de privilegiados, ninguem mais tinha direito de penetrar esses pequenos e orgulhosos senados communaes. Esse corpo de eleitores afidalgados era o que naquella época se chamava a *nobreza da terra* ou, consoante á linguagem usual, *gente limpa e de geração verdadeira*.

O resto da população colonial estava excluida desse direito de eleger e desse direito de ser eleita. Eram, nas cidades, como S. Paulo e o Rio, todos os mercadores de vara e covado; todos os artifices; e os operarios de qualquer ordem. Eram, nos campos, nas zonas do interior, os pequenos lavradores e toda essa plebe formigante de mestres de assucar, feitores, vendeiros, colonos, aggregados e lavradores salarizados. Eram, nos campos e nas cidades, todos os homens de côr, todos os mestiços, todos os mulatos, cafusos e mamelucos — o grosso da nossa população inferior. Em summa: *a classe commercial; a classe industrial; todas as classes populares*.

De modo que, até 1822, o povo brasileiro, na sua expressão mais genuinamente democratica —

toda essa vasta massa humana, que havia de ser no Imperio, e ainda é na Republica, a base do eleitorado nacional — não intervinha sequer na organização da sua vida communal. São, pois, trezentos annos de ostracismo obrigatorio, de ausencia legal da vida publica, de incapacidade eleitoral qualificada e aceita, no correr dos quaes houve tempo bastante para se fixar uma tradição, forjar um character e definir uma psychologia, que não é outra senão a psychologia do nosso indifferentismo pela organização dos poderes publicos.

Depois da Independencia e com a fundação do Imperio, este regimen eleitoral se modificou profundamente, de uma maneira inopinada e estonteadora: a Colonia havia sido a aristocracia; o Imperio passou a ser, de subito, a democracia. Os decretos que providenciavam sobre a eleição de deputados á primeira Constituinte nacional estabeleciam o suffragio universal com uma liberalidade e uma amplitude que nem mesmo a nossa Constituição republicana admite. Por estes decretos eram considerados eleitores todos os cidadãos, residentes no paiz, nobres ou plebeus, fidalgos ou peões, homens de ganho ou magnatas. Bastava apenas que fossem livres e tivessem mais de vinte annos de idade. Exceptuados os escravos e os menores, todos elegiam. Mesmo os analphabetos. Mesmo os homens de côr, os alforriados, os mestiços, os mulatos, os rebotalhos da nossa população, a vaga população dos campos e das cidades.

Era uma mudança brusca, sem transição, sem preparo, sem luctas anteriores, que se fazia: era um salto improviso, instantaneo, temerario, que se ariscava da aristocracia para a democracia — sorte de *looping-the-loop* politico, que ainda hoje nos deixa atordoados, a nós mesmos, os de agora, já perfeitamente familiarizados com os dispausterios legislativos. Mas, esses remotos predecessores dos nossos estadistas e legisladores tinham para excusal-os dessa leviandade o idealogismo allucinante da época: então, mais do que hoje, os principios democraticos da America saxonica entravam por aqui em rajadas subversoras...

Dada, porém, a maneira por que se realizou a nossa educação politica, dada a nossa natural indiferença pela formação dos órgãos do governo, o que seria logico é que essa massa, chamada assim, de imprevisto, aos deveres e aos direitos da cidadania, não attendesse á vocação do legislador e continuasse mergulhada na sua passividade historica. O absentismo estava nas tradições do seu character, nas feições do seu espirito: — e era a unica cousa que não deveria surprehender ninguem.

Foi, porém o que aconteceu? Foi isto que vimos no intercurso do primeiro Imperio? no decennio da Regencia? nos cincoenta annos do segundo Imperio?

III

Não. O que vimos foi o contrario disto: foi o movimento, a agitação, a febre, o tumulto. O povo não estava ausente dos comicios eleitoraes.

Neste longo periodo, que vem de 1822 até a queda do velho regimen, nós o vemos acorrer para elles, soffrego, presto, ardente, vivaz, dividido em pequenas facções, numerosas e compactas. Regor-gitavam as sessões parochiaes: era sempre a mesma multidão febril e ruidosa, comprimindo-se e tumultuando em derredor das urnas.

Surprehende; mas, é exacto. E' só tomar o depoimento ás testemunhas ainda sobreviventes.

— Pela evolução da sua historia, o nosso povo estava condemnado á inercia eleitoral. Como explicar, assim, o milagre dessa transfiguração?

— Pela formação da sua mentalidade, elle devia ser, no ponto de vista politico, *indifferente*. Que força então o agita e lhe insufla, por mais de meio seculo, tamanho enthusiasmo civico?

— Resposta: os nossos grandes proprietarios do interior, os senhores de vastos engenhos, os nossos ricos e poderosos *landlords*. Elles — e mais ninguem.

Esses brilhantes caudilhos locais é que são, até 1888, com o seu vivissimo instincto partidario, os chefes reaes de nosso povo. Elles é que levam, du-

rante todo o periodo monarchico, até á boca das urnas, as nossas apathicas populações ruraes. Elles é que as mobilizam, e as instigam, e as aguilhoam, tangendo-as vigorosamente até alli. Elles é que as convocam, é que as reuñem, é que as arregimentam nessas innumeraveis facções militantes, que cobrem por inteiro o paiz e cuja combatividade é uma das maiores curiosidades do velho regimen. Elles é que nos explicam, afinal, numa terra, como a nossa, de absenteeistas natos, a maravilha dessa extraordinaria vitalidade eleitoral, que assignala e distingue a historia dos dois Imperios.

Ora, essa prestigiosa aristocracia de caudilhos ruraes se conserva organizada, florescente e vigorosa até quasi o fim do segundo Imperio, até 1888. Mas, neste anno, logo no seu começo, abre-se para ella uma phase tragica, o cyclo, ainda não encerrado, da sua ruina: a Lei da Abolição, inopinada e inepta, fere-a por uma especie de sideração economica, que a fulmina e aniquilla. E desde ahi ella entra a decahir, rapida e progressivamente, por todo o paiz. Em certas zonas do sul, chega mesmo a desaparecer na sua quasi totalidade. E são esses famosos senhores de engenho, que, distendidos pela faixa costeira até o Maranhão, compõem, tendo como centro Pernambuco, a brilhante aristocracia rural do norte! E são esses altivos senhores das grandes fazendas cerealiferas de Minas e do Rio de Janeiro, dos grandes latifundios caféeiros do planal-

to paulista, e que formam a aristocracia poderosa dos coroneis e dos barões do Imperio!

Tudo isto se some, na sua maior parte, quasi de repente, entre a fumarada e os destroços do grande desmoronamento de 88. E aquelles que alcançam resistir, ou escapam malferidos á catastrophe, ou são, logo depois, colhidos, os do sul — pela crise do café, e os do norte — pela crise do assucar. Só agora é que começam a desenhar-se, em S. Paulo e em Minas, os prenuncios da reconstrucção dos antigos elementos destruidos.

Este, então, o ambiente, dentro do qual evoluiu e desdobrou-se a vida do regimen republicano. Logo no seu berço, faltou-lhe o apoio dessa grande força, que foi a base da vida eleitoral do extincto regimen. Demais, justamente nas duas primeiras decadas da sua fundação, é que a nobreza rural é accommettida pelos golpes successivos de uma série de crises destruidoras e fataes (31).

IV

Ha mais ainda. Mesmo estes elementos super-tistes, isto é, não *devorados* ainda pela selecção economica, vão passando, por seu turno, na sua actividade, por uma transformação consideravel, que se opera, por assim dizer, aos nossos olhos e que é de

(31) Cfr.: — *O idealismo da Constituição*, 2.^a edição, 1940, cap. — *O primado do poder legislativo*.

grande repercussão no campo politico. E' a que lhes impoz a transição subita do trabalho servil para o trabalho livre, o jogo das grandes massas salariables, o advento dos novos processos de cultura racional da terra. Com esta transformação da technica do trabalho rural, a vida das fazendas adquiriu uma complexidade e um character absorvente, que não tinha até então.

Dahi, já não sobejarem mais a esses remanescentes dos antigos senhores ruraes os largos lazeres, os longos folgares, aquelle *otium cum dignitate*, que só a escravidão permittia e que era uma das feições mais typicas da sua existencia no passado.

Dahi, igualmente, uma transformação parallela na sua conducta politica. Sabe-se que, nos senhores de outrora, as preocupações partidarias, os alistamentos, as cabalas ardentes, a movimentação geral dos eleitores eram como que uma diversão ou desporto, com que elles enchiam, um pouco, os vagares e a monotomia do seu tranquillo viver campestre. Entre os senhores de hoje já o mesmo não é possivel occorrer: premidos e absorvidos pelas novas urgencias da technica da producção, já não lhes sobra nem tempo, nem gosto pelas luctas eleitoraes.

Nada mais natural, então, que sob o novo regimen, as urnas estejam desertas daquelles que deviam ser, e eram, os seus melhores frequentadores.

V

Esse absenteismo dos grandes potentados territoriaes não tem, comtudo, como causa unica a profunda transmutação porque está passando, no seu viver economico, sob a Republica, a nossa nacionalidade. Ha outras causas de menor valor, agindo em collaboração com essa causa, matriz e principal. Uma dellas é, por exemplo, a extincção dos antigos partidos: as facções numerosas, que lhes succederam, não os pódem substituir com vantagem. Com estas, hoje, as luctas eleitoraes são infinitamente menos bellas, menos interessantes, menos fascinadoras, menos *dramaticas*, do que outróra com aquelles.

E' um facto relevante este, — *da diminuição da dramaticidade dos pleitos eleitoraes, na Republica*. Esta causa actua principalmente sobre aquella parte da velha aristocracia rural não attingida directamente pela triplice crise economica. Isto é, a classe dos grandes criadores dos planaltos centro-meridionaes, dos sertões do norte e dos campos do sul.

No Imperio, dado o systema de centralização, em que viviamos, o combate junto das urnas era uma questão decisiva para a vida das facções locaes. Tratava-se de eleger os representantes, os “dignissimos senhores representantes da Nação”, das falas imperiaes, e, conforme no Parlamento predominassem os liberaes ou os conservadores, os effeitos des-

sa preponderancia eram consideraveis para as localidades. De um parlamento liberal, por exemplo, nascia um gabinete liberal; de um gabinete liberal, um presidente de provincia liberal. Dahi uma “derubada” geral de todos os conservadores das suas situações locaes. Os liberaes em ostracismo se aposavam então, numa ascensão immediata, a titulo de despojos, de todas essas situações vacantes. Era o *spoils system* americano na plenitude da sua virulencia.

Comprehende-se agora porque todos esses chefes locaes das provincias levavam até aos comicios do Imperio, com uma cavalheiresca fidelidade aos grandes chefes da Côrte, um ardor eleitoral que raiava pela bellicosidade. Extinctos, porém, os dois grandes partidos da monarchia e inaugurado o regimen federativo, é natural que tamanha vivacidade eleitoral cessasse — como cessou.

Sobre este ponto, a lucta entre “militaristas” e “civilistas” (32) valeu como uma illustração expressiva. Regiões inteiras, como as do sul de Minas, em perfeita hybernação eleitoral, reacordaram-se, sob a acção dessa ephemera revivescencia do espirito partidario, e reanimaram-se, cobrando de novo a antiga combatividade.

(32) Referia-me à lucta, em 1910, entre Hermes e Ruy pela presidencia da Republica.

Exemplo, porém, mais suggestivo dessa influencia do espirito de partido está no extremo-sul, entre a aristocracia pastoril dos pampas. Os prelios eleitoraes alli conservam ainda, apesar de tudo, a pompa, o brilho, a marcialidade dos grandes dias regenciaes. Mas, é tambem a unica região do paiz em que os "partidos" parecem existir...

Excepto esse pequeno grupo de estancieiros ardentes e bellicosos, perdidos num recanto das nossas fronteiras, tudo o mais, o resto da nossa antiga e prestigiosa aristocracia rural, a sua maioria, a sua quasi totalidade — nas zonas da costa, nos chapadões do planalto, nos reoncavos sertanejos — apparece profundamente alterada na sua organização ou no seu espirito.

Vista do alto, num olhar complexivo, a sua situação actual é esta: — parte della está totalmente destruida; parte está voltada para outras preoccupações, mais absorventes do que a tarefa das eleições; parte já não sente pelas campanhas politicas o antigo e vigoroso estimulo: *de qualquer fórma, está ausente das urnas*. Os caudilhos locaes, que hoje a substituem, são, na generalidade, meros prepostos dos governos estaduaes. E não possuem, de modo algum, nem o prestigio, nem o entusiasmo e, menos ainda, a riqueza e aquella capacidade de proselytismo e commando dos antigos chefes.

Nada mais facil agora, com esse absentismo da alta classe rural, do que comprehendermos o absentismo do baixo povo, das classes populares da Nação. Tudo se reduz, afinal, a um simples caso, a um caso vulgar de mecanica social applicada: retirados, por varios motivos, do campo eleitoral aquelles antigos elementos dirigentes, o nosso povo — essa vastissima porção de população nacional que até então havia comparecido alli unicamente porque era por elles propellida — muito naturalmente abandonou as urnas e se retirou tambem. Nada mais coherente com a sua indole, com a sua mentalidade, com as tradições da sua historia.

NACIONALISMO E QUESTÃO SOCIAL

I

OS varios problemas, que, no seu conjuncto, constituem a chamada “questão social”, estão, entre nós, mal postos. Neste caso, como em todos os outros e em todos os tempos, sempre procedemos segundo a nossa velha maneira, isto é, partimos sempre dos systemas, das theorias, das doutrinas, das idéas feitas — em summa, da “opinião dos autores”, e baseamos todos os nossos raciocinios sobre esses materiaes theoreticos, sem pensarmos em mesclal-os com a menor porção, o traço mais insignificante das nossas realidades, dos factos concretos do nosso meio e da nossa vida. Nem sequer nos lembramos que esses autores, ao expõem suas idéas, reflectem integralmente as condições peculiares do *seu* meio, da *sua* sociedade, do *seu* paiz, do *seu* grupo ethnico com a fidelidade de um espelho e o rigor de um aparelho de precisão; que as suas theorias, os seus systemas, as suas philosophias sociaes ou politicas, mesmos as mais amplas, as mais transcendentas, as mais universaes, outra cousa não

são senão generalisações audaciosas, possantes amplificações de idéas concretas, colhidas na observação de meio que os circumda — desse meio nacional ou ethnico, restricto, limitado, local, em que esses pensadores e reformadores nasceram, se educaram e vivem.

Ha que lembrar tambem essa singularidade curiosa, de que, em todo o universo habitado, mesmo entre os indigenas da Cafraria e os habitantes da Papuasias, só existe um homem que é para o meio nacional em que vive, para as ambiencias regionaes que o cercam, para o grupo social de que é molecula integrante, tão insensivel e refractario como os cégos de nascença para os aspectos da natureza que os envolve: — é o brasileiro culto.

No Brasil, cultura significa expatriação intellectual. O brasileiro, emquanto é analphabeto, raciocina correntemente e mesmo intelligentemente utilizando o material de observações e experiencias feitas sobre as cousas que estão em derredor d'elle e ao alcance dos seus sentidos — e sempre revela em tudo esse inalteravel fundo de sensatez, que lhe vem da raça superior originaria. Dêm-lhe, porém, instrucção; façam-no aprender francez; levem-no a ler a *Historia dos Girondinos*, de Lamartine, no original — e então já não é o mesmo. Fica “homem de idéas adeantadas”, cæe numa especie de extase e e passa a peregrinar, em imaginação, por todos “os

grandes centros da Civilização e do Progresso". Se, acordando-o da hypnose, damos-lhe um safanão e desfechamos-lhe, á queima roupa, uma pergunta concreta e precisa sobre as possibilidades da siderurgia no Brasil ou sobre o valor selectivo do zebú na pecuaria do Triangulo, elle nos olhará attonito, num estado de imbecilisação somnambulica, ou então entrará a dizer coisas disparatadas sobre rebanhos inglezes e australianos, ou desenvolverá, um pouco confusamente, os primeiros capitulos de uma "Philosophia da historia das applicações do ferro na economia contemporanea". Sobre o *nosso* problema siderurgico, sobre o *nosso* problema pecuario, elle nada dirá — porque nada sabe. Nem mesmo poderá saber, dado este estado peculiar do seu espirito.

II

O que se está passando com a "questão social" e o problema trabalhista frisa bem esse feitio particular dos nossos dirigentes e letrados. Queremos resolvel-os de accôrdo com o que nos dizem os autores, ou de accôrdo com o que se faz lá fóra — na Europa. Não na robusta Europa do individualismo anglo-saxonio, mas na tumultuaria Europa do bolchevismo russo ou do collectivismo allemão. E estamos a orientar as massas trabalhadoras num sentido inteiramente opposto ao que conviria ás ne-

cessidades, ás responsabilidades e ás possibilidades do nosso grupo nacional. Não ha exemplo melhor da nossa inconsciencia, da inconsciencia das nossas classes dirigentes, em relação aos nossos destinos e á nossa verdadeira funcção na economia universal, do que o modo por que estamos tratando e resolvendo — na imprensa, na cathedra e no Parlamento — a questão social.

Não estou discutindo o socialismo, o communismo, o anarchismo, o individualismo ou o syndicalismo em si. Diante de todo e qualquer systema de doutrinas, social, juridico ou politico, a minha attitude é sempre pragmatista. *Estes systemas, estas doutrinas só me valem pelos resultados: se bons, a doutrina é boa; se máus, a doutrina é má. Nunca me preoccupo com saber se uma doutrina é theoreticamente boa.* Em regra, toda doutrina, considerada theoreticamente, é bôa. Mas, um problema social não pode ser resolvido theoreticamente; ha de estar preso pelos seus elementos equacionaes á realidade da vida social — como as arvores pelas suas raizes á terra, onde vicejam. O contrario é fazer “brincadeira de crianças barbadas”, como diria Alberto Torres.

Esses idéas communistas, socialistas ou libertarias pertencem á categoria daquellas “utopias retrogradadas”, de que falava o mestre do nacionalismo entre nós. Esses revolucionarios querem restaurar uma idade de ouro, que já passou e de que o ho-

mem, na sua evolução historica, se vem libertando progressivamente. Seria obrigar-nos a um retrocesso prodigioso a épocas que se perdem nos longes mais obscuros do passado, á idade biblica das patriarchias abrahamicas, ao periodo rudimentar das tribus e das hordas pastoraes.

Dizem que o communismo é o futuro. E' facil provar que o communismo é o passado e um passado antiquissimo, tão antigo como a apparição do homem na historia. Seja, porém, o communismo o futuro; mas, neste caso, será um futuro remoto, o futuro do anno 3.000...

Ora, para nós, embora não deixemos de nos extasiar na contemplação dessa miragem longinqua, o que temos que resolver, no ponto de vista da questão social, é um outro problema. E' o problema da nossa attitude diante dessas raças varonis e individualistas, que, libertas, em parte, do fardo dos armamentos e das preocupações militares (33), vão dominar inteiramente a vida do globo e traçar ás outras raças as directrizes dos seus destinos.

Quer isto dizer que a solução do problema trabalhista entre nós não poderá deixar de ter, — como premissa maior —, a necessidade de preservar a nossa personalidade nacional e as expressões praticas da nossa soberania nos conflictos de competen-

(33) Estavamos em 1921, ainda sob a magia do idealismo e do programma de Wilson, objectivados no Tratado de Versalhes, 1918...

cias, ethnicos, economicos e politicos, que vão agitar daqui por diante o scenario do mundo.

Estudando a lucta commercial e industrial entre inglezes e allemães, dizia Sidney Whitman que não receava a concurrencia allemã, porque confiava na vitalidade aggressiva, "aggressive vitality", da sua raça (34). Esta vitalidade aggressiva nós a iremos sentir tambem. Dentro de cincoenta annos, poderemos verificar com segurança os effeitos della, dessa capacidade formidavel dos anglo-saxões para a lucta no campo economico. São elles que vão dominar o mundo. Deixemo-nos de recear a imaginação com as grandezas da nova Italia; com o renascimento da França immortal; com a hegemonia das gentes latinas; com a futura supremacia da raça mediterranea; etc.. Tudo isso é possivel; mas, o facto, a verdade formidavel é que a chave do futuro está nas mãos daquelle grupo de povos. Irradiem dos valles ferteis do Mississipi ou da sua insularidade do Mar do Norte, serão elles os senhores do futuro do mundo (35).

III

Ora, esses povos fortes, vitaes, dynamicos, expansivos, como têm resolvido, como estão resolven-

(34) Whitman — *Imperial Germany*, pg. 288.

(35) Isto dizia eu em 1921. Hoje, esta previsão continua ser tão segura como a do apparecimento dos cometas ou da occorrencia dos eclipses...

do, como vão resolver os varios problemas constitutivos da "questão social"?

Pelo socialismo? Não.

Pelo communismo? Não.

Pelo anarchismo? Não.

Pelo syndicalismo? Sim. Pelo syndicalismo, praticado á maneira delles, de accôrdo com o genio especifico da raça. Isto é, sem preconceitos doutrinarios, sem preocupações politicas, sem objectivos revolucionarios, sem impulsos destructivos, contido exclusivamente dentro do campo profissional e visando objectivos praticos, de melhoria das condições de vida do mundo trabalhador, pelo desenvolvimento do bem estar individual do operario e pelo desenvolvimento do espirito de cooperação e solidariedade (36).

Leiam-se essas duas bellas obras de investigação social, que são — *La concentration des forces ouvrières dans l'Amerique do Nord*, de Louis Vigouroux, e *Le trade-unionisme en Angleterre*, de Paulo Rousiers — e ver-se-á a fecundidade, a força, o poder transfigurador desse syndicalismo que se assenta sobre o sentimento de independencia individual e sobre o espirito da iniciativa pessoal, e tão differente do syndicalismo doutrinario, radical, dy-

(36) Esta veio a ser a orientação dominante na legislação social brasileira depois de 1930: v. meu ensaio — *A politica social da Revolução* (Publicações do D. I. P., do Rio).

namiteiro, subversivo, das massas proletarias da Allemanha, da França, da Italia, da Hespanha.

Não é agora occasião de saber si o nosso povo pode ou si tem capacidade para praticar o syndicalismo á maneira saxonica. O que é certo é que não nos é dado escolher. Qualquer outra orientação, que não esta, nos irá collocar numa situação de fraqueza e inferioridade. Diante dos padrões, pelos quaes se modela actualmente a moderna civilização industrial, *batido um povo no campo economico, este povo está praticamente batido no campo politico: a sua soberania será uma ficção a cobrir a realidade substancial de um suzeranato de facto.*

Como estabelecer o communismo maximalista num paiz, como o nosso, ainda por colonizar, onde ha vastissimas extensões de terras pedindo a acção da iniciativa individual, do capital apprehendedor e audaz? O communismo só seria justificavel nessas sociedades, em que a população está inteiramente concentrada em pequenos espaços; onde os meios de subsistencia são escassos e precisam, por isso, ser regulados; onde a terra está toda tomada e trabalhada; onde os problemas da "produção" da riqueza já foram completamente resolvidos e a grande questão é regular-lhe a "distribuição". No Brasil, é realmente de um ridiculo atroz que estejamos a debater a "distribuição" da riqueza, quando os mais

simples, os mais elementares problemas relativos á “produção” ainda não foram resolvidos (37).

IV

O soviétismo, o maximalismo, o communismo, com o seu igualitarismo e a mesquinhez dos seus objectivos economicos, não nos levaria apenas a uma situação de fraqueza irremediavel; seria, sem duvida, a negação integral de toda a nossa historia. Esta é uma affirmação quatrisesecular de energia, de independencia, de audacia, de ambição larga e grande de dominio e riqueza.

Essa energia, essa independencia, essa ambição foi a força motriz das “bandeiras” e a razão intima de todo o movimento sertanista. Fossem de bolchevismo aquelles tempos; contentassem-se esses antepassados em viver em pequenas comunidades ferozmente igualitarias, em *soviets* socializados — e os hespanhões audazes e batalhadores, que haviam trazidos até S. Vicente as suas incursões, nos teriam levado, em suas conquistas, toda a região meridional: — a rica região paulista do Tietê, do Parana-

(37) Quando escrevi este estudo, o communismo bolchevista era um systema ideologico que estava em experiencia na Russia; mas, as nossas elites intellectuaes começavam a interessar-se por elle. O communismo, no Brasil, dominou primeiramente as rodas letradas da Livraria Garnier — e não a massa...

panema, do Itú; a fértil região do Iguassú; a planície gaúcha e o valle do Uruguay: — *e nós não teríamos sido*. Se somos, devemos á energia batalhadora, á varonilidade intrepida, ao sentimento individualista desses antepassados heroicos, de musculos de aço e vontade de diamante.

Teríamos, por outro lado, sob um regimen de *soviets* bolchevistas, operado a prodigiosa expansão caféeira para o Oeste? teríamos colonizado Paraná e Santa Catharina? Teríamos realisado a exploração sertaneja da hyléa amazonica?

Entre nós, uma republica communista significaria, pelo menos, o "statu quo", a parada da nossa civilização, isto é, o retrocesso, o nosso aniquillamento diante dos povos fortes e progressivos, que estão modelando o mundo á sua imagem.

V

Visto á luz desse criterio nacionalista, o movimento de reacção das classes dirigentes e conservadoras do nosso paiz contra essas idéas exóticas torna-se, pois, um simples movimento de clarividencia patriótica. Não o inquina nenhum preconceito doutrinario; nada do odioso espirito de seita, de classe ou de raça. Inspira-o apenas, e o justifica, o nosso dever de brasileiros: — o sentimento de defesa do nosso grupo nacional.

O PAPEL DOS GOVERNOS FORTES NO REGIME PRESIDENCIAL

I

DE Nunes Machado costumava dizer o Marquez de Paraná: — que era capaz de todas as coragens, menos da coragem de resistir aos amigos.

O grande estadista do 2.º Imperio fez, sem o pensar talvez, a synthese de toda a nossa psychologia politica: é a incapacidade moral de cada um de nós para resistir ás sugestões da amizade e da gratidão, para sobrepôr ás contingencias do personalismo os grandes interesses sociaes que caracteriza a nossa indole civica e define as tendencias mais intimas da nossa conducta no poder.. Nessa fraqueza do nosso sentimento do interesse collectivo é que deve basear-se toda a analyse do problema dos *governos fortes* e dos *governos fracos* em nossa patria.

Essa aspiração por um governo forte, que cada brasileiro deixa entrever no fundo da sua alma, evolve sempre, entre as nossas indefinidas aspirações collectivas, com uma regularidade, um rythmo,

uma periodicidade que parece denunciar uma lei ainda não revelada da nossa psychologia social.

Somos um povo de consciencia nacional informe e vaga, já o provamos (38); mas, nas recurrencias frequentes desse messianismo ha uma exceção notavel á indecisão, sinão é ausencia, de ideaes collectivos em nosso povo.

Que forma, porém, toma na consciencia nacional essa aspiração por um governo forte?

Não ha duvida que o reclama a vocação intima do instincto nacional; mas, o que elle deve ser, a maneira por que se deve "revelar" é o que ainda não está definido na consciencia do povo. Ha em tudo isto mais um vago presentimento colectivo, com as suas nebulas, do que uma concepção popular nitida e vivaz — como no messianismo dos hebreus. Si esse ideal se houvesse imposto á consciencia da nacionalidade de uma maneira clara e nitida, elle já se teria realisado: um homem providencial já teria surgido para encarnal-o — á semelhança d'aquelle "Cromwell darwinista", cuja appareição o insigne Pompeyo Gener julgava necessaria para rectificar o character e salvar os destinos da sua Hespanha.

No meio dessa geral indecisão ha, comtudo, certos grupos de espiritos, em que essa grande aspi-

(38) v. *Populações Meridionaes do Brasil*, cap. VIII, IX, XIV e XV.

ração nacional se faz sentir mais definida e precisa.

Ha, por exemplo, os para quem um governo forte somente pôde ser um governo de força material, capaz de metter, pela disciplina do chanfallo, todo o paiz dentro de um regime permanente de legalidade e de ordem. Entre os que mais se extremam nas tendencias dessa escola, ha mesmo os que são francamente por um governo dictatorial, de feição marcial, á turca, á asiatica ou á marroquina — especie de especie de Albino Jara titanico, que transforme a nação numa vasta caserna, regida summariamente pela logica dos fuzilamentos (39). Ou dos degolamentos. — “Um corta-cabeças!” — rugem e ante as suas pupillas de mattoides phospheneiam crúas vermelhidões de sangue vivo. Estes são os troglodytas da nossa politica, os gorillas negros da “salvação republicana.”

Outros tambem ha que anceiam por um governo dictatorial, mas já sem espada e sem sanguieras, um “dictador scientifico”, como dizem, sorte de Francia *eau de roses*, patriarchal e ameno, com uma tempera morigerada de guarda civico; incruento, mas severo e moralizador; essencialmente “cida-

(39) Jara era então dictador do Paraguay, talvez o ultimo avatar de Lopez alli, feroz e implacavel com os seus inimigos politicos — como os seus antecessores. Hoje, com os novos dictadores na Europa totalitaria, a comparação resulta esmaecida e quasi insignificativa...

ção republicano”, sempre vigilante, em guarda ás “sagradas instituições”. Figuram entre estes os que batalham nas linhas de frente do Apostolado Positivista, infatigáveis, tenazes, blindados na armadura de diamante da sua fé.

Outros ha que esperam o governo forte de um Rei que aqui reinstalle a sua dynastia e, collocado acima das facções, livre das suas influencias pela hereditariedade do proprio cargo, reorganise a Nação e a consolide dentro dos moldes da moralidade e da lei. São os “sebastianistas” irreductiveis, nutridos das recordações da grandeza moral do 2.º Império e firmemente convencidos de que a renovar á o 3.º.

Desses tres typos de governo forte nenhum ha que tenha possibilidade de realisação proxima entre nós. O “corta-cabeças” marcial, invocado pelo troglodytismo das casernas, é uma hypothese naturalmente afastada: já abandonamos, de ha muito, a idade da pedra lascada. O dictador positivista é apenas um ideal, sem objectividade possível. O mesmo se dirá do Rei dos “sebastianistas” (40).

II

Para a determinação e a definição do conceito nacional, do conceito *brasileiro* do governo

(40) Então o grupo dos antigos “monarchistas” ainda se conserva organizado e combativo, aqui e em S. Paulo.

forte o primeiro ponto a fixar é o da realidade das nossas corporações partidarias, isto é, das nossas "machinas" eleitoraes, e sua verdadeira significação, a sua natureza, os seus fins, as causas da sua solidariedade, as normas habituaes da sua conducta. Este é o unico methodo racional e scientifico para a solução do problema.

É conhecida a influencia dessas corporações junto ao poder. Ellas servem de *medium* vital á actividade dos governos; estes vivem dentro da sua atmospherá facciosa como dentro do seu ambiente natural e adequado. Tirem-nos dahi — e parecem até que viriam a morrer de asphyxia, como os viventes da natureza numa atmospherá, de que se exaurisse o oxygenio. Um dos nossos presidentes mais populares chegou mesmo a exigir a formação de um partido — para que pudesse governar melhor, dando um temperilho mais acertado ao meneio das rédeas governamentaes...

O que é certo, porém, é que nunca tivemos partidos, nem mesmo nos bellos dias do Imperio. E muito menos os temos agora. Na base dos nossos partidos politicos, o que se encontra, depois de uma analyse positiva e concreta, não é a corporação de interesse publico, á americana ou á ingleza; mas, apenas, a communitade de interesse privado, o clan pessoal, o corrilho de campanario, a confraria eleitoral, reunida em torno de um chefe, mas de todo em todo indifferente ás idéas ou aos programmas,

sociaes ou politicos, que elle possa ter. O chefe acontece, ás vezes, defender algumas idéas, um certo programma; mas, os que o acompanham, numa proporção de mil por um, assim o fazem por motivos puramente pessoaes: sejam os proventos dos cargos publicos, sejam as vantagens directas ou indirectas, materiaes ou moraes, das situações de influencia junto ao poder. Nenhum ideal colectivo. Nenhuma aspiração patriotica. Nenhuma ambição nacional realmente determinante, efficaz, militante; nenhuma realmente "sentida", capaz de agir decisivamente sobre a conducta de cada um.

Esta é, afinal, a verdadeira realidade dos partidos politicos em nossa terra. Qualquer espirito, liberto da suggestão das phrases feitas e com o habito e a capacidade de raciocinar sobre realidades, todas as vezes que meditar sobre a natureza e a vida dos nossos partidos ha de chegar a esta conclusão: de que elles não passam de simples clans, mais ou menos organizados e mais ou menos vastos, que disputam pela conquista do poder para o fim exclusivo de explorar, em proveito dos seus membros, burocraticamente, o paiz. O lentejoular dos seus bellos programmas, as especiosidades brilhantes das suas justificações e apologias, as suas famosas "batalhas em pról da pureza do regimen" são meras theatralidades de *mise-en-scène* — e não valem dois minutos de attenção de um espirito sério.

Este objectivo dominante, embora dissimulado sob apparencias desinteressadas e patrioticas, de exploração burocratica do paiz explica a tenacidade aggressiva e feroz com que os partidos, que vingam senhorear-se do poder estadual ou federal, resistem e contrabatem os ataques dos outros partidos contrarios para expulsal-os das posições. Nessa defesa intrepida da sua situação eminente é que as nossas facções politicas demonstram uma solidariedade, um senso collectivo, um espirito de corpo, enfim, que nenhuma outra classe ou grupo social pôde exhibir ainda em nossa incohesa e desarticulada nacionalidade. Nenhum grupo social, nenhuma outra classe — nem a agricola, nem a commercial, nem a operaria, nem a religiosa, nem mesmo a classe militar — mostra, como essas numerosas associações partidarias que aqui se formam para explorar, em commum, o poder publico, um espirito corporativo mais claro e vivace, uma consciencia mais lucida e energica dos seus interesses communs (41).

Este espirito corporativo, é preciso frisar, só adquire essa força, essa energia, essa tenacidade nos grupos que conquistam effectivamente o poder. Quando para qualquer desses grupos a esperança de alcançar o poder é remota ou incerta, ou quando perde o poder e o ostracismo se prolonga demasiado, a desintegração é fatal: o grupo desaparece, aos

(41) v. *Populações Meridionaes do Brasil*, cap. VIII e IX, e *O idealismo da Constituição*, 2.^a edição, 1939, cap. IV.

poucos, pela dissolução progressiva dos seus laços de cohesão. Da parte de cada correligionario a certeza intima de que o seu interesse pessoal não pôde ser satisfeito destróe a razão mesma da existencia do partido — e o partido se dissolve porque lhe falta o que podemos chamar a sua força agglutinante, que é a posse *effectiva* do poder ou a probabilidade approximada de alcançar essa posse. Si esta não occorre, ha, então, o que se chama o “desanimo nas fileiras”: e os correligionarios se vão dispersando até a final extincção do grupo.

Em synthese: dentre todas essas communidades partidarias — federaes, estadoaes ou locaes — sómente aquellas que estão, de facto, no poder é que possuem uma verdadeira solidariedade moral; sómente nessas o instincto gregario, o espirito corporativo, a sentimento do interesse commum, da defesa commum, do perigo commum é energico, resistente, definido, organizado.

III

Essa solidariedade *interior* dos grupos “situationistas” é que se deve fixar bem, porque é essencial ao problema dos governos fortes no nosso regimen presidencial — e comprehende-se porque.

Nas monarchias constitucionaes, como a do extincto regimen, o soberano paira, imparcialmente,

acima dos partidos — pelo facto mesmo da sua condição privilegiada. No exame da fortaleza ou da fraqueza do seu governo, o factor psychologico da solidariedade partidaria póde ser, e deve ser, desprezado.

Nas republicas, porém, nas democracias, nos regimens de eleição, os chefes de Estado, antes de passarem pelo escrutinio popular, passam pelo escrutinio das partidos e vivem da sua solidariedade. Entre nós, por exemplo, todos os chefes de governo são, em regra, chefes de partido ou seus “soldados”; nenhum até agora houve que se declarasse fóra e acima dos partidos; nenhum com a coragem de afirmar, como Feijó em 32, como ministro da Justiça, que “governo não conhece partidos”. Quando abandonam um partido é para cahirem no partido opposito ou formarem um partido seu; sem partido é que não ficam nunca (42).

Essa situação bifronte dos chefes de Estado nos regimes democraticos é que torna melindrosa a sua attitude como governo. Por um lado, chefes de Estado, todos os seus deveres são para com o paiz. Chefes de partido, ou seus soldados, por outro lado, elles estão sujeitos á logica social do grupo, á sua logica corporativa, ao seu espirito gregario vivacissimo.

(42) v. — *O idealismo da Constituição*, 2.^a ed., 1939, cap. IV e seguintes.

De modo que a questão essencial, no exame da nossa these, é precisamente esta: qual a situação moral dos chefes de governo, qual a sua attitude pratica entre os deveres de lealdade á sua facção e os deveres de lealdade á sua magistratura, entre os seus deveres de partidario e os seus deveres para com o cargo, para com a sua condição de órgão do interesse colectivo, geral, *nacional*?

Dado o character de associação de interesse privado dos nossos partidos politicos, uma affirmação se impõe, desde logo, indiscutivelmente. E' que é tão francamente absurdo que um chefe de Estado se declare, entre nós, soldado de qualquer partido, como seria absurdo si elle se declarasse soldado da Associação Commercial, do Centro Industrial, da Sociedade de Agricultura, ou da União dos Estivadores. Estas quatro associações são associações de puro interesse privado; mas, entre ellas e as nossas associações partidarias não ha, de fórmula alguma, nenhuma differença essencial.

Se um presidente da Republica devesse sentir-se obrigado a deveres de solidariedade para com o grupo dos azues ou dos verdes, que o elegeu ou o apoia, elle tambem poderia sentir-se, amanhã, numa crise de excentricidade, obrigado aos mesmo deveres para com uma outra qualquer corporação existente no paiz, o *trust* Farquhar, por exemplo, e a pôr a força colossal do poder publico que dispõe ao serviço dos interesses particulares deste syndicato

industrial. Nesta hypothese, todo mundo veria uma aberração, uma deturpação das funções do Estado; entretanto, ninguém observa que deturpação igual é a do chefe de governo que se faz, *como tal*, soldado de um partido, isto é, de uma associação que, entre nós, praticamente, é uma associação de interesses privados, — como qualquer syndicato industrial ou qualquer sociedade mercantil.

Nessa connexão ou interdependencia que costumamos estabelecer entre o chefe de Estado e o grupo eleitoral que o elevou ao poder, o que ha é sempre uma illusão: a illusão de que essas collectividades politicas, que entre nós fazem a democracia das actas falsas, são realmente partidos, isto é, vastas associações tradicionaes, com altos ideaes collectivos a realizar, visando, além dos seus interesses propriamente privados, outros interesses, já de character *nacional*, — da incumbencia, portanto, do Estado (como é o caso dos velhos partidos americanos e inglezes). Esses ideaes collectivos, esses grandes interesses nacionaes, ao contrario, não movem, aqui, nunca os partidos e, na sua bandeira, têm apenas funções meramente ornamentaes; nem se realisam jámais, porque invariavelmente desapparecem sob o agitado esfervilhar das pequenas ambições pessoaes, rompentes, na intimidade dos proprios partidos, desde o momento da sua ascensão ao poder.

E' preciso levar tambem em conta a differença de grau entre a cultura politica desses povos e a nossa. Nessas velhas nações organisadas, ha um certo lastro de tradições moraes, um certo *sensu nacional*, a cujo imperativo todos os politicos, *sem distincção de partidos*, se conservam, na sua unanimidade, instinctivamente fieis, como sendo a expressão mesma do genio ethico da sua raça ou do seu povo. E essas tradições são para elles uma especie de codigo moral, de cujas regras não se afastam nunca e a que obedecem por uma especie de escrupulo subconsciente e instinctivo. Dahi resulta que esses homens, na sua conducta politica, no seu trabalho de defesa do grupo, na sua lucta com os grupos oppostos, nunca chegam a abrir um conflicto flagrante entre os seus interesses partidarios e os grandes interesses nacionaes. Nestes povos, o chefe do governo, solidario embora com o *seu* partido, não corre jámais o risco de faltar aos seus altos deveres para com o paiz, nem nunca se encontrará, pela sua solidariedade partidaria, nesta situação dolorosa dos que se vêem forçados a opinar entre a morte do seu grupo e o sacrificio da Nação, sem nenhuma possibilidade ás attitudes conciliatorias.

Essas situações de conflicto irreductivel entre a Nação e o Partido são, ao contrario, em nossa terra, frequentes, constantes, permanentes, por assim dizer, e formam a habitualidade do nosso viver politico e governamental. Desde que os nossos par-

tidos não têm outro objectivo sinão a posse e a fruição do poder, é claro que não podem dar outra orientação á sua conducta. Si a causa da sua cohesão e vitalidade é a posse do poder; si a perda do poder vale para elles a desintegração e a morte, nada mais natural que, senhores do poder, procurem, por todos os meios, conservar esta situação. Todas as suas attitudes, portanto, sejam as mais iniquas, violentas ou immoraes, encontram a sua justificação no proprio instincto de conservação alarmado. E diga-se a verdade dura: nessa defesa aspera e rude do *seu* grupo, o que cada correligionario faz, consciante ou subconscientemente — desde o simples cabo eleitoral ao chefe do partido — é a sua propria defesa pessoal.

Collocando-se, como se vê, entre nós a lucta partidaria no terreno da "logica sentimental" (no sentido que Ribot dá a esta expressão), comprehende-se agora que immenso campo não se abre ao trabalho subtil e insidioso das auto-suggestões e como, ás vezes, as causas mais injustas e deshonestas acabam sempre por parecer aos olhos dos seus partidarios as mais legitimas e juridicas do mundo.

Ora, dahi uma conclusão. Respirando nesse ambiente vibrante de auto-suggestões e de espirito sectario, qualquer chefe de estado, que entender ser "soldado" de um partido, arrisca-se noventa vezes sobre cem e por maior que seja a sua boa fé, a considerar como interesse *nacional* o

que é, na realidade, apenas interesse do *grupo*; de modo que lá um dia todo mundo percebe, e elle tambem, que está a transformar o poder publico em instrumento de defesa do *seu* grupo contra os outros grupos e, ás vezes, contra a propria Nação... Eis porque essas "regenerações" ou "salvações", que nos salteiam periodicamente em cada quadriennio, sempre acabam resumindo-se nesta alternativa fatal: para os adversarios, para o resto do mundo — ceinho carregado, catonismos inflexiveis, mão de ferro; para os que estão de dentro, "com o partido" — transacções, condescendencias, simulações, o regime permanente da impunidade, do archivamento e da pedra em cima.

IV

No pleno e absoluto dominio dessas praxes, desses abusos, desses costumes, dessas tradições, que são a normalidade da nossa vida politica, administrativa e partidaria, qual deve ser então a attitude de um governo forte? Eis a grande questão. Mas agora é facil resolvel-a.

— Governo forte (excluido o lado social da sua acção) será o que, rompendo com essas praxes más de solidariedade, tenha a energia moral precisa para realizar, *dentro do proprio grupo a que pertence*, a lei juridica e a lei moral da justiça. De modo que a sua attitude fundamental, será, não *a de quem ata-*

ca adversarios; mas — a de quem resiste a correli-gionarios, entrincheirando-se no Dever e na Lei.

Em épocas de anarchia e revolta, em que uma parte da Nação se levanta contra a autoridade e não a obedece, o governo forte tem que se revelar em attitude diversa: na attitude de quem reage, comprime, esmaga, manejando contra os adversarios as manoplas d'aço da força material. Em épocas pacificas e normaes, de labor e cultura, ao contrario, a fortaleza de um chefe de Estado se ha de revelar contra os seus proprios partidarios. Estes é que corrompem ou deturpam os seus melhores programmas, os seus mais bellos intuitos, com o sacrificio dos seus deveres mais curiaes.

Não percamos nunca de vista esta verdade fundamental em nossa terra: um povo, como o nosso, em que só o campeador rio-grandense tem a capacidade e o traquejo marcial das revoluções; em que para o resto da Nação “o poder é o poder” — não são os adversarios que devem os governos temer. Esses não os inquietam nunca, ou os inquietam apenas com o platonismo da berraceira escripta ou falada (43) — e todos nós estamos fartos de saber

(43) E' claro que me referia á opposição politica feita na imprensa e no Congresso. Na epoca em que este capitulo foi escripto, a reacção armada contra o poder central era uma *probabilidade*, não uma *possibilidade*. Em 1922 e dahi por deante, é que este complexo se desintegrou, abrindo-se o cyclo das reacções armadas. Depois da tremenda reac-

que esta não vale nada para os surdos que não querem ouvir.

Eis ahi, pois, o que se exige, para um governo forte, de um chefe de Estado, dentro da normalidade e da paz em que vivemos. Não é preciso que elle tenha a tempera sanguinaria de um "corta-cabeças", nem a severidade do "homem do chanfalho". Basta que possua a capacidade, a fortaleza, a energia moral da resistencia.

O grande escolho para uma attitude desta está em que essa resistencia não é facil de fazer-se. Numa terra, como a nossa, de partidos caracteristicamente pessoas, é mesmo um problema formidavel á resolução de um chefe de governo e diante do qual têm fraquejado, e fraquejarão ainda, muitas das nossas mais fortes personalidades.

E' que nós, brasileiros, somos profundamente sensiveis aos deveres da gratidão e da amizade. Este é um dos traços mais encantadores e nobres da nossa indole nacional. Ora, como toda a estrutura dos nossos partidos politicos se assenta exclusivamente sobre esses dous sentimentos, dahi o terrivel embaraço para os nossos homens do governo. Quando um homem lucha por um outro e o eleva pelo seu esforço á posição eminente em que se acha, esse outro está preso fatalmente a elle pela gratidão ou

ção de Floriano em 1893, até 1922, ninguem então se atrevia a levantar-se contra a autoridade do poder central.

pela amizade; será preciso uma insensibilidade, uma frieza, uma dureza d'alma extrema para que elle o abandone ou não o attenda. Eis porque, *no Brasil, a resistencia dentro do proprio grupo é uma das mais terriveis provações para um chefe de Estado.*

No seu poderoso livro sobre a nossa organização nacional, diz Alberto Torres que "o Brasil carece de um governo consciente e forte, seguro dos seus fins, dono da sua vontade, energico e sem contraste". Este governo, comtudo, não o poderemos ter nunca si os nossos chefes de Estado não se dispuzerem a treinar a sua vontade nos exercicios quotidianos dessa sorte de gymnastica sueca do character, que consiste naquella "coragem de resistir aos amigos", da ironia de Paraná. Equivale dizer que — para um chefe de Estado que deseje realizar, aqui, deante dos nossos grupos politicos, um governo forte — a mais prudente attitude aconselhavel não é propriamente a de tomal-os a sério... Outra não foi a attitude de Joaquim Murтинho: *no fundo da apre-goada inflexibilidade deste grande administrador não seria difficil encontrar-se um intimo, si bem que polido, desdem pelos nossos politicos e os seus partidos.*

V

Sabe-se sobre este ponto a precaução de Feijó. Convidado pela Regencia Trina para ministro da

Justiça, só accitou o convite mediante certas condições, estipuladas em clausulas claras e explicitas, escriptas pelo seu proprio punho em documento assignado pelos tres regentes: Braulio Muniz, Costa Carvalho e Lima e Silva. Por estas clausulas, elle se assegurava a si mesmo, *dentro do proprio ministerio*, uma liberdade de acção illimitada perante os seus collegas e perante a propria Regencia.

— “São estas — escrevia elle — as condições com que accitarei o ministerio da Justiça:

1.º) Conservarem-se os membros da Regencia na maior harmonia, sem outras vistas em suas resoluções que a prosperidade do Brasil.

2.º) Tomarem-se todas as medidas relativas á escolha e demissão dos empregados, a medidas geraes e a casos particulares, em conselho de ministros, presidido pela Regencia, ficando livre o ministro da repartição a que o negocio pertencer, quando seja dissidente, para fazer o que entender; ficando os mais desonerados de defender semelhante acto e autorizados mesmo a censural-o em qualquer das Camaras, quando nelle se toque. As ordens tendentes a mandar executar as leis... poderão ser dadas por cada ministro, independente de conselho.” E etc...

Esse bello documento de integridade civica termina assim:

— “Para que a todo tempo, ou me reste a consolação de, quando infeliz nos resultados, ter sido fiel aos meus principios e á minha consciencia, ou me encha de vergonha por haver faltado ao que nesta prometto, assigno-me; rogando a Regencia que queira tambem assignar, em testemunho de que acceta e concorda com o exposto. — Rio, 4 de Julho de 1831. — *Diogo Antonio Feijó* — *Lima* — *Braulio* — *Costa Carvalho*.”

Estavamos, como se vê, na época daquelles “varões singelos e grandes”, de que nos fala Salles Torres Homem. Passavamos a phase mais critica da nossa historia: a anarchia popular, a anarchia militar, a anarchia provincial dissolviam o Imperio, ameaçavam a unidade nacional. Era uma dessas épocas terriveis, de provações para os homens de Estado, em que os que são chamados ao poder por uma vocação nacional carregam com a responsabilidade de uma missão quasi providencial e ficam, por assim dizer, suspensos neste ponto critico do espaço politico, que marca para o destino do seu nome a divisoria ideal entre as ascensões e a queda.

Feijó, firmando aquelle compromisso, solemneamente authenticado, premunia-se habilmente. Era a couraça com que se blindava, com que blindava a sua natural affectividade de homem, a couraça contra o espirito de partido, contra as suggestões da amizade e da gratidão, contra os seus proprios col-

legas de Gabinete e os seus proprios companheiros de lucta. Garantido com essa armadura admiravel, subiu tranquillo ao poder e, relanceando em redor, começou, então, firme e inflexivel, a reorganisar o paiz, esphacelado pela anarchia (44).

(44) v. adiante: — *Feijó, ministro da Justiça e Regente.*



III

O Meio Sertanejo



O ERRO DA AUTONOMIA ACREANA

I

Os sertanejos acreanos, que pleiteiam a autonomia plena da sua terra, tramam, com suas próprias mãos, os liames que hão de escravizal-os.

Renovando, com estardalhaço, essas bellas formulas literarias, com que a rhetorica do nosso liberalismo vem, ha quasi um seculo, encandecendo a nossa phantasia de sonhadores, pedem elles as regalias da autonomia politica, a exemplo dos cidadãos de S. Paulo, de Minas ou do Rio Grande. Desafogue-os a União da tyrannia das prefeituras; dê-lhes que respirem, pelos amplos pulmões da autonomia, a atmospheria dos povos livres — dizem — e só assim, á superficie daquellas aguas cõr de barro, poderá a civilização entreabrir, para o espanto dos nhambiquaras, a sua flor maravilhosa.

Evidentemente, o methodo com que raciocinam esses caboclos intrepidos é o daquella perigosa “logica em linha recta”, de que nos fala José Enrique Rodó. Diante de um problema concreto e positivo, como é o da organização do poder publico, despre-

zam as suggestões luminosas da realidade que os circumda e vão construir, de preferencia, com premissas abstractas, syllogismos ideaes.

Verdade é que, nesse idealisar de phantasias, não são ineditos, nem estão sós. Os nossos reformadores politicos, os nossos evangelistas liberaes, os nossos legisladores, todas as nossas grandes ou pequenas capacidades dirigentes, outra coisa não têm feito, no correr da nossa historia, sinão reincidir nos erros, nos absurdos, nas illusões dessa logica infidelissima. Desde os titães sonhadores da Constituinte, no Imperio, até aos inaturaveis cabotinos da "sã politica", na Republica, todos elles, liberaes ou conservadores, monarchistas ou republicanos, esquecem, habitual e invariavelmente, os factos da nossa realidade pelo rigorismo dialectico dos principios, pelas predilecções logicas da symetria, pelos preconceitos doutrinarios de egualdade a todo o transe. Por maiores que sejam as suas divergencias de programma e os seus antagonismos partidarios, uma preocupação unica e exclusiva os domina com a insistencia, a energia, a fixidez de uma idéa obsedante: — a de investir todos os brasileiros, os do norte e os do sul, os dos litoraes e os dos sertões, indistinctamente, na integralidade das mesmas regalias politicas — como si para os effeitos da vida publica, com os deveres que lhe incumbem, o gaúcho independente, o paulista operoso ou o ponderado mineiro pudessem ser nivelados ao sertanejo do nor-

deste, bravo, intrepido, varonil, mas adestrado, ha tres seculos, num tirocinio de tropelias.

Na sua obsessão de summariarem o que de mais alto existe nos ideaes da civilização occidental, estes estupendos edificadores de regimens obstinam-se, por ignorancia ou por systema, em não contar com as condições reaes da sociedade que pretendem organizar. Legislam para abstracções. Articulam constituições admiraveis, não para que as executem brasileiros: *fluminenses, gauchos, bahianos, maranhenses* ou *paulistas*, homens de argila fragil; mas, uma entidade abstracta, esse homem-utopia: o Cidadão — esplendido boneco metaphysico, armado de molas idealmente perfeitas e precisas, a mover-se, rectilíneo e impeccavel, sem attritos nem contrachosques, dentro das categorias logicas do Dever.

E acontece, então, o que não poderá deixar de acontecer: ao adaptarem-se ás nossas idiosyncrasias regionaes, todos esses systemas incomparaveis, que aqui nos chegam, por importação, dentro das paginas massicças dos tratados, soffrem, para logo, transfigurações de forma e de substancia — e se corrompem.

Dahi as surpresas. Dahi os fracassos. Dahi as desillusões.

O que se deu com o regimen federativo é typico. Delle mais nada resta que uma vaga imagem esvanecente, em cujos contornos indecisos mal se adivinham as linhas harmoniosas do modelo origi-

nal. De posse dessas milagrosas franquias autônomicas, pelas quaes tão vastamente suspiravam nos periodos indignados do Manifesto de 70, as nossas antigas provincias centralizadas, ao invés de melhorarem e progredirem — como annunciavam, com estrondo, os ideologos — na sua maioria, na sua quasi totalidade, estacionaram ou regrediram (45): a federação foi para ellas um gravame, uma provação e um desastre. Hoje, como hontem, como ha quarenta annos passados, continuam a esperar que as salve da miseria, do obscurantismo e da politicalha, não já a Corôa, mas os seus naturaes successores historicos: a União, o governo, os poderes federaes.

II

Não será realmente risivel que, depois desses exemplos, repitamos no Acre a mesma experiencia desastrosa? Si grupos de população, alguns delles velhos de tres seculos, e densos, e organizados, não alcançaram comprehender o regimen federal e os seus deveres, como suppôr que os comprehenda e exerça uma vaga população erradia e dispersa, perdida num recanto selvagem da Amazonia?

(45) Com excepção, é claro, de alguns delles, como São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, etc. Nestes operou-se mesmo uma evolução progressiva, a ponto de revelar-se numa tendencia sensivelmente centrifuga.

Que essas colonias germanicas, que se expandem, florescentes e ricas, ao sul, em Santa Catharina e Paraná, disputem, um dia, pela sua autonomia local, pelos direitos da sua maioria politica, é hypothese perfeitamente admissivel. São gente de outra origem, de outra tempera, de outros habitos, de outro espirito. Nella o sentimento de solidariedade social e dos deveres civicos não é enxertia doutrinaria, não é um "fiat" de legisladores eruditos: está nos instinctos mesmos das cidades, dorme na alma das suas pequenas collectividades.

No Acre, porém, a coisa é outra: a população que alli vive e trabalha não a compõem allemães do Mecklemburgo e da Saxonia, nem inglezes do Sussex e do Kent; mas, cangaceiros tumultuarios do Parnahyba; mas, jagunços explosivos e turbulentos do Itapicurú e do S. Francisco; mas, sertanejos rebeldes e indomaveis dos Carirys.

Estes homens é que formam a base ethnica daquella sociedade. Com o suffragio universal, serão elles alli, no governo, a força dominante e dirigente; a elles caberá, então, propiciar os destinos daquella democracia e semear no seu seio revolto a legalidade e a ordem.

Estarão elles aptos para o exercicio desses novos deveres? Só ingenuos poderão responder affirmativamente.

O sertanejo do Noroeste é um exemplo typico do homem que, pela peculiaridade da sua formação historica e social, não adquiriu, nem podia adquirir, habitos da vida democratica. Sequestrado na rudeza das "caatingas", fóra por assim dizer, durante trezentos annos, da pressão politica e administrativa dos litoraes, carece inteiramente de capacidade para organizar e exercer os poderes publicos. — "E' tão inapto para apprehender a fórmula republicana — diz-nos Euclides da Cunha — como a monarchico-constitucional. Ambas lhe são abstracções inacessiveis. E' espontaneamente adverso de ambas". Deslocando-se para a grande hyléa amazonica, levou, intacta, no fundo do character, a carga formidavel dessa tradição triseccular: — e nada alli concorreu para modificá-la, melhorando-a; ao contrario, terra, clima, trabalho, tudo se congregou para alterá-la, empeorando-a. O sertanejo do Nordeste talvez perdesse, nas penosas adaptações a esse novo meio paradoxal e extravagante, alguma das bellas e fortes qualidades, que adquirira no seu habitat originario.

III

Para esses sertanejos rijos e energicos, a Amazonia, realmente, offerece, no que concerne ao character e á sociabilidade, condições menos propicias do que os sertões.

Naquellas paragens, o homem está, a bem dizer, acampado: ainda se não fixou definitivamente ao sólo. É-lhe aquella região uma especie de estação de pouso temporario. Elle a atravessa, destemeroso e erradio, em busca aventureosa da fortuna, como um estranho "caçador de arvores". E' um nómade. É um isolado. É um aventureiro. Impelle-o unicamente o instincto vibrante da cobiça. Nada mais. E a sociedade, que alli se agita e cresce, reflecte, no seu viver, na sua estrutura, a indole peculiar do homem que a formou: como elle, é instavel, incoherente, transitoria. O meio a dissemina e instabiliza. O egoismo a desune e barbariza (46).

Naquellas brenhas, a lucta pela vida é, com effeito, crudelissima. Pode-se dizer que a maioria da população está fóra da lei e do governo. O poder publico e a disciplina politica é como se não existissem, estão praticamente abolidos: annula-lhes a efficacia o bravio, o incommensuravel do territorio, em que se exercem.

Nos circulos sombrios daquelle mysterioso "Inferno Verde", o sertanejo, com os seus instinctos, as suas paixões, os seus rancores retrincados, é quem, de facto, distribue, ao seu modo, a justiça; e legisla; e governa. A vingança e a ambição têm alli um co-

(46) Hoje, é natural, esta situação deve estar sensivelmente melhorada.

digo lapidar e vibrante. Nessa singular organização judiciaria, não ha ensanchas para protelações, nem chicanas. O processo é immediato, summario e, ás vezes, fulminante.

Compete dizer do direito, em primeira instancia, em regra, á “faca de arrastão”. Dos seus julgados incisivos, mas nem sempre infalliveis, ha recurso ordinario para o grande juiz — o “rifile” — que dá audiencias no “sombreado das tocaias”. Dez tiros são dez sentenças. Uma descarga vale uma execução. O limite das alçadas, variavel, mobilissimo, retrae-se ou amplia-se, consoante ao alcance das balas e á segurança das pontarias (47).

É o “estado de natureza” de Rousseau, ás avessas. Historicamente rebelde, o curiboca explosivo e vibratil não possui o sentimento da lei, nem o respeito da autoridade. Essas altas expressões da organização politica, que são a autoridade publica e o “self-government”, elle não as poderá, pois, nem por sombras, apprehender — como, aliás, não a apprehenderam, em condições mais favoraveis, os seus irmãos dos Carirys.

IV

E' preciso que passe em julgado esta sentença:
ao sertanejo do nordéste falta quasi inteiramente o

(47) v. nota anterior.

senso da vida publica. Na sua mentalidade, não ha propriamente uma verdadeira cultura politica: elle está numa phase de evolução mais ou menos analoga á dos insulanos da Corsega ou á dos pastores montanhezes da Albania (48). É um insubordinado por temperamento, um indisciplinado por educação historica, que pede, como correctivo salvador, não o desafogo dos regimes livres, mas a coacção tutelar dos governos autoritarios. *Nas florestas do Acre, mais do que no recesso dos sertões, autonomisal-o importa escravizal-o.*

Essas bellas prerogativas democraticas, tão uteis e fecundas entre gauchos e paulistas, serão alli outras tantas armas de oppressão e barbárie. Da lucta pela conquista do poder o sertanejo acreano fará uma variante apenas da lucta pela existencia no junglal. Na arena da vida publica, desdobrará, como na braveza do deserto, a mesma mentalidade aventureira. Esses "batalhões patrioticos", que, com tanta facilidade, alli se improvizam, aos magotes, ao simples aceno dos chefes, amanhã, á boca das urnas, trucidar-se-ão mutuamente. Cada dono de seringal, com as suas centenas de caboclos decididos e leaes, será um caudilho em miniatura. Cada

(48) v. Demolins — *Comme la route crée le type social: Les routes du monde moderne, pg.*

districto, cada aldeia, cada povoação, uma fôrma reduzida de Xique-Xique e Currealinho (49).

No seio turbulento daquella democracia de apolíticos, por uma selecção ao revez, os bons, os honestos, os pacificos, os inermes serão vencidos e esmagados; aos fortes, isto é, aos audaciosos, aos violentos, aos sem escrupulos caberá, pelo escrutinio lampejante dos trabucos, a victoria. Esses tomarão á sua conta aquella sociedade sem physionomia para modelal-a á sua imagem. Será, então, dentro das formulas espècias da liberdade, a servidão organizada: — aquella “virtual slavery in political liberty”, de que nos fala Henry George.

Não vae nisto, nesta prefiguração, o menor traço de pessimismo. Ella encerra uma previsão tão segura como a da vinda do cometa Halley. Da sua verdade, da sua evidencia, da sua infallibilidade só poderão duvidar os que ignoram a nossa historia e aquella gente.

Demais, não será irrisorio conceder um regimen, todo elle baseado na liberdade, a uma população, em que se renova, de facto, o instituto de escravidão? Os testemunhos ahi estão. O seringueiro é realmente um escravo. O contracto de trabalho, que o prende ao patrão, resulta para elle, devido a

(49) Dois municipios bahianos então muito agitados pelas algaras dos cangaceiros, alliciados por politicos do sertão.

circumstancias geographicas excepcionalissimas, numa escravidão perfeita e insophismavel, tão cruel como a dos negros nas antigas fazendas do sul. Esta é a verdade dura, a verdade sombria, a verdade sinistra. Não ha como escondel-a (50).

De modo que a população acreana nos dá a todos nós este estranho espectáculo: — o de um povo de 60 a 100 mil habitantes (51), feitos servos de gléba de algumas dezenas de proprietarios e que sem que se alterassem absolutamente estas condições anormaes do seu *status* economico e social — reclamam da União a autonomia local e a liberdade politica, isto é, o direito de dirigirem os seus proprios destinos...

V

Não; a grande necessidade do Acre não é a autonomia. Nós, os homens do sul, temos alli uma grande tarefa que cumprir.

Na evolução geral da nossa civilização, aos dois grupos de população — estacionados, um no interior dos sertões, outro ao longo dos litoraes — couberam missões distinctas, si bem que harmoniosas.

Os primeiros — dos bandeirantes do seculo II e III aos modernos seringueiros da Amazonia — ti-

(50) v. Euclides da Cunha — *A' margem da Historia*, pg.

(51) Hoje, 118.000.

veram a missão de descobrir, povoar e ampliar o Brasil. Elles têm sido os fundadores da nossa geographia physica, os desbravadores do nosso territorio, os nossos semeadores errantes de cidades. Os seus habitos de nomadismo, a sua intrepidez, a sua estupenda resistencia organica talharam-n'os á maravilha para essa empreitada formidavel.

Nós, os do sul, tranquillos, cultos e algo sonhadores, tivemos, porém, outra missão não menos heroica e culminante: *a de fundadores da legalidade e do poder*. Temos sido, de um certo modo, os romanos do Brasil. Organizamos, por todo o paiz, a administração e o governo; creamos a ordem juridica; fortalecemos e espalhamos o sentimento da lei e o principio da autoridade (52). Esse pouco que ainda existe de consciencia juridica, de disciplina social, de habitos de ordem e tranquillidade publica na alma e nos costumes das populações do Norte fomos nós que alli semeámos e lavrámos, nós os que habitamos os littoraes do sul.

E' vista sobre este aspecto que a obra centralizadora do Imperio se revela como uma das mais fecundas e grandiosas que temos apprehendido em nossa historia. Não fôra ella, não fôra esse legalismo compressor, cuja expressão suprema é a Reforma Judiciaria de 71 — e a caudilhagem certa-

(52) v. *Populações Meridionaes do Brasil*, I, cap. XII.

neja teria, de a muito, transbordado das lindes dos seus sertões originarios e descido, com as suas algarras bandoleiras, até a região tranquilla dos littoraes, submergindo-os na anarchia. Combatendo-a, repellindo-a, acantoando-a na braveza das "caatingas", nós, os do sul, salvámos no 2.º Imperio, pela centralização do poder e pela coacção organizada, os fundamentos do nosso direito e a dignidade da nossa cultura.

VI

Ora, o Acre renova, hoje, para nós, em condições mais oppressivas, a mesma politica do Imperio nos sertões. Temos que effectuar alli, no remoto daquellas paragens, a mais bella empreza de civilização dos nossos dias: a de realizar, por uma organização vigorosa do poder, a educação legal e civica do seringueiro da Amazonia — o mais rebelde, o mais indisciplinado, o mais apolitico dos brasileiros (53).

Dadas as condições excepçoes daquella sociedade, o extravagante dos seus costumes, o recente da sua historia, as origens e a indole da sua população, a sua extrema rarefacção demographica, a unica fôrma de poder publico apta a realizar esse alto objectivo educacional será, não um governo li-

(53) Foi o que se fez, criando-se em 1920 o Territorio do Acre, administrado directamente pela União.

vre, autonomo, descentralizado, emanando do escrutinio da propria soberania local; mas, ao contrario, um governo forte, centralizado, autoritario, feito e aparelhado aqui, absolutamente estranho áquella população; governo marcial, á lacedemonia, especie de cazarismo legal ou estado de sitio permanente, á semilhança dõ que fizeram os invasores doricos nas cidades hellenicãs do Peloponeso (54).

Um certo liberalismo de importação, que por ahí se apura no zelo accaciano dos chavões, levantará provavelmente contra essa solução racional do problema, em nome dos “sagrados principios da liberdade”, a sua costumada gritaria de “reivindicações” e “protestos”. Este será, entretanto, o meio unico de salvarmos da catastrophe que os aguardaria — si autonomos —, aquelles extraordinarios exploradores do deserto.

(54) Esta incisiva conclusão teve uma refutação violenta e mesmo aggressiva de um nordestino de talento, a cuja intelligencia rendo aqui minha homenagem de admiração. Tem a sua contestação, porém, apenas o valor de um perdoavel impulso, de natureza sentimental, puramente affectivo, sem fundamentação objetiva: v. Craveiro Costa — *A conquista do deserto occidental*, São Paulo, 1940.

ORGANIZAÇÃO DA LEGALIDADE NOS SERTÕES

(O problema do Contestado)

I

Os grandes constructores politicos e constitucionaes da nossa nacionalidade, os que a emanciparam, a fundaram, a organizaram, a consolidaram, — dos Andradas a Feijó; destes aos elaboradores da Lei da Interpretação; destes aos edificadores da Constituição republicana, e ao contrario dos estadistas coloniaes —, nunca puderam, na sua lucta pela unidade nacional, formar um grande ideal preponderante de integração sertaneja, isto é, nunca puderam julgar condição indispensavel á realização desta unidade nacional a incorporação da nossa vasta barbarie dos sertões á civilização do littoral: este objectivo sempre lhes faltou á orientação da sua politica unificadora. E isto porque as unicas forças locaes, que se levantaram contra esse grande plano de consolidação e unificação da nacionalidade, não foram propriamente os sertões, a sociedade pas-

toril, occulta na penumbra dos planaltos; mas, as capitães historicas da costa; mas, as oligarchias provinciaes, na sua totalidade, como ainda hoje, instaladas á beira-mar.

Estas é que, desde 1822, se erigiram em centros de reacção contra a obra da integração nacional. Estas é que se revelaram sempre agitadas pelo espirito liberal. Estas é que sempre denunciaram pendores separatistas. E todas essas revoluções, como a “Confederação do Equador” e a “Revolução Praieira”, que vemos sacudirem, durante o Imperio, com tamanha violencia, o Norte, não foram senão episodios dramaticos e sangrentos dessa bella lucta, que se vem pelejando ha mais de um seculo, entre o poder central e as forças do localismo, escalonadas á riba-mar.

Neste particular, a historia do nosso paiz contrasta sensivelmente com a da Argentina. Na historia argentina, o conflicto entre as forças de concentração e unidade e as forças de autonomia e dispersão se estabelece justamente na zona central do paiz, na região incommensuravel dos pampas. E’ a lucta entre a capital e a savana, entre o governo de Buenos Aires e o campeador das planicies, o traço superior e principal da historia argentina: o triumpho da causa nacional impunha, como condição preliminar, a conquista e a dominação dos pampas; o predominio da capital platina, a eliminação dos grandes caudilhos pastoris, do typo heroico dos

Quirogas e dos Rosas. Era natural, então, que os estadistas argentinos dessem á sua orientação politica e administrativa este objectivo supremo, que a distingue: attingir o pampa, conquistal-o, pol-o ao alcance da sua autoridade e do seu poder (55).

Entre nós, o conflicto entre as populações sertanejas e o poder central, durante o nosso processo unificador, não teve nunca essa culminancia, nem essa continuidade; foi sempre esporadico, intermitente, secundario. Mesmo nas revoluções da Regencia e em todas as revoluções anteriores e posteriores, que tiveram o sertão nortista como centro, nenhuma dellas representou realmente um movimento espontaneo e autonomico da sua gente: *todas ellas se organizaram sob as suggestões das oligarchias da costa e reflectiram integralmente a politica das metropoles provinciales.*

Não havia, pois, como erigir-se no espirito dos nossos grandes estadistas — dos que foram, entre nós, realmente constructores e organizadores — e feita directriz dominante do seu programma nacional e unitarista, *a organização social e legal dos sertões.*

(55) v. Domingos Sarmiento — *Facundo*, Rio, (trad. de C. Maul); Levene — *Historia da civilização argentina*, Rio, (trad. de Medeyros). Cfr.: Pelliza — *La dictadura de Rosas*, B. Ayres, 1917; Victorica (J.) — *Urquiza y Mitre*, B. Ayres, 1918; Salgado (G.) — *Evolución del pueblo uruguayo*, Montevideo, 1941.

Outra, não ha duvida, teria sido a orientação da nossa politica e da nossa actividade administrativa si essa zona de attritos entre o poder central e as forças regionaes, em vez de se ter localizado na orla maritima, se houvesse fixado no interior do grande massiço central, onde vivem as nossas populações sertanejas. Então, essa grande energia centralizadora — que o Imperio, dirigido por grandes constructores politicos, do pulso e da estatura de Feijó, e por estadistas conservadores, da tempera e educação de Itaborahy e Uruguay, desdobrou inteiramente á orilha dos litoraes, desde 1822 — ter-se-ia desencadeado sobre os sertões, como sobre o pampa a energia dos unitarios da escola de Sarmiento e de Rivadavia.

Esta é a causa principal por que, depois da Independencia, as populações do sertão se obscurecem completamente aos nossos olhos, mergulhando-se numa como caligem quasi secular de abandono e olvido. Somente quando uma dessas irrupções fragorosas de banditismo ou de fanatismo, como a de Canudos ou a do Contestado, exorbitando as suas lindes locaes, vem sacudir-nos da nossa indifferença, é que nós, os litoraneos, nos voltamos para essas vagas regiões de campos ou de caatingas asperas e bravias e damos conta, feridos de surpresa, e aturdidos, e inquietos, e espantados, dessa vastissima Mongolia nacional, tumultuante na sua innumeravel barbaria de tunguzes de cangaço...

Ha dois seculos passados, porém, não era este o estado geral dos espiritos: a atmospheria social estava por esse tempo completamente saturada de "sertanismo". Os politicos coloniaes, no II e no III seculos, visavam exclusivamente o sertão; no seu espirito, como no de toda sociedade da época, a preocupação sertaneja era a maior e a mais empolgante das preocupações. Não só a impetuosa projeção das bandeiras, como a descoberta dos campos mineradores, a brilhante agitação dos caudilhos paulistas, o ouro, os diamantes, os garimpos, tudo isto fizera com que sobre os sertões, durante os tres primeiros seculos, se concentrasse o pensamento dos politicos coloniaes. *O abandono da preocupação sertaneja data, entre nós, de um seculo apenas* (56).

II

Os campos meridionaes, que de Lages e Curitiba se estendem para Guarapuava, Palmas, Curitiba e S. João, começaram a ser povoados nos meados do III seculo da nossa historia. E' a sua população oriunda dos heroicos sertanistas de S. Vicente, essa raça admiravel de homeriadas americanos, em que, no classico dizer do nosso Frei Gaspar da Madre de Deus, "ou por força do fado, ou por desgraça da sua capitania e ventura das outras, sempre foi predominante a paixão de conquistar".

(56) v. *Problemas de politica objetiva*, 1930, cap. XIV.

E' verdade que o povoamento desses campos pelos naturaes de S. Vicente não teve a theatralidade marcial nem esse som de tuba épica, sonoro e grande, com que vemos operar-se o povoamento das regiões metalliferas de Minas, de Matto Grosso e de Goyaz. Essa diffusão dos antigos paulistas para o sul foi, ao contrario, calma, silenciosa, obscura; mas, as leis que a regem não diferem das leis que regem a diffusão dos descobridores mineiros e goyanos, e dos colonizadores que os seguiram. Simplesmente, a força motriz que impelliu os colonos vicentistas para o sul, para os litoraes catharinenses, para os platós do Paraná, para os pampas gauchos, não foi, como na expansão para Minas e Goyaz, a cobiça do ouro, a visão delirante das esmeraldas; mas, a ambição tranquilla de explorar esses vastos campos pastoris, que são a maior riqueza e tambem a maior belleza das nossas paragens meridionaes.

Já a irradiação dos enxames de S. Vicente se havia propagado pelo littoral, descendo de Santos para Laguna e dahi para os pampas riograndenses, quando os bandos dos tropeiros paulistas, que faziam o trafego de muares através o planalto curitibano, do Viamão para S. Paulo, entraram a esgalar para oéste e vieram, por fim, a descobrir e povoar os bellos campos que se dilatam pelos valles do Iguassú e do Uruguay (57).

(57) v. Romario Martins — *Historia do Paraná*, Curitiba, 1937; Francisco Negrão — *Genealogia Paranaense*, Curitiba, 1926-1928, em 4 v .

Essa expansão dos paulistas para as zonas meridionaes se fez, como se sabe, em duplicata: uma corrente seguia pelo littoral, de Santos até Laguna; outra caminhava pelo cimo da Serra do Mar, para ir cobrir de fazendas e curraes todo o plató paranaense e catharinense; uma e outra convergindo, a principio, em Laguna, para dahi inundarem o pampa com os seus armentios numerosos. Tinha a corrente do littoral um character francamente agricola, com pequenas digressões mineradoras; mas, a corrente que atravessava o planalto, de Sorocaba a Vião, e que deu origem á população do Contestado, essa era essencialmente pastoril.

Data a fundação de Lages de 1765. Mas, antes mesmo desta época, já os curraes dos vicentistas se espalhavam numerosos, dos campos do Vião e da Vaccaria até Curitiba e Sorocaba, ao longo da grande estrada, por onde, em 1731, passavam, vindos do pampa, com numerosa cavahada, Christovam Pereira e os seus tropeiros.

De 1810 em diante, foram sendo descobertos os campos de Guarapuava, pelos quaes se disseminaram largamente os paulistas. Em pouco mais de vinte annos, já estes campos estavam completamente occupados — e aquelles intrepididos colonos viram-se forçados a emigrar mais para o interior, em busca de novo espaço ás suas fundações pastoris. Descobriram então os campos de Palmas, cujo povoa-

mento, dado a sua prodigiosa capacidade colonizadora, foi rapido e completo.

Em 1840, mais ou menos, houve uma nova expansão para sudoeste — e foram descobertos outros campos que os activos colonizadores de Palmas e Guarapuava encheram logo das suas manadas. Dahi em diante, o povoamento do sertão se dilatou com egual rapidez, e os campos de S. João e as suas zonas convizinhas se foram cobrindo dos rebanhos dos ultimos abencerragens do bandeirismo.

Nessa deslocação para o interior dos campos meridionaes, os antigos paulistas revelaram a mesma capacidade de diffusão, a mesma mobilidade, a mesma rapidez colonizadora que demonstraram na sua irradiação para as florestas do chapadão central, no periodo das “entradas” e do ouro: para Minas, para Goyaz, para Matto Grosso, para as bacias profundas do S. Francisco, do Araguaya e do Tocantins, cujos valles immensuraveis atroaram, em menos de um seculo, com um numeroso e inaudito tropel humano.

Essa velocidade incoercivel dos paulistas, essa profundidade portentosa da sua internação sertaneja explica-se pela propria constituição intrinseca dos seus grupos emigrantes. O colono vicentista, heroico desbravador de florestas — ao contrario dos outros colonos dos tempos modernos, o germano, o slavo, o saxão, o scandinavo, o latino, ou o nosso sertanejo cearense, que povôa a Amazonia — não

emigrava nunca como colono isolado, individual ou provido apenas do nucleo elementar da familia; emigrava por grupos, por clans, por grandes conglomeratos sociaes; numa palavra: por "bandeiras" (58).

Essas bandeiras eram verdadeiras sociedades em miniatura, com uma organização politica, uma organização militar e uma organização economica das mais completas e solidas. Os seus chefes, grandes potentados de S. Vicente, de Santos, de S. Paulo, de Itú, de Taubaté, senhores de numerosos curraes e vastos latifundios afazendados, differiam muito dos magnatas paulistas de agora e da sua psychologia de super-civilisados.

Estes vivem entre o conforto dos seus solares aristocraticos e os encantos das grandes cidades; os seus antepassados de ha tres seculos tinham o que se póde chamar a *vocação do deserto* e a prelibação das suas fráguas. Com o nucleo central da familia e mais a sua parentalha, os seus capellões, os seus aggregados brancos, os seus mamelucos, os seus indios, os seus escravos, as suas ferramentas, as suas armas de fogo, os seus cargueiros, a sua cavallhada, o seu gado grosso e miudo, todo o aparelhamento de uma tribu em marcha, elles partiam, destemerosos e confiantes, para a solidão das florestas, para o desconhecido do "sertão": Pascoal Moreira para

(58) Cf.: — *Populações Meridionaes do Brasil*, cap. V.

Goyaz, Paes Leme para as serras de Minas, Domingos Peixoto para Laguna, Correia Pinto para os campos de Lages, Christovam Pereira para o Rio Grande, a caçarem indios, a descobrirem ouro, a prearem gado, a fundarem engenhos, aldeias, povoações, ampliando, ao norte, ao sul, ao centro, a area geographica da nacionalidade.

III

Esta fórma de colonisação por bandeiras vai dar á organização social do nosso povo uma feição particularissima.

O colono singular, o que emigra isolado, como o italiano, o allemão, o polaco das nossas colonias do sul, não se distancia, nem se pôde distanciar, do seu grupo originario. Povôa lentamente, dilatando o seu nucleo de accôrdo com o principio da contiguidade geographica — e não se desprende d'elle nunca.

E' o caso do colono saxão. Desde a invasão dos barbaros, na alvorada medieval, até hoje, emigra individualmente, ou com uma pequena familia — e funda sociedades, que crescem paulatinamente, de uma maneira continua, sem intermittencias ou dissociação das suas partes: a propria necessidade de garantir a subsistencia economica o obriga a moderar a sua marcha para diante, de modo a não quebrar dependencia com o nucleo inicial.

E' o caso ainda do allemão, que povôa a faixa costeira de Santa Catharina e Paraná e vai agora colonizando os altos platôs da cordilheira maritima: os seus nucleos coloniaes conservam sempre essa relação de dependencia com os centros urbanos mais proximos e, todas as vezes que a interrompem, o seu anniquilamento é fatal (59).

Com os bandeirantes paulistas foi o contrario que se deu. Com o seu systema de emigração em massa, deslocando o proprio latifundio com todos os seus elementos economicos e sociaes, elles se libertavam dessa força de retenção na sua marcha para o deserto: os seus bandos eram organizações sociaes completas, embora em miniatura, nucleos autonomos e independentes, com uma admiravel capacidade de auto-subsistencia e auto-defeza.

De modo que, expandindo-se pelos immensos chapadões florestosos ou pastoris do grande massiço central, não obedeceram ao principio da "contiguidade geographica", da migração de *proche en proche*, como os saxões e germanos na sua expansão pelo velho e pelo novo continente, ou os pelagios antigos pelos littoraes do Mediterraneo; ao contrario, colonisaram á sua moda, por assim dizer aos saltos, sem a menor attenção ao principio da continuidade social. Os nucleos humanos formados — os "cur-

(59) v. Romario Martins — *Quantos somos e quem somos?* — Curitiba, 1941, *passim*.

raes”, as “fazendas”, os “engenhos”, os “arraiaes”, as “aldeias”, as “povoações”, as “villas reaes” — foram surgindo como que por explosão, sem respeito a essa relação de dependencia com o grupo inicial, que rege a expansão dos povos modernos pelo mundo. Isto é, foram surgindo dispersivamente, desarticuladamente, desagregadamente, a immensas distancias uns dos outros: no Rio Grande, no Paraná, nos cêrros mineiros, no S. Francisco, nos “geraes” goyanos, em Matto Grosso, no Tocantins, no Araguaya, — pelo Brasil quasi todo —, em menos de dous seculos.

Essa extrema capacidade de penetração sertaneja, levando esses colonisadores a distancias incalculaveis da costa, os tornava logicamente centrifugos, isto é, absolutamente inatingiveis á acção disciplinar do poder publico.

Fixamos bem este ponto. *Elle é o angulo do qual podemos apprehender a relação entre o phenomeno do bandeirismo e o phenomeno do banditismo em nossa historia.*

IV

O poder colonial, com effeito, installado em alguns pontos disseminados do littoral, não podia acompanhar, no mesmo compasso, essa marcha vertiginosa das ondas emigratorias para os sertões. Era-lhe impossivel dar aos melindrosos e complexos

apparelhos do governo e administração uma penetração e uma mobilidade eguaes ás dos grupos bandeirantes. De modo que a sociedade colonial se adiantava e expandia sem que as suas vanguardas e os seus nucleos periphericos tivessem para defendel-os a cobertura tutellar de um poder publico organizado. Os apparelhos governamentaes eram obrigados a permanecer em retardo na orla dos litoraes, incapazes de seguir o rithmo amplissimo do desenvolvimento colonizador, prodigiosamente accelerado com a descoberta dos jazigos auriferos de Minas e das zonas pastoris dos planaltos do sul.

O governo da metropole procurou, é certo, vencer esta anomalia e cobrir a sociedade colonial, á medida que ella se ampliava, com a blindagem da sua tutella legal: o desmembramento crescente das capitancias não teve outro fim (60): Mas, apesar disto, á medida que se distanciavam da costa, as autoridades coloniaes sentiam que o seu poder, a sua efficiencia, a sua temibilidade se ia progressivamente enfraquecendo deante de um outro poder mais forte, mais prestigioso, mais incontrastavel: o poder dos caudilhos do "sertão", cuja audacia recrudescia a cada nova investida para o interior.

Isolados nas solidões do *hinterland*, fóra do alcance dos agentes da legalidade e da policia, esses

(60) v. *Evolução do povo brasileiro*, 3.^a parte; *Populações Meridionaes do Brasil*, cap. XI a XII.

chefes de bandeiras, esses capitães de grupos exploradores, essas podestades dos remotos sertões se erigiram naturalmente em centros sociaes, em forças reguladoras, em agentes espontaneos e logicos de governo — e foram organizando, nessas peripherias longinquas, essa atormentada sociedade sertaneja, que, aos olhos da metropole, como aos olhos de todos nós, gentes de ribamar, outr'ora como ainda hoje, não podia deixar de parecer inteiramente anarchica e revolucionaria.

O conflicto suscitado entre o governador de S. Paulo e o povo da capitania do Rio Grande do Sul, em 1766, sobre a fundação de Lages, esclarece belamente este ponto.

— Era governador de S. Paulo, por esse tempo, o Morgado de Matheus, D. Antonio de Souza. No intuito de augmentar a colonisação da sua capitania, mandará Correia Pinto, vicentista, fundar no sertão, cem leguas depois de Curytiba, a povoação de Lages. Esta região, porém, estava já sob a jurisdicção da capitania do Rio Grande — e os seus moradores protestaram contra essa invasão da gente paulista. Deste protesto houve recurso para o vice-Rey, o Conde de Cunha, residente no Rio.

Este, sob o receio de um levante geral dos moradores da região contestada, entrou a contemporar, esperando as instrucções do governo de Lisboa, a cujo secretario, Mendonça Furtado, escreveu, relatando o conflito: — “Não sei si esta justa mo-

deração — dizia elle, confessando a sua fraqueza — será bastante para se temperarem os animos dos prejudicados, e que estes queiram tolerar a injustiça desse procedimento, conhecendo que, pela distancia (*sic*) em que me acho daquelles habitantes, mal poderei contel-os e pacifical-os, si quizerem romper em alguns desatinos”.

Esse testemunho confidencial dardeja sobre as obscuridades da nossa vida colonial uma luz vivissima: a autoridade publica, remissa e distante, encarnada embora na personalidade imponente do vice-Rey, se confessa incapaz de dominar uma provavel rebeldia de sertanejos, devido a enorme distancia entre a sua séde e o fóco da desordem imminente... Vê-se, por ahi que o poder publico não tivera tempo de organizar-se nesses rincões, tão rapida e profunda fôra a colonisação daquella zona — e a disparidade entre a enorme area da expansão colonial e a pequena area de efficiencia legal se mostra neste exemplo sob uma luz meridiana.

E' geral, aliás, em toda a nossa evolução nacional, essa sorte de heterochronia entre a marcha territorial da sociedade e a marcha territorial do poder, essa sorte de discordancia entre os dois perimetros, o social e o politico; de modo que este é sempre incomparavelmente menor do que aquelle. Grande parte, sinão todas as anomalias constitucionaes do nosso povo, explicam-se racionalmente por esta grande causa geral. Neste facto — de que, em nossa

historia e em nosso povo, a *expansão geographica da Sociedade tem sido sempre maior do que a expansão geographica do Estado* — é que está a origem do banditismo, do cangaceirismo, do caudilhismo, do fanatismo, dominantes no seio das nossas populações do interior. Todas as outras causas apontadas são apenas adminiculos ou reforços dessa causa fundamental e originaria (61).

No primeiro seculo, quando ainda, numa phrase feliz, arranhavamos o litoral como caranguejos, esse synchronismo entre o desenvolvimento territorial da sociedade e o desenvolvimento territorial da autoridade publica existia. Cada feitoria, cada povoação, cada villa, que se fundava, nascia, por assim dizer, sob a proteção do poder, com uma cobertura politica conformada á sua extensão. Os colonisadores paulistas, porém, no II e no III seculos, com o seu systema de migrações por bandos, distendendo subita e desmedidamente os limites da área colonisada, quebraram inteiramente aquelle rithmo.

Nos Estados Unidos, o mesmo phenomeno esteve a pique de produzir-se, quando, vingada a barreira dos Alleghanys, as vagas povoadoras dos anglo-americanos se estenderam vertiginosamente para o Far-West. Mas, no caso americano, os agente da autoridade publica não ficaram, como no nosso caso, em retardo; as estradas de ferro, caminhando ao com-

(61) v. *Populações Meridionaes do Brasil*, cap. XI.

passo daquella poderosa expansão, permittiram aos governos do litoral atlantico levarem a legalidade e a ordem até ás profunduras do Far-West e dos platós das Rochosas.

V

Este grande facto historico — da *disparidade entre a area da expansão social e a area da efficiencia politica* — não escapou á acuidade e ao senso pratico dos nossos velhos capitães-generaes e vice-Reys. Elles o souberam tomar na devida conta, e muito mais habilmente do que nós, quando tiveram que iniciar, nos primeiros dias do III seculo (62), a debellação da caudilhagem sertaneja, então, mais do que hoje, arrogante, turbulenta, estrondosa.

Em primeiro lugar, os estadistas coloniaes, no intuito de eliminar o caudilho sertanejo, procuravam, tanto quanto possivel, diminuir a distancia entre elle e o poder. Em segundo lugar, á autoridade local, que defrontava o caudilho, procuravam dar a maior força material possivel. E eram, neste ponto, perfeitamente logicos. O caudilho nascia da ausencia ou do retardo do poder: logo, *o meio de supprimil-o era approximar delle o poder*. O caudilho era, mais do que hoje, audacioso e temivel; logo,

(62) v. *Populações Meridionaes do Brasil*, cap. XII.

tudo consistia em dar á autoridade local meios materiaes capazes de contrabatel-o.

Nada mais instructivo do que acompanhar a acção dos grandes politicos do periodo colonial, um Morgado de Matheus, um Gomes Freire de Andrade ou um Conde de Cunha, por exemplo, na realização desse duplo objectivo. O meio por elles empregado era o mais simples e racional possivel: *onde quer que, no vastissimo sertão colonizado, surgisse um fóco de caudilhismo, elles para logo constituíam alli um centro permanente de autoridade publica.*

Outro não é o objectivo dessa politica, largamente desdobrada no III seculo, da fundação de "povoações" e "vilas" pelo interior. Sente-se nella, claramente, o intuito de constituírem-se por esse meio, nos pontos mais avançados do sertão, nucleos de vigilancia policial, solidos, estaveis, resistentes.

No caso da fundação de Lages, por exemplo, não é difficil entrever-se, no acto do governador colonial, o grande objectivo de dar á sociedade, que se dilatava assim profunda e rapidamente, a tutella da legalidade e do poder.

Nesta região do sul, o povoamento caminhou tambem adeante da organização politica e dos seus aparelhos legalisadores. No III seculo, o estado social daquella paragem era de plena anarchia. Constituiria-se alli uma sorte de *refugium peccatorum*, aberto a todos os "deshamornizados" do mundo colonial. Pelo menos, é isto o que dá a entender o

Morgado de Matheus, governador de S. Paulo, ao Conde de Cunha, na sua carta de 27 de Março de 1767:

— “Além disto também devo informar a V. Ex. que, no cimo da serra (do Viamão), está um homem chamado Pedro da Silva Chaves, opposto ao dito Correia Pinto totalmente por inimizades antigas, o qual se acha refugiado naquellas paragens, por crimes, segundo se diz, e vivendo á Lei da sua vontade...”

Esse Pedro da Silva Chaves não era um bandido vulgar; era, ao contrario, um dos muitos caudilhos que a ausencia de autoridade publica creara, por aquelle tempo, naquellas paragens longinquoas — genuino antepassado dos Josés Mathias e dos Candidos Aleixos contemporaneos (63). O Correia Pinto, de que ahi se fala, era o fundador de Lages, paulista de Santos e um dos maiores da capitania de S. Vicente. Por encontrar nelle “circunstancias de christandade, capacidade e rectidão”, o Morgado do Matheus o escolhera, no viveiro sempre inexhausto da aristocracia vicentista, e o incumbira de fundar, a cem leguas de Curytiba, a povoação de Lages, em pleno sertão do sul. Era o que, na linguagem do tempo, se chamava “apromptar um paulista”.

(63) Estes eram os chefes principais da famosa “Revolução do Contestado”, que irrompeu nesta região entre 19-12-1915.

O fim confessado da povoação de Lages, como, afinal, o de todas as outras mandadas fundar pelos governadores, era "reunir os moradores dispersos". Era o que declarava textualmente o Morgado de Matheus ao Marquez de Pombal, em carta também de 24 de Dezembro de 1766, ao fazer a discriminação das povoações que fundara em diversos pontos da sua capitania:

— "Outra (povoação) nos campos das Lages, cem leguas depois de Curytiba, no caminho que vai para Viamão, para vêr se juntam os muitos moradores dispersos, que ha da parte de cima da Serra da Costa do mar."

Vê-se por ahí o plano velado, mas segurissimo, desses admiraveis administradores. O que elles queriam era approximar o mais possivel o caudilho do poder; como não era possivel trazer o caudilho ás regiões policiadas da costa, levavam muito logicamente o poder até o caudilho, fundando, dentro do campo da sua influencia, uma "povoação". Quer dizer: um capitão-mór com o seu corpo de ordenanças — o que equivalia, em ultima analyse, collocar alli um paulista da velha tempera com o seu pulso de ferro.

Com esse systema de fundação de povoações e villas corrigia-se, de certo modo, e habilissimamente, não só a extrema dispersão demographica, que era o grande mal da colonia, como também essa tradicional discordancia entre a area da eficiencia

pratica do poder e a area da expansão colonisadora. Por essa crescente multiplicação, nos altos sertões, de centros policiaes estaveis e organizados, punham-se, *de modo permanente*, os bandidos e os caudilhos sertanejos ao alcance rapido e efficiente da autoridade. Reduzindo entre esta e aquelles a enorme distancia existente, esses nucleos urbanos rudimentares, fundados em pleno sertão, augmentavam consideravelmente, sobre aquellas loginquas zonas de tumulto, a **accessibilidade do poder dos littoraes.**

VI

O systema moderno, isto é, o que empregamos em Canudos e no Contestado, é differentissimo; é mesmo inteiramente contrario a esse velho systema colonial. Contra as explosões intermittentes da indisciplina sertaneja, os estadistas republicanos preferem realizar uma vasta mobilização de brigadas militares, imponentes, majestosas, formidandas. Essas poderosas massas de exercito movem-se penosamente das capitaes da costa até as profunduras da "selva selvaggia" dos sertões remotos. Asse-diam, depois, o fóco de banditismo revoltó. Dizimam, depois, a fogo de metralha, a sertanejada brava. E retornam, depois, anciosas e prestes, ás claras capitaes da costa e ás suas avenidas resplandescentes:

E quindi uscimmo a reverder le stelle...

Nas regiões “pacificadas”, por sobre os escombros das choupanas destruidas e incendiadas, só encontrareis a desolação e o deserto. Nada alli fica que atteste a presença deste poder tremendo, que só se revela pela bocca das carabinas. Nem um posto policial. Nem uma aldeia. Nem um centro judicial e social. Nada que indique um desejo de legalidade. Nada que continue pelos tempos em fóra a soberania do poder publico. Este, no meio daquellas bravezas desmandadas, apparece e se some, num repente, como um sortilegio de magica, vomitando fogo e vomitando fumo.

Deante de um caso como o de Canudos ou do Contestado, os antigos e experientes administradores do periodo colonial não se limitariam, como os do periodo republicano, a fuzilar os bandidos de cangaço ou os seus caudilhos e chefes. Teriam estabelecido no meio delles, *depois de feita a repressão*, um centro de autoridade estavel e definitivo: *teriam fundado povoações.*

Os estadistas coloniaes agiam antes por acção preventiva; os da Republica procedem, de preferencia, por acção repressiva.

O methodo colonial levava a legalidade aos altos sertões de modo permanente; o methodo republicano a leva de modo violento e transitorio.

Os estadistas da Colonia eram incomparaveis constructores da ordem; os da Republica são apenas destruidores da desordem. Não constróem nada.

Não edificam nada. Não organizam nada. Metralham; dizem; chacinam; arrazam.

— “De Tamanduá a Santa Maria, inclusive Timbó, reducto dos Santos, Caçador, reducto do Aleixo, Cova da Morte e Santa Maria, foi tudo arrazado — dizia o Coronel Estillac, na sua parte ao general Setembrino. As tropas sahiram de Santa Maria trazendo toda a munição e armas, bem assim objectos e documentos encontrados na casaria, depois de arrazada. Não se encontraram crianças. As mulheres, que se batiam juntamente com os homens, morreram em combate (*sic*). Os jagunços mortos, que foi possível contar, elevam-se a 600; entre os mortos não foi reconhecido o famigerado Aleixo. Não posso garantir que todos os bandidos tenham desaparecido; mas, a missão confiada ao Exercito, cujo desempenho dependia do assalto ao reducto de Santa Maria, está cumprida.”

Confirmando o testemunho do coronel Estillac, o capitão Potyguara especialisava detalhes da narração. Na sua parte ao mesmo general, dizia elle que — além dos 600 jagunços e de grande numero de feridos — foram tambem arrazadas “10 igrejas e 5.000 casas”.

São dados, como se vê, precisos e exactos, de que a Historia naturalmente já deve ter feito o tremendo registro nas suas taboas immortaes.

O Exército, aliás, cumpriu, como lhe mandavam o dever e a bravura, a missão que lhe confiaram daqui os governos. Deram-lhe daqui ordem para tudo arrazar — e elle tudo arrazou. Nada mais logico. Nada mais natural. Nada mais disciplinar. O contrario é que seria subversivo.

Outr'ora, os estadistas coloniaes tinham por empenho "reunir os moradores dispersos". Hoje (64), a grande politica, a politica illuminada, a politica sábia, que versa o *Federalista* de Hamilton e lê Bryce no original, tem por programa dispersar os moradores reunidos. O motte dos antigos era: *fundar povoações!* Hoje, o lemma dos modernos em relação aos sertões é grandiloquo: *arrazar tudo!*

Ha cerca de mil e quinhentos annos era este o grito dos hunos de Attila nas planicies da Hungria!

VII

Um estudo mais profundo da grande politica colonial nos mostra, por outro lado, que certos expedientes administrativos, que hoje parecem novidades engenhadas pelo cerebro esclarecido dos nossos reformadores, já andavam, de ha muito, entre as preocupações familiares dos homens daquelle periodo. E', assim, *a questão da fixação da nossa plebe rural ao sólo ou da localização dos trabalhadores nacionaes.*

(64) Em 1919 ou 1920, mais ou menos.

Este grave problema, que os nossos estadistas republicanos têm tentado, sem grande exito, resolver, já os nossos velhos capitães-generaes o haviam resolvido sagazmente, em combinação com a sua grande politica de fundação de cidades. Na carta de nomeação de Correia Pinto para fundador e capitão-mór da futura povoação de Lages, dizia, com effeito, o Morgado de Matheus:

— “Porquanto tenho determinado, em virtude das ordens de S. M., augmentar povoações desta capitania, e tenho noticia que na paragem chamada as Lages, sita no sertão de Curytiba, ha terras sufficientes para estabelecer uma boa povoação, ordeno ao Capitão-Mór regente do dito sertão Antonio Correia Pinto sirva de director, fundador e administrador da dita povoação; pois me consta concorrerem na sua pessoa circumstancias de christandade, capacidade e rectidão para dirigir os povos della, conforme as ordens que incumbirem; e lhe permitto convoque para o dito effeito todos os forros carijós administrados, que tiver noticia andam vadios, e não tem casa, nem domicilio certo, nem são uteis á Republica, e os obrigue a povoar as ditas terras...”

Drenando, dest’arte, para os altos sertões o excedente da população rural, desengorgitavam-se os centros já policiados dessa plethora de elementos detriectarios, cuja miserabilidade e infixidez os condemnavam a se fazerem, mais tarde ou mais cêdo,

instrumentos do alto e do baixo caudilhismo — campanhas de potentados ou sequazes de bandidos, como ainda hoje. Organizava-se, por outro lado, com isto, na zona sertaneja, a fixação da plebe rural, transmutando-lhe a vida nômade e desordenada em vida sedentária e laboriosa.

VIII

E' possível renovar actualmente nos altos sertões essa sabia politica de ha dous seculos passados?

Contra a renovação desta politica ha presentemente dous obstaculos formidaveis.

De um lado: *a ausencia de uma aristocracia rural, como a paulista do II e do III seculos, de indole batalhadora e com a paixão das aventuras sertanejas.* Esta curiosa aristocracia de grandes proprietarios ruraes com inclinações e habitos nomaes é um dos phenomenos mais originaes na historia do mundo — e não se reproduzirá jámais.

De outro lado: *esta feição geral da psychologia nacional em nossos dias, que leva, nas zonas meridionaes, as classes superiores do interior a se voltarem, fascinadas, para esses grandes fôcos de concentração humana, que se vão formando crescentemente nos littoraes e nos planaltos: S. Paulo, Santos, Bello Horizonte, Curytiba e, principalmente, o Rio.* Em uma palavra: o absentismo rural, a fuga

á floresta e ao campo. É esta a tendencia actual das elites ruraes das populações do sul (65).

De modo que essas duas grandes forças, de que tão fecundamente se souberam utilizar os delegados coloniaes para povoar os sertões, faltam completamente aos nossos estadistas contemporaneos. *Entretanto, é a urbanização dos sertões o meio racional de limpá-lo definitivamente do caudilho e do bandido.*

No caso particular do Contestado, tudo consistiria em encher de pequenas colonias ou povoações o immenso espaço vasio que se estende dos campos de Palmas ao valle do Uruguay, diffundindo povoações para além de Curytibanos, de S. Joaquim, de Canoinhas, etc., de modo a cerrar mais e mais a malha dos povoados, dos districtos policiaes e das colonias militares existentes (66). Debaixo dessa

(65) v. cap.: — *Ruralismo e urbanismo* (expressões de um conflicto). Durante o periodo republicano, o movimento das nossas populações do interior no sentido dos sertões centraes, que assignalei neste primeiro capitulo, foi todo realisado pela media e pequena propriedade e pela plebe rural — como vemos no caso do Acre e do Rio das Garças: “a marcha para o Oéste” tem sido e está sendo feita por gente sahida destas classes. Mas, a grande propriedade, esta, porém, se está deslocando no sentido das capitaes e metropoles.

(66) O recente decreto-lei que instituiu as colonias agricolas parece attender os objectivos desta politica legalisadora. Tudo depende de dar-lhe uma execução racional e realista.

trama administrativa o banditismo haveria forçosamente de languescer e desaparecer; mas, sem essa presença *permanente* da autoridade publica é impossivel vencel-o: espingardeado, metralhado, canhoneado, arrazado, resurgirá dos seus destroços como a hydra da legenda grega.

Não se argúa esta politica de inexequivel: *a fundação de povoações é perfeitamente praticavel nos sertões.* Outra cousa não fazem os governos da União e dos Estados ao fundarem colonias para imigrantes europeus em varios pontos da floresta do sul. Essas colonias são nucleos de futuras cidades, séde de futuros municipios e, *desde o seu inicio*, centros rudimentares de autoridade publica.

Demais, ha, em nossa actualidade, um bello exemplo, infelizmente isolado, de fundações officiaes desta natureza, e que prova que a politica dos antigos capitães-generaes é perfeitamente exequivel em nossos dias, — *a urbanização do Acre (67).*

Nucleo de emigrados cearenses, perdido e esquecido na obscuridade amazonica, só trinta annos depois é que se integrou na nossa nacionalidade, obrigando, pela sua turbulencia, o governo federal a prover a organização da sua ordem legal. Rio Branco, Cruzeiro do Sul e Senna Madureira são tres cidades fundadas em plena floresta equatorial, a dis-

(67) Ou, mais recentemente, a fundação de Goyania, nova capital do Estado de Goyaz.

tancias incommensuraveis dos centros civilizados. Na fundação destes tres nucleos teve o governo central aquelle mesmo fito de reunir, para fins de legalidade e administração, os "moradores dispersos", tal como no antigo plano dos estadistas coloniaes.

Por que não fazemos o mesmo nos demais serções — os do sul e os do norte? Entre essas tres regiões é perfeita, neste ponto, a identidade.

Certo, no caso do Contestado, a solução segundo o processo colonial não é bastante. Temos alli que considerar tambem a collaboração de uma série de pequenas causas, de character local, que reforçam consideravelmente a acção da grande causa geral. E seria preciso analysar, minuciosamente, os effeitos de um regimen de pequena propriedade, capaz de corrigir os inconvenientes da grande propriedade dominante. E a acção de um regimen de trabalho agricola, apto e eliminar a infixidez e o nomadismo, imposto pelo regimen pastoril. E o problema da instrucção primaria, posto agora em fóco por varios dos nossos publicistas. Tudo isto exigiria um escrutinio miudo, paciente, rigoroso.

Mas, todas essas causas parciaes e locaes só poderão ser elididas, todos esses problemas lateraes só poderão ser attendidos depois que tivermos resolvido o grande problema da urbanização dos serções. Tudo o que fizermos antes disto ou sem isto é trabalho instavel e provisorio, condemnado, sem remissão, á inefficiencia e á inutilidade.

IX

Nada mais instructivo, como se vê, do que recordar a obra fecunda desses grandes politicos e estadistas, que, ha quasi duzentos annos antes de nós, formularam e resolveram, com admiravel lucidez, os mais serios e complexos problemas da nossa nacionalidade.

Os tempos em que elles viveram e agiram deverão parecer, aos olhos dos nossos contemporaneos, obscuros e atrasados. Bryce não escrevera ainda a sua monumental *Republica Americana*. O marechal von der Goltz não havia ainda fundado, sobre bases de aço, a philosophia da arte de matar. Estes velhos estadistas coloniaes não fruiram então, como os da actualidade, a ventura suprema de ouvir previamente a estes genios da politica e da estrategia para saberem como dar cumprimento pontual ao seu dever. Diante dos seus olhos experientes e leaes tiveram apenas, — largamente aberto, — esse grande livro, que eram as realidades da nossa vida de povo em formação. Este grande livro leram-no elles longa e attentamente: — e é dessa attenção com que o leram que provêm a grandeza e a clari-
dade da sua gloria.

IV

O Meio e o Homem



FELJÓ, MINISTRO DA JUSTIÇA E REGENTE

I

Os antigos mantinham o culto de certos heróes fundadores, que lhes eram como divindades poliadas. Por exemplo: Theseu, em Athenas; Romulo, no Latium.

Esses heroes eram grandes e venerados, porque haviam reunido todos os clans rusticos, que viviam esparsos, e edificado a cidade com os seus magistrados e as suas leis. Elles foram os criadores do poder civil, os que organizaram o Estado entre as patriarchias antigas, tirando-as da dispersão tribal para a solidariedade de uma patria commum.

Nós, brasileiros do sul e do norte, deviamos cultuar a memoria de Feijó, como os antigos os seus poliadas fundadores. Feijó teve entre nós uma missão igual. Foi elle, por assim dizer, quem fundou, aqui, o poder civil; quem estabeleceu em nossa Patria o prestigio da autoridade e da lei; quem deu á nacionalidade a sua integração actual. Mais do

que o patriarcha andradino, devia ser elle o nosso heróe fundador.

Realmente, o que os documentos demonstram (68) é que, ao contrario do que se pensa, não foram os Andradas o centro de gravitação do paiz no periodo regencial. O que se descobre realmente, relanceando esse passado, é Feijó e, em torno d'elle, gravitando á maneira de cometas resplendentes, mas desorbitados, os Andradas.

Os Andradas representam, na nossa evolução politica, o principio da Liberdade. Feijó é a personificação da Autoridade em nossa terra. Elle é quem preparou o triumpho definitivo do poder publico sobre os remanescentes da anarchia colonial. Elle é quem consolidou a hegemonia da capital fluminense sobre todas as capitaes do paiz. Elle é quem assentou, afinal, sobre bases permanentes a unidade nacional. Das mãos da Regencia Trina recebeu a autoridade publica fraca, desmoralizada, nullificada pelo acto da abdicação do Principe, pelo centrifugismo das provincias, pela turbulencia generalisada das facções anarchicas, pela indisciplina das forças armadas em plena ebulição militarista, — e a restituiu restaurada e accrescentada no seu prestigio e na sua ascendencia. Dessa ascendencia e desse prestigio é que viveu o segundo Imperio em todo o seu decurso — e estamos vivendo ainda.

(68) v. Eugenio Egas — *Diogo Feijó*, 2 vol., 1908.

Quatro foram os seus grandes trabalhos — verdadeiros trabalhos de Hercules, se considerarmos o estado de anarchia e dissolução, em que estava o paiz por esse tempo. O primeiro foi a repressão do militarismo: dissolveu o exercito, creou a Guarda Nacional, apellando para o elemento civil na defeza da ordem e da legalidade. O segundo foi a organização regular e efficaz do policiamento geral do paiz. O terceiro: a moralização e a disciplina de todo o functionalismo nacional. E o quarto, finalmente: a reacção contra as tendencias separatistas das provincias e a consequente unificação do paiz.

Esta é que é a sua obra maxima. Nesta é que elle se revela um verdadeiro “homem providencial”, do typo dos heróes de Carlyle.

Por esse tempo, a ascendencia do poder central, a sua hegemonia sobre os poderes regionaes era precaria e contingente. O espirito provincial, com uma tradição que vinha do regimen das capitánias, recrudescera violentamente depois da Abdicação. Tão vivaz era o sentimento de autonomia local, que o proprio Feijó, dez annos antes, na qualidade de deputado por S. Paulo, em pleno recinto das Côrtes de Lisboa, havia dito estas palavras, sem sentido para as gerações actuaes: — “Não ha aqui mandatarios do Brasil; os americanos neste recinto representam apenas as provincias que os elegeram!”

Durante o governo de Feijó, esse espirito federalista ou separatista attingiu o climax da sua vi-

rulencia. Em todos os cantos explodiam rebeliões: desde do Pará, talado pelo vandalismo da "cabanagem", aos pampas riograndenses, agitados pelos guerrilheiros de Bento Gonçalves; e no Maranhão, no Ceará, em Pernambuco, na Bahia, no Espirito Santo, no Rio, em Matto Grosso, em Goyaz. Feijó, entretanto, por um milagre de ubiquidade administrativa, a todas attendia, reduzia todas, todas fulminava, multiplicando, ao norte, ao sul, ao oeste, ao centro, os golpes de sua energia aniquiladora.

É preciso recordar tambem, para avaliarmos ás justas esta obra na sua enormidade, que haviamos então saído, ha pouco, do regimen colonial. E não tinhamos verdadeiramente exercito. Nem marinha. Nem estradas de ferro. Nem linhas telegraphicas. E eramos, entretanto, tão grandes, tão dilatados, tão immensuraveis geographically quanto somos hoje!

No tocante a administração publica, a preocupação dominante de Feijó foi, logo que assumiu a pasta da Justiça, a de responsabilizar, com o maior rigor, todos os funcionarios publicos, ou dissidiosos, ou prevaricadores, ou exorbitantes: exonerando autoridades facciosas; admoestando promotores negligentes; responsabilizando juizes de paz, juizes municipaes e juizes de direito; chegando mesmo a ameaçar de processo, elle padre, o bispo da Bahia.

E tudo com uma equanimidade, uma isenção, uma imparcialidade perfeita.

— “O governo não protege partidos!” — exclamava elle, em circular aos governadores, em 1832, concitando-os a reagirem contra os conspiradores “caramurús” e “exaltados”, que agitavam as provincias. E feria indistinctamente, na sua obra de moralização administrativa, amigos e inimigos.

Neste ponto é que elle me parece uma expressão aberrante do genio do nosso povo. Porque nós, brasileiros, somos amigos dos nossos amigos, até em politica. Em todos os nossos homens publicos, mesmo os mais energicos, os de mais “fibra”, ha sempre, incoercível, no intimo do seu character, um deploravel pendor amigueliro, parenteiro ou camaradeiro, que os vulgariza para logo no seu meio, ou dentro do seu partido. Razões de ordem affectiva, puramente pessoases ás vezes: a gratidão por obsequios, os laços de camaradagem, a amizade e até mesmo o receio de maguar ou desilludir, preponderam, noventa vezes sobre cem, em cada um delles, na intimidade da sua consciencia, sobre as graves razões de Estado: sobre o sentimento dos interesses collectivos, sobre o dever de respeito á lei ou á majestade da justiça, e outros sentimentos superiores, que dão tempera á alma do cidadão. Todas as vezes que um delles se ergue, aprumando-se, resolutivo, dentro da consciencia do seu dever patriotico, para logo, dô fundo da sua subconsciencia moral, lá vem,

lá surge, lá sóbe, subrepticio, capcioso, insinuante, o terrivel pendor amigueliro, que lhe desapruma a verticalidade daquella attitude civica.

Mas Feijó, não. Feito ministro da Justiça e Regente, desligou-se para logo de todas as considerações de amizade, de gratidão ou de correligionarismo — e impersonalizou-se na sua acção. De modo que, livre dessas influencias perturbadoras, a sua conducta, ao projectar-se através o decennio regencial, pode adquirir uma rectilineidade maravilhosa.

Ha, realmente, no seu character uma firmeza tal, ha na sua vontade uma tal solidez, uma tal continuidade na sua acção existe, que o particulariza e isola entre as figuras mais eminentes do seu tempo. Essa tenacidade do querer, esse permanente e incansavel sobrepassar acima dos interesses transitorios (ou locais, ou individuaes, ou partidarios) e, o que é mais, essa capacidade de *persistir* invariavelmente nesta attitude d'alma, tão contraria á indole da sua gente e aos exemplos do proprio meio — é singular, não encontra simile, em nossos dias ou mesmo nos dias já passados, na longa galeria dos nossos homens de governo, dos nossos chefes de estado, dos nossos líderes de partidos.

Esta é justamente uma das razões principaes da sua grandeza: a singularidade da sua psychologia. Se os grandes homens devem ser a synthese das qualidades do seu povo, Feijó, como politico, é um

paradoxo e fica á parte, fóra da media da nossa mentalidade collectiva: as qualidades mestras do seu character não são exactamente as do character nacional. Quando muito elle parece reviver a psychologia de um typo já extincto no seu tempo: o sertanista das bandeiras. Com elle se assemelha por muitos lados, principalmente pelo arrojo quasi material da sua intrepidez e pelo seu vivissimo sentimento de independencia pessoal, que o tornava quasi anarchico — elle, o estupendo creador da ordem.

II

Este grande debellador de revoltas não era, como talvez se pense, uma dessas intelligencias geniaes, deslumbrantes, ricas em poderes de assimilação, penetração e intuição. E menos ainda um talento artistico e literario. Ou uma poderosa cultura. Ou um grande e suggestivo orador, da feitura dos Andradas. Era, porém, um espirito lucido, positivo, seguro, vendo as coisas como as coisas são, sem as especiosidades e os enganos da phantasia: com firmeza, com segurança, com precisão.

Carecia a sua intelligencia de certos predicados superiores de finura, de elegancia, de ductilidade, de variedade, especialmente dessa capacidade de mover-se com agilidade e espontaneidade no campo das idéas, tão assinalavel e brilhante em Evaristo ou

em Montezuma; de modo que, falando ou escrevendo, o seu pensamento affectava umas attitudes duras e hirtas, como os movimentos dos braços de um boneco mecanico.

Esta falta de plasticidade da intelligencia de Feijó (egual, aliás, á do seu character) se revelava principalmente na sua ironia. Esta lhe sahia sempre enxovêda, pesadona, desageitada. Ao lado della, a graça aérea, o humorismo subtil e diffuso, a satyricidade arminhosa de Evaristo da Veiga abria, na assembléa regencial, um vivo e peregrino contraste.

O talento da ironia pede no escriptor ou no orador umas tantas qualidades de espirito e mesmo de character: um certo desdem amavel, uma certa indulgencia, mesclada de desprezo e scepticismo, que Feijó não possuia, nem poderia possuir.

Elle era, ao contrario, uma natureza imperiosa, affirmativa, sensivel em excesso em pontos de hombridade e de honra. Hostilizado, de perto, frente á frente, pelo grosso dos "exaltados" e pela vanguarda andradina e obrigado a responder-lhes ás criticas e ás interpellações, sente-se que fazia sobre si mesmo um prodigioso esforço de *self-control*, para dominar-se, para conter-se, para dissimular a sua impaciencia e a sua irritação. Lendo-lhe ainda hoje os discursos, sentem-se-lhes coriscar, nas entrelinhas, relampagos subtis de colera recontida.

Feijó não era o que propriamente se podia chamar um grande parlamentar, capaz de hobrear com a eloquencia brilhante e theatral dos Andradas, a tactica e a vivacidade de um Montezuma, ou a solida cultura e a dialectica habil de um Rebouças — todos elles seus adversarios no Parlamento. Sente-se, ao contrario, que a palavra não lhe era esporte familiar e predilecto. Se bem que eloquente e energico, era, como orador, sobrio, exacto, pratico, e não se perdia em floreios, em generalidades, em exordios, como então era moda. O seu methodo de discussão era um só, invariavel: tomava o assumpto seriamente, com gravidade, e o atacava rijamente, de frente, com um ou dois argumentos massiços, rapidos e fulminantes; e passava adiante. Não se demorava na tribuna: o papel de obstruccionista repugnava á sua indole austera e sobria.

Da sua eloquencia se pôde dizer que era, como o seu character, rustica, compacta, solida, material. Lêde as suas orações mais solemnes: não ha ali a menor amplificação rhetorica; não lhes perpassa a mais leve vibração lyrica; nada ali existe que nos bula com as faculdades de idealização e phantasia. São eloquentes á sua maneira: pela energia, pela decisão, pela vehemencia, pela passionalidade que nellas se adivinha, latente, concentrada, como a virtude explosiva da dynamite atravez do envolucro grosseiro de uma bala. E dão-nos todas ellas a im-

pressão de um caracter, uma resolução, uma intrepidez, uma natureza moral, emfim, feita de rusticidade, rectidão, hombridade, franqueza.

O discurso, por exemplo, com que elle encerrou, como Regente, a sessão parlamentar de 36, tão estéril no seu opposicionismo systematico, é um modelo esplendido dessa oratoria original:

— “Dignissimos senhores representantes da Nação — disse elle. Seis mezes de sessão não bastaram para descobrir os remedios adequados aos males publicos; elles, infelizmente vão em progresso: oxalá que na futura sessão o patriotismo e a sabedoria da assembléa geral possam satisfazer as urgentissimas necessidades do Estado! Está fechada a sessão.”

E foi só. Este discurso, acintoso e aggressivo no seu insolito laconismo, deixou, como era de prever, a Camara vibrante de irritação. Mas esta franqueza, assim rispida e quasi desabrida, era um dos attributos mais caracteristicos de Feijó. O outro era a sua inflexibilidade civica, como já vimos — e ambos fazem de Feijó uma figura singular, differente, á parte entre os seus contemporaneos.

III

Entretanto, certos attributos ha, no seu caracter, do mais puro metal paulista. Um delles é a

sua fidelidade á palavra dada. — “Eu sou filho — dizia elle, com orgulho — de uma provincia, onde se faz timbre em fazer o que se promette.” E ninguem, na verdade, como elle, pôz mais rigor e pontualidade na exacção dos compromissos assumidos.

Outro traço expressivo da sua psychologia é a simplicidade de costumes. Os seus habitos de vida eram os mais simples do mundo. Elle vivia numa ausencia tal de luxo e conforto, que faria escandalizar, hoje, o mais pobre continuo de Secretaria de Estado. E era então o Regente do Imperio!

Estes, eram aliás, os costumes da época. Evaristo da Veiga, depois que sahia da Camara, em que avultava com um destaque heroico, voltava para o seu belchior, onde continuava a vender livros. — “Eu não careço do governo para nada — affirmou elle, uma vez, na Camara. Não sou homem de ninguem. O governo não me fez beneficio algum, e se o quizer fazer, eu o rejeito. Vendo livros na minha casa e disto recebo uma subsistencia honrada.”

Feijó era um temperamento obstinado e irreductivel. E' este um dos traços mais curiosos do seu character. Um “velho ituano”, seu desaffectedo, que lhe escrevia em 35, diz que sempre conheceu nelle “um destes homens cabeçudos, que querem levar a sua avante seja por que via e modo fôr”. E o aconselhava ironicamente a mudar de genio —

porque “este genio, que podia ser mui util no Itú, para levar a effeito algum serviço rustico, aqui lhe póde ser funesto”.

Pode-se affirmar mesmo que Feijó era um temperamento violento. Elle proprio dizia: — “Venço pela força moral e, sendo preciso, pelo emprego das armas” (e mostrava os seus pulsos de athleta). Simplesmente a sua violencia não era a dos exaltados, dos possessos, dos incontinentes ou dos neurasthenicos irritaveis. Era a violencia concentrada, fecunda, efficiente dos resolutos organicos, dos intrepididos, dos voluntariosos seguros de si mesmos. — “Senhor major — ordenava elle ao futuro Caxias — vá debellar os rebeldes: leve tudo a ferro e a fogo.”

Elle possuia todas as qualidades que Whitman reconhece no character de Bismark, menos uma, menos essa “precaução sagaz”, *astute caution*, que no chancellor de ferro refreava o impeto e a violencia dos seus instinctos animaes — *unbridled animal spirits*. Não era evidentemente um habil, um sagaz, um maneiroso e carecia, por inteiro, dessas aptidões vulpinas, tão naturaes e espontaneas nos politicos de raça. Integro, radical, irreductivel, medullarmente honesto e com uma alta consciencia cavalheiresca da sua propria hombridade, não conhecia, no trato politico, os movimentos ondeantes e sinuosos da conciliação ou da accommodação. Projectava-se para diante, em linha recta e, se era forçado a desviar-se,

fazia-o sem discreção, bruscamente, num angulo vivo, subito, imprevisto: armando, diante de si e para si mesmo, um dilemma e precipitando-se, resolutamente, numa das suas pontas:

— Ou José Bonifacio deixa a tutoria — dizia elle na sua lucta com os Andradas — ou eu deixo a pasta da Justiça.

— Ou a confirmação do bispo do Rio de Janeiro faz-se em trinta dias, marcados pelo nosso embaixador, ou o Brasil separa-se da communhão romana.

IV

Para os que não conhecem bem a sinceridade patriótica de Feijó, deve ser devéras estranhavel que esse homem, com esse temperamento, essa impetuosidade poderosa, defrontando, como defrontou, uma Camara obstinada no seu opposicionismo, não houvesse, afinal, appellado para um golpe de Estado. O exemplo de Pedro I era ainda recente, ainda vivia nas consciencias... Entretanto, não appellou. Deteve-o nessa extremidade a sua bella integridade civica, de consistencia e pureza diamantinas, o seu profundo senso legal e o respeito ao seu juramento de fidelidade á Constituição e ao Paiz (elle prezava hombridosamente a sua palavra). E tambem a acção morigerada de Evaristo da Veiga.

Este, com a sua compleição moral amenissima, a ductilidade maravilhosa da sua palavra e do seu espirito, a mysteriosa sympathia que de si irradiava, envolvente e magnetica, para toda a Camara, exerceu, no ambiente ardentissimo do Parlamento regencial, uma influencia comparavel á do azoto nos meios atmosphericos: agiu como um correctivo á virulencia do temperamento de Feijó, cujo immenso orgulho, cuja intransigencia contumeliosa, rispida, aggressiva, produzia na Camara constantes deflagrações de colera.

Evaristo morreu em 37. Desde então, Feijó, ainda regente, ficou como que atordoado. E foi como se houvesse desabado a cariatide parlamentar, que o sustentava. Homem de acção e governo, elle só sabia realizar e executar; mas, o tratar com desaffectedos ou adversarios, allicial-os, amainal-os, convertel-os ao seu credo ou á sua bandeira, estava fóra do seu feitio.

Em 37, elle se achou sózinho e já sem a acção catalyptica da moderação de Evaristo, diante de uma maioria parlamentar hostile, chefiada, além disso, por um batalhador tremendo, Bernardo de Vasconcellos — e então esta sua incapacidade para transigir, para adaptar-se, para "accommodar-se" se revelou inteira e completa. Vendo-o por esse tempo, setteado pelos acintes e as picardias opposicionistas, tem-se a impressão de um leão enclausurado numa jaula de simio. Elle ali está, mal posto, deslocado,

canhestro, embaraçado, sem saber como mover-se, como applicar a sua formidavel capacidade combativa.

Por essa occasião, dizia-lhe o deputado Paula Souza, censurando-lhe, em tom amigavel, a sua obstinação em não querer organizar um ministerio com elementos da maioria parlamentar, então em franca e viva hostilidade a elle:

— Mas, meu amigo, nós devemos governar com a maioria; por que você faz de rei constitucional e o regime em que estamos é o parlamentar.

— Eu não sirvo para rei constitucional, respondeu Feijó, com a sua habitual decisão.

O seu character solido, uno, indivisivel, desprovido inteiramente de maleabilidade, não se prestava realmente a essa funcção conciliadora, mediadora ou plastica — de “fazer de rei constitucional”. E renunciou.

Esta renuncia é uma prova, entre muitas, da brusquidez do temperamento de Feijó. Ninguem esperava por ella. E deixou a Camara attonita, petrificada pela surpresa.

CAXIAS: TRAÇOS DA SUA PERSONALIDADE

I

DENTRE as causas — umas devidas ao meio, outras á oportunidade, outras aos proprios attributos da sua poderosa personalidade — que explicam o exito absoluto e o grande papel de Caxias em nossa historia nacional e internacional, vale bem destacar estas ultimas, porque, sem ellas, nem a oportunidade, nem o meio poderiam ter exercido influencia alguma, ou sómente poderiam ter concorrido para fazel-o um personagem de segundo plano no nosso scenario historico. Com Caxias aconteceu o facto raro de ter sido um grande homem que nunca encontrou obstaculos na sua carreira: o meio e as oportunidades, por um conjuncto feliz de coincidencias e circumstancias, collaboraram de maneira tal que lhe permittiram dar uma applicação integral a todas as suas admiraveis qualidades pessoas.

I

Com effeito, quem estuda Caxias e a sua vida conclue logo que a sua ascensão segura e continua,

os seus triumphos constantes, o seu immenso papel dentro e fóra da sua classe não podem ser attribuidos nem ás vantagens do nascimento e da posição (elle era filho e neto de generaes), nem aos imprevisos da sorte; devem-se, principalmente ás peculiaridades que caracterizam e definem a sua intelligencia e a sua sensibilidade.

Dotara-o a natureza, antes de tudo, de uma intelligencia caracteristicamente "realista" — uma intelligencia de "homem de acção", tal como a define a moderna psychologia. Caxias, como general, tinha a intuição pragmatica, a visão immediata e concreta das cousas e dos homens, das condições do meio, de todos os dados dos problemas, tacticos ou estrategicos, que lhe cabiam resolver. Nunca fallou num plano. Nunca errou num calculo. Nunca se enganou numa directriz. Nunca foi salteado por uma circumstancia ou uma consequencia imprevista.

Calma, objectiva, lucida, a sua intelligencia via tudo, tudo previa, intuia tudo. Nada, nenhum detalhe escapava á sua acuidade e ao seu senso observador. Deante do inimigo, ao ordenar uma batalha ou ao esboçar um plano de campanha, todos os dados da equação, estrategica ou tactica, como que se apresentavam, simultaneamente, no campo da sua consciencia. Executando os seus planos, ao vivo, em pleno entrevêro das batalhas, elle o fazia como se os estivesse executando, figuradamente, sobre mappas

numa aula de estrategia: segura, impecavelmente, com rigor e elegancia perfeita.

Por que? Porque a intelligencia deste prodigioso manobrador de homens só sabia trabalhar, como a intelligencia de todos os homens de acção, *realisticamente*, isto é, “sur le réel en tenant compte de ses propriétés”, como diria Mentré. Os planos por elle organisados o eram “en fonction de ce qui a été, de ce qui est et de ce qui est possible” — como os de todos os espiritos realistas, feitos para a acção:

— “De même que le praticien est familier avec les choses qu’il agence — diz Mentré — de même l’homme d’action a une connaissance précise des hommes et des mobiles de leur conduite. *Il édifie ses projets sur la nature humaine. Il met l’homme qui convient á la place qu’il convient*”.

Caxias era assim. Elle não jogava admiravelmente apenas com os que collaboravam com elle, de perto, nos campos de batalha; não tinha apenas a intuição realista do valor dos homens com quem lidava (a sua attitude com Miguel de Frias, com Marques de Souza, com Canabarro bem o demonstra); tinha tambem a comprehensão aguda e exacta da psychologia das massas e dos grupos humanos. No Maranhão, no Piauhy, no Rio Grande do Sul, em S. Paulo e em Minas — debellando insurreições locais; no Prata — anniquilando caudilhos; nos campos do Paraguay — vencendo exercitos; teve sempre a clara visão da natureza humana, a

sagacidade para perceber as qualidades dominantes dos individuos, contra quem investia, ou das populações, que se propunha a conquistar. Era-lhe uma sorte de conhecimento divinatório: — não lhe vinha da cultura, que não era grande, mas da sua intuição innata de psychologo realista. E a verdade é que elle soube tirar disto todo o partido possivel.

Vivendo dentro da realidade e não sahindo della nunca, faltava-lhe, por isso mesmo e inteiramente, a imaginação poetica ou artistica, que é a que nos permite sahir fóra do real e do concreto. O mundo, em que a sua intelligencia se movia e creava, era um mundo inteiramente objectivo, onde só os dados reaes têm existencia e contam.

Esta qualidade mestra do seu espirito fazia com que elle nunca se embaraçasse seriamente com os óbices vindos dos preconceitos do amor proprio, ou da tradição. Nem uns, nem outros tinham força para perturbar-lhe a clara visão das cousas e influir sobre a solução dos problemas que o defrontavam. O seu cerebro era uma machina admiravelmente construida para perceber o concreto e raciocinar sobre realidades: — realidades do meio physico e realidades do meio moral — dos individuos, dos povos, das multidões. Sob este aspecto, tinha a sensibilidade de uma Kodak e a sua impersonalidade perceptiva. Não edificava apenas, como todos os "realistas", segundo Mentré, os seus planos sobre

as realidades da natureza humana; edificava-os também, e soberbamente, como um estrategista de genio, sobre *todas* as realidades, dentro das quaes tinha que se conduzir e batalhar. Pode-se dizer delle o que de Napoleão dizia Madame de Stael: — “II n'examinait les choses que sous le rapport de leur utilité immediate”.

Em summa, na intelligencia de Caxias tudo era lucidez, precisão, justeza, objectividade, percepção concreta e realista. O Brasil nunca teve soldado, cuja intelligencia fosse mais incapaz de sonho, mais refractaria á phantasia, mais inapta para construir sobre irrealidades. Caxias nunca cultuou outro Deus sinão aquelle Deus carlyleano “das cousas como as cousas são”.

II

Caxias, que foi o maior dos nossos cabos de guerra, era um soldado por vocação, um guerreiro por indole, como Osorio ou Garibaldi? Não me parece. Caxias foi, antes de tudo e essencialmente, na guerra e na paz, um grande organisador e um grande administrador: a sua capacidade genial de estrategista prendia-se a esta capacidade geral para planejar, organizar e administrar; capacidade que as circumstancias fizeram que se revelasse principalmente nos campos da guerra, mas que poderia ter-se revelado, com egual relevo, nos dominios da administração civil, exclusivamente — como homem de Es-

tado. Caxias foi soldado porque seus avós o foram, porque tinha onze generaes na familia, principalmente porque seu avô e seu pae o eram e porque, na sua época, a carreira das armas era a mais nobre das carreiras. Mas, si não fôra isto, elle teria sido um dos maiores homens de governo do Brasil, um dos seus maiores estadistas, do porte, da projecção e da efficiencia de Uruguay, Itaborahy, Olinda ou Paraná. Lançado na carreira das armas e feito chefe de tropas em campanha, applicou as suas esplendidas capacidades de estadista na organização dos exercitos e no desdobramento das batalhas, como poderia tel-as applicado nos negocios da administração civil, si tivesse sido exclusivamente um politico, como os seus grandes contemporaneos — um Olinda, um Paraná, um Uruguay, um Itaborahy.

Este temperamento isento de bellicosidade organica, como me parece ser o de Caxias, não era, porém, incompativel com a bravura mais comprovada. Muito ao contrario disto, nos grandes momentos, em que a sua intuição de chefe sentia que era preciso incutir nos commandados a coragem ou impeto, vemos Caxias projectar-se destemerosamente á frente das tropas, sob a abobada de fogo das balas inimigas, e arrastar as suas legiões electrizadas. Foi assim em Itororó, assim em Lommas, assim em Humaytá, assim em tantas outras oportunidades. Não lhe faltava coragem physica, sobrava-lhe até; mas, esta, quando no entrevero dos combates, elle só

a empregou, como tudo mais, não arrebatado por um impulso, não para obedecer a descargas de instinctos recalçados ou excitados, como acontecia frequentemente com Osorio; mas, calculadamente, na hora propria, quando a sua clarividencia de chefe a aconselhava como um recurso de tactica, como elemento necessario da decisão de prelio, como um factor integrativo da equação da victoria.

Caxias, em momento algum, mesmo sob o delirio das cargas e dos assaltos, perdeu a lucidez e a calma. Nunca as sensações vindas da visão directa do fogo inimigo e da carnagem dos combates lhe abalaram a emotividade e lhe perturbaram a consciencia perfeita das realidades que o envolviam. Si esta condição de espirito é a caracteristica de um chefe, Caxias foi o mais completo typo de chefe que tivemos até agora na nossa historia militar. Hontem, como hoje, ninguem o excedeu nestes attributos de espirito e de temperamento.

Os modernos physio-psycologistas insistem muito sobre as condições de "constituição temperamental" dos individuos e suas repercussões sobre a actividade intellectual e, mesmo, sobre o typo da intelligencia. Elles mostram as intimas correlações entre o que elles chamam o "typo ethologico" (temperamento) e "typo noologico" (intelligencia). Ora, em Caxias, estudando os varios episodios da sua vida publica e privada, colhidos pelos seus biographos, tudo nos leva a crer que o seu typo noolo-

gico era poderosamente auxiliados e mesmo accrescido pelo seu typo ethologico. Elle era (ou devia ser) um temperamento equilibrado e solido, entre fleugmatico e sanguineo, verdadeiro typo de eugenico, saudavel e calmo de nervos, de emotividade controlada, sem exaggeros ou desequilibrios affetivos de qualquer especie. Em summa: um temperamento destes que os psychologistas e constitucionalistas modernos, á maneira de Kretschmer, chamam de "cyclothymicos".

O seu typo physico, aliás, bem parece indicar isto. O oval do seu rosto, de uma compleição masculina e digna, sem angulos, sem asymetrias, sem durezas; a sua larga testa, ampla e serena; a sua cabeça bem conformada; a sua compleição cheia e robusta, — tudo parece indicar uma constituição physicamente harmoniosa de cyclothymico. Não tenho dados que me digam a impressão dos que o conheceram sobre o seu typo morphologico; mas, todos os seus retratos denunciam um exemplar de nobre belleza physica. Kretschmer classificaria entre os seus "atheticos"; Mac-Auliffe entre os seus "ronds". Em tudo, a revelação morphologica de um temperamento feito de equilibrio e força, indulgencia e calma, nobreza e magnanimidade.

Estas qualidades moraes, tão frequentes entre os cycloides, nós as encontramos, com effeito, em todos os actos e as attitudes de Caxias: nos campos

de batalha; nos commandos de exercitos; nos conselhos do governo; na sua vida social e, principalmente, dentro do lar — um lar modelo, padrão de harmonia e felicidade, mundo admiravel, em cujo céu, por mais de quarenta annos, nunca passou siquer a vaga sombra, leve e fugidia, de uma nuvem...

III

Dissemos que, na personalidade de Caxias, as qualidades fundamentaes do seu typo constitucional auxiliavam e desenvolviam, em vez de prejudicar, as qualidades mestras do seu typo intellectual: e, realmente, assim é. Pertencesse Caxias á categoria destes temperamentos que os bio-typologistas chamam de "schizoides" e, certamente, as qualidades realistas da sua intelligencia seriam utilizadas de uma fórma que não só o papel de Caxias em nossa historia seria outro, inteiramente diverso, como talvez todas as directrizes da nossa evolução politica tivessem sido modificadas. Fosse elle, como é frequente entre os schizoides, um violento, um fanatico, um ambicioso, um doente do amor proprio ou um orgulhoso morbido — e outra seria a sua attitude em face dos rebeldes do Maranhão, do Piauhy, de S. Paulo e de Minas, ou nos conselhos do governo, quando titular da pasta da Guerra ou presidente do gabinete. Imaginae um Caxias, senhor de todos os segredos da tactica e da estrategia e com o lume

do genio militar, mas de indole violenta e retrinçada, tomado do fanatismo da autoridade imperial e armado, como sempre esteve, dos poderes discricionarios de uma carta branca, collocando-se em face dos rebeldes maranhenses ou paulistas; ou um Caxias ambicioso do poder, com a vocação caudillesca para as aventuras politicas, deante do Imperador, quando este lhe ordenou, a elle chefe de um gabinete conservador, aureolado da gloria, senhor de todas as forças armadas, que fosse procurar Sinimbú, seu adversario politico, para passar-lhe o poder, derrubando o partido, de que elle proprio, como chefe do gabinete, era a garantia official... Imaginae tudo isto e — imaginae tambem as consequencias historicas que teriam resultado de uma repressão intratavel e sanguinaria, a Duque de Alba, no primeiro caso, ou o alcance politico, de infinitas possibilidades, de um golpe de estado, no segundo...

Tendo tudo nas mãos, podendo ser tudo, este homem, entretanto, foi o mais modesto dos heróes, o mais obediente dos cidadãos. Salvaram-n'o (e salvaram-nos) essas qualidades fundamentaes do seu temperamento, que lhe davam, por um lado, a calma, a indulgencia, a magnanimidade e, por outro, a desambição, o desprendimento, a ausencia do amor proprio e da vaidade: — "*Le grand amour propre et la vanité sont rares chez les cycloides*" — diz Kretschmer. — Caxias, que me parece um cycloide

typico, nos dá uma demonstração admiravel desta verdade psychologica.

Porque, realmente, quem lê a biographia de Caxias, é levado a concluir que não houve ninguem mais desprovido de ambição e de vaidade, menos susceptivel á sêde de mando. Em toda a sua vida, elle não revelou nenhuma ambição, não solicitou nada, honraria alguma: titulos e posições, tudo isto lhe veio como um apello, ou uma ordem, ou, ás vezes, quasi como uma supplica. Galgou o fastigio, attingiu as mais altas dignidades — ao marechalado, ao ducado, á presidencia do Conselho — numa ascensão continua e segura, em que nunca houve um desfallecimento, uma parada, um recuo; tudo pelo seu proprio valimento: pela confiança integral que inspirava aos dirigentes do paiz, pelo desempenho perfeito que deu a todas as missões confiadas, por ter sido um general de cem batalhas que nunca foi vencido. Podendo ser um caudilho, á maneira de Rosas, que combateu e venceu, ou de Lopez, ou mesmo do seu pae, o Regente, foi, ao contrario, o mais obediente e mais desambicioso dos chefes militares, mais cioso da gloria do seu Imperador do que da sua propria gloria.

Esta incapacidade de Caxias para ambição politica e para o caudilhismo parece-me ainda uma resultante, não só do seu temperamento, como vimos, mas tambem da sua intelligencia realista. Espirito objectivista e admiravel observador, só sabendo vêr

em concreto e lidar com realidades, Caxias percebeu logo o que todo espirito realista, que viva no Brasil, percebe: — o nenhum sentido *nacional* dos nossos partidos politicos, mesmo quando, como no Imperio, elles se rotulem com o titulo de partidos nacionaes e ostentem programmas nacionaes. Para elle, como para qualquer espirito dotado de observação, os partidos, mesmo os grandes partidos, não eram sinão systemas de ambições associadas para a conquista e a exploração em commum do poder, ou — como diria Nabuco maravilhosamente — “sociedades cooperativas de collocação ou de seguro contra a miseria”.

Organisações desta natureza não podiam, está claro, constituir um clima moral à actividade civica de um soldado do typo de Caxias, servidor da Nação — e nunca de uma fracção della. O seu despreço aos partidos elle bem o revelou na proclamação aos partidos bem o revelou na sua proclamação aos maranhenses rebeldes: — “Maranhense! Mais militar do que politico, eu quero ignorar os nomes dos partidos, que por desgraça, entre nós existem”.

Destas palavras sente-se que faltava a Caxias o gosto pelas luctas partidarias. E' verdade que se filiou ao Partido Conservador; mas, está-se a vêr que o fez pela fatalidade do proprio meio, pela pressão do ambiente, pela força da tradição, porque ninguem poderia admittir, na época, que um homem do seu prestígio não tivesse partido; nunca, porém,

por vocação, por gosto, por temperamento faccioso. Nem o seu temperamento, nem a sua educação militar lhe permittiam uma adhesão profunda ao sentimento de partido: *elle bem sentia a incompatibilidade existente entre os partidos, que são associações personalistas e localistas, e a Força Armada, instituição de estructura e finalidade nitidamente nacionaes.* Obedecendo ao Imperador, que lhe ordenára procurar Sinimbú, para lhe transmittir o poder, Caxias deu a demonstração mais completa da sua carencia de espirito de facção, do seu desdem aos partidos, tivessem elles a importancia que tivessem, fossem quaes fossem os seus chefes. Zacarias, typo de schizoide duro e altivo, dominado pelo fanatismo do seu grupo, não teria por certo cumprido esta ordem.

CAXIAS E O SEU PAPEL HISTORICO

Caxias é o heroe eponymo da nacionalidade. Comparando-o com a theoria dos nossos grandes homens não sei de outro que conte um acervo de serviços mais altos, mais fecundos, mais essenciaes: elle pertence á estirpe gloriosa e rara dos constructores de nacionalidades.

Os nossos grandes estadistas, que fundaram e consolidaram o Imperio, não teriam podido realizar o seu alto pensamento politico si não fôra a collaboração da espada de Caxias. O genio de Caxias assegurou ao Imperio as condições de tranquillidade, segurança e ordem material, dentro das quaes a politica constructiva dos Feijós, dos Vasconcellos, dos Olindas, dos Paranás, dos Uruguays poude attingir a plenitude dos seus objectivos essenciaes.

Caxias deu ao Imperio a armadura de aço, dentro da qual a nossa nacionalidade evoluiu e cresceu robusta e poderosa e segura contra todos os seus inimigos, os externos e os internos. Com o prestigio e a gloria da sua espada, elle a defendeu

contra os que a queriam aniquilar, dentro della, pelo separatismo das provincias e, fora della, pela aggressão dos invasores estrangeiros. Sem elle, estaríamos reduzidos no nosso patrimonio territorial pela conquista estrangeira. Sem elle, estaríamos esphacelados num mosaico inexpressivo de pequenas patrias. Sem elle, não teríamos podido contemplar, como podemos contemplar hoje, este esplendido e imponente espectáculo de uma nação de quarenta milhões de almas, cohesas e unidas de uma maneira indestructivel.

Grande a gloriosa nação somos hoje, sem duvida; mas, se assim o somos, foi porque, desde o berço da nossa nacionalidade e durante todo o seu periodo de crescimento, a espada de Caxias impediu que o inimigo interno, perturbando a ordem, nos dividisse e o inimigo externo, pisando o nosso territorio, nos espoliasse. Os nossos triumphos militares, por um lado, e, por outro, o espectáculo majestoso da nossa ordem interna, quando em torno de nós tudo era desordem e anarchia — este e aquelles obra do genio militar de Caxias — é que nos asseguraram este prestígio, esta influencia, esta incomparavel e incontrastavel ascendencia que desfructamos, na America e no mundo, durante o longo periodo imperial e de que a nossa hegemonia actual é apenas uma continuação gloriosa. Tendo começado a servir ao Imperio desde os primeiros dias da sua fundação e morrendo apenas oito annos antes

da sua queda, servindo-o sempre, a figura deste grande soldado acompanha o Imperio como se fosse uma sombra inspiradora e tutellar: a historia da sua vida confunde-se com a propria historia da nação independente.

Caxias é bem o nosso heroe eponymo. Não só como soldado e como estadista, pelos serviços que prestou como constructor da nacionalidade, como “escora de um reinado”, para recordar uma phrase celebre; mas, tambem porque a sua personalidade resume uma das mais bellas syntheses representativas de todas as qualidades fundamentaes do homem brasileiro. Os grandes attributos peculiares á nossa indole e ao nosso espirito nacional, elle os possuia em gráo superlativo. O seu cavalheirismo era o nosso cavalheirismo; o seu bom senso, o nosso bom senso; o seu equilibrio, o nosso equilibrio; a sua generosidade, a nossa generosidade; a rectidão do seu character, a rectidão do character dos brasileiros genuinos; a sua lealdade, a nossa lealdade; a sua honradez, a nossa honradez; a dignidade do seu lar — um dos mais bellos e harmoniosos de que nos falam as chronicas da nossa historia — espelhava a dignidade das tradições patriarchaes da familia brasileira. Elle era bem o gentilhomem nato, sahido deste viveiro de gentis-homens, que era a velha provincia fluminense, e desta aristocracia da terra, que foi a escola mais bella e fecunda da nobreza e do cavalheirismo do nosso povo.

Numa qualidade, num sentimento e num attributo, Caxias superava, porém, todos os seus contemporaneos e, ainda hoje, supera todos nós: o seu instincto da ordem e da disciplina; o seu sentimento da unidade e da integridade nacional; o seu ideal da grandeza e gloria do Brasil. Neste instincto, neste sentimento e neste ideal ninguem o sobrelevou no seu tempo; raros dos seus grandes contemporaneos, com quem privou e collaborou, o egualaram na profundeza deste instincto, na intensidade deste sentimento e na dedicação militante por este ideal, a cuja realisação elle consagrou cincoenta annos de rude e indefesso labor, passados nas fainas e durezas da guerra, entre os fumos e os riscos de batalhas memoraveis, travadas, dentro do paiz, contra os inimigos da ordem e, fóra d'elle, contra os inimigos da patria. Hoje mais do que nunca, sentimos a necessidade das inspirações desse nume tutellar da nacionalidade, da sua acção de presença, invisivel e confortadora. Em cada lar em que palpite um coração de brasileiro: — no palacio do rico, como no casebre do pobre; no pouso do tropeiro; na choça do sertanejo; na estancia do gaucho; como na tarimba de cada soldado; por toda a vastidão do nosso territorio, em summa — a effigie deste insigne soldado e cidadão deve estar suspensa, — em moldurada á maneira de uma imagem sagrada —, para que seja sempre presente aos nossos

olhos, como um signo evocador dos nossos grandes deveres para com a Patria e sua grandeza e como o symbolo mais expressivo dos nossos ideaes, não só de independencia e unidade, como de prestigio continental.

JOAQUIM NABUCO

(*O homem e o estheta*)

I

Os quasi setenta annos do Brasil-Imperio, scindidos esplendidamente pela intermittencia semi-republicana da Regencia, foram, de certo, a idade de ouro da nossa historia politica e, para nós, filhos dessa geração que nasceu com a Republica, elles se mostram como uma phase admiravel pela grandeza das suas figuras e a importancia da sua significação.

Talvez porque não o conhecessemos, esse já quasi remoto periodo imperial se torna mais bello, de aspectos mais puros e nobres nos horizontes da nossa consciencia. Evocando esse passado, para o qual nos sentimos attrahidos como que por mysteriosa affinidade electiva, a nossa imaginação é como essa boa Scherazade das lendas maravilhosas: espalha por todo elle um resplendor de estranhas claridades. Quando, nas nossas evocações, penetramos os seus parlamentos e os seus conselhos de ministros, salteia-nos intimamente uma impressão, mixta de admiração e deslumbrada surpresa, egual á de Cinéas deante do Senado romano: parece-

nos estar assistindo a uma assembléa de reis. E, cruzando, em imaginação, com os seus grandes homens, integros, hombridosos, severos, — dos Andradas a Feijó, de Feijó a Paraná, a Olinda, a Itaboraahy, a Uruguay, a Rio Branco, a Tamandaré, a Saraiva, a Ouro Preto —, sentimos, por isso, bater com mais força o nosso coração e invadir-nos uma consoladora emoção de confiança e de orgulho.

II

Desse periodo nobilissimo que não conhecemos, mas cuja grandeza presentimos no meio das nossas miserias contemporaneas, Nabuco, apesar do seu feitio rebelde e combativo de girondino — feitio muito peculiar aos liberaes pernambucanos — era, por certo, o seu mais legitimo, mais artistico e espiritual representante. Tendo, como Sinimbú, como Saraiva, como Ouro Preto, como João Alfredo e Andrade Figueira, sobrevivido ao antigo regime, elle nos parecia o exemplar extraviado de uma raça olympica. O Imperio tivera nelle a mais perfeita expressão da sua espiritualidade e fidalguia.

Realmente, no fundo do character de Nabuco vamos encontrar, em estratificações hereditarias, esse sentimento de dignidade pessoal, tão fundamental para Emerson nos triumphos da vida publica, e que era um dos caracteristicos dominantes dos estadistas do periodo imperial. Mesmo nas suas

predilecções mundanas, esse sentimento de dignidade como que o moderava, impedindo-o de cahir nos exaggeros ridiculos das vaidades elegantes. O amor das exterioridades galantes em Nabuco nunca chegou a amesquinhar no seu character esse nobre culto da propria personalidade, tão vivaz e diffuso entre os nossos homens do passado. Havia na sua elegancia esse toque indefinivel de respeitabilidade, que é, entre os inglezes, o signal mais indicativo dos aristocratas genuinos.

De Sinimbú disse, uma vez, Machado de Assis que, "como orador, physicamente não perdia a linha". De Nabuco se pode dizer que, não só physica, mas moralmente, não a perdia nunca.

III

Na verdade, estamos esquecendo os grandes debates parlamentares do Imperio. Acompanhal-os, porém, atravez dos nossos annaes é uma das mais edificantes excursões que possa realizar ao passado a geração do presente.

Havia entre os homens daquelle tempo um sentimento que vae rapidamente desaparecendo das nossas polemicas parlamentares: o sentimento da hombridade, o amor das attitudes decorosas e graves, o habito do respeito á alheia dignidade.

Os politicos e os parlamentares do velho regime eram extremamente ciosos da sua compostura pessoal. Esse sentimento de hombridade dava-lhes

uma exaggerada susceptibilidade no trato politico e partidario. Por occasião da discussão do projecto da maioria, Honorio Hermeto, que lhe era favoravel a principio, acabou votando contra, desde que comprehendeu que os partidarios do projecto queriam angariar votos, usando das invectivas como meio de intimidação:

— “Eu, senhores — dizia elle — hei de votar contra. Pode ser que votasse a favor, porque concebo que eu dê alguma vez algum golpe de estado como legislador e como poder politico; mas, senhores, desejo que se avalie, pese e decida. Quando vejo de algum modo querer-se-me impor; quando vejo injuriar-se com invectivas aquellas pessoas a cujo lado pertenço, e como que obrigar-se-me á decisão de outrem, entendo que commetteria um acto pouco decoroso. Por isso, eu, que talvez estivesse inclinado a votar a favor, voto contra.”

Com Saraiva deu-se factó semelhante. Na sessão de 24 de maio de 1862, Saraiva procurava justificar a organização eclectica do Partido Progressista, onde se misturavam liberaes e conservadores. Uma pequena irreverencia dos seus adversarios susceptibilisou-o e fel-o descer da tribuna. Vale a pena reproduzir o incidente, esquecido nas paginas dos nossos annaes:

— “*Sr. Saraiva*: Senhores, nós, conservadores moderados e liberaes, ou antes, nós que for-

mamos hoje o Partido Progressista do Imperio...
(*Murmurios. O Sr. Paranhos e outros riem-se.*)

— *Sr. Saraiva*: Podem rir-se os nobres deputados. Acostumados nestes ultimos annos a outros successos, devem seguramente rir-se em presença do espectáculo mais serio e grandioso que o paiz tem presenciado. Não quero continuar.”

Esses homens não zelavam apenas por sua dignidade e decoro; mas, pela dignidade e decoro do proprio Parlamento. Justificando o programma do gabinete de 15 de janeiro de 1864, dizia Zacharias, presidente do Conselho, respondendo, com a sua habitual mordacidade, a interpelação do deputado Lopes Netto:

— *O Sr. presidente do Conselho*: Outra pergunta do nobre deputado foi: — o que pensa o gabinete sobre a questão do matadouro? Pelo modo porque o nobre deputado se exprimiu, parece ter levado a mal que, no programma, alguma cousa se não dissesse a respeito das questões das carnes verdes (*Risadas*).

— *O Sr. Lopes Netto*: E' uma questão constitucional tambem.

— *O Sr. presidente do Conselho*: Mas, senhores, o que tem com a politica do paiz o negocio do matadouro? Como, pois, tratar de semelhante assumpto por occasião do programma ministerial?

— *O Sr. Lopes Netto*: E' um pau por um olho.

— *O Sr. Presidente do Conselho*: A expressão que acabo de ouvir do nobre deputado e outras de que se serviu em seu discurso não são muito parlamentares.

— *O Sr. Lopes Netto*: E' boa! O Sr. presidente do Conselho talvez pense que está na Academia leccionando. Não, senhor, está na Camara dos Deputados.

— *O Sr. presidente do Conselho*: Sem duvida, estamos na Camara dos senhores deputados, e é por isso que só devemos ouvir aqui expressões parlamentares (*Apoiados*) (69).

Descansavam os debates sempre nessa altura superior, de uma elevação procurada e convencional, mas por isso mesmo muito significativa. Os grandes estadistas inglezes mais em voga, os dois Pitts, Palmerston, Robert Peel, Gladstone, a que se reuniam alguns publicistas francezes, Thiers e Guizot á frente, eram a cada passo evocados, citados, confrontados. Tudo isto feito num certo tom emphatico, que parecerá ridiculo hoje, diante da eloquencia parlamentar republicana, formada sob o regime presidencial, leve, brilhante, correntia, limpa, cujos maiores mestres foram David Campista, Gastão da Cunha e Carlos Peixoto.

O conselheiro Furtado, na sessão de 6 de agosto de 1816, rebatendo a ironia dos que consideravam

(69) Cfr.: Wanderley de Pinho — *Humoristas no Parlamento do Imperio* (in "Revista Brasileira", Rio, n.º 3, 1941, pag. 69 e sg.

“declamações metaphysicas” a discussão de principios, dá-nos um modelo expressivo dessa velha eloquencia:

— *O Sr. Furtado*: Disse ainda o nobre deputado pela Parahyba: Guizot não sustentou a opinião que aqui se lhe attribuiu. Primeiramente, não só Guizot chama direito á revolução no trecho citado pelo nobre deputado pelo Paraná, como o reconheceu na tribuna, muitas vezes, como ministro, e, depois da revolução de 1848, já amestrado por nova e terrivel experiencia, nas suas *Memorias*. Igual doutrina é a de um publicista a que se não poderá oppor a suspeição do protestantismo. Aludo a Chateaubriand. O nobre deputado pela Parahyba, para enfranquecer o argumento do illustre deputado pelo Paraná, disse que era necessario distinguir Guizot historiador de Guizot publicista. — Senhor presidente, quando um historiador, depois de narrar um facto, entra em sua apreciação, deixa de fazel-o como philosopho e publicista?”

IV

Nabuco pertencia já á ultima geração de parlamentares, em que os oradores, mantendo embora a linha tradicional de nobreza e dignidade, não affectavam mais a toada intencionalmente solemne dos oradores do 1.º Imperio e da Maioridade. O seu alto sentimento esthetico, o seu bom gosto congenito o afastava, aliás, desse genero tribunicio, cujo

maior representante, por mais literario e mais culto, foi, por certo, Salles Torres Homem. Nas suas arrancadas aquilinas ou na vehemencia das suas apostrophes, nunca descaiu nos preciosismos da emphase e poudes manter, de uma forma invariavel, nas suas orações, esse equilibrio que os temperamentos verdadeiramente artisticos sabem sempre encontrar, mesmo nos maiores lances de inspiração e enthusiasmo.

Este dom, e o esplendor das suas metaphoras, e a sonoridade da sua voz, ampla, cheia de timbre incomparavel, destacavam-no vivamente e o singularisavam entre os seus companheiros de Parlamento, aquelles oradores lucidos e faceis, que dominaram os ultimos decenios do Imperio — Cotegipe, Martinho Campos, Ferreira Vianna, Lafayette.

Neste ponto, a contribuição das provincias parece ter sido especifica, cada qual ao seu geito e indole. O sul, como Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, deu-nos oradores graves e sensatos, como Eusebio, Itaborahy e Uruguay, discutindo com grande seriedade as attribuições do Poder Moderador e a fala do Throno. Pernambuco, ao contrario, trouxe para aquelle ambiente austero as audacias, os enthusiasmos, as vehemencias do liberalismo radical. Na bancada bahiana, os seus oradores primavam pelas declamações scintillantes, os remoques, a ironia acida, a elegancia e a subtiliza da dia-

lectica, os sophismas escorregadios e essa estrategia desconcertante dos trocadilhos mentaes, dos duplos sentidos, das phrases equivocas, em que era mestre o velho Cotegipe.

V

O que, porém, mais nos encanta em Nabuco é o artista da palavra. Dá-nos a sua prosa uma suave impressão de repouso e de serenidade, com os seus periodos fluidos e amplos, de um andamento quasi imperceptivel, como o das aguas dos grandes rios na proximidade dos estuarios. Sente-se nella a attenção vigilante do artista, moderando a correnteza da idéa, *rallentando* a fluencia do estylo e a amplitude dos seus rythmos. Mas, de tal maneira o faz e com tal arte, que desses carinhos de factura mal se apercebe o leitor.

Não sabemos si Nabuco teve realmente uma grande cultura classica; mas, as suas maneiras literarias parecem revelal-a. Ha, em muitas das suas paginas, a pausa, o equilibrio, o claro rithmo tranquillo das bellas obras gregas. Nenhum dos nossos escriptores possuiu como elle, em cunho tão accentuado, essas peculiarisadas artisticas da forma. Sob esse aspecto, elle nos parece unico entre os nossos escriptores, como Renan o é entre os prosadores francezes contemporaneos.

— *Il y a de la fièvre* — dizia Zola do estylo de Taine. Os nossos melhores escriptores padecem,

em regra, como Taine, dessa trepidação febril do estylo, sorte de nervosismo ou pressa, que perturba de certa maneira no leitor a percepção integral da emoção esthetica. Nos seus fortes ensaios, Euclydes da Cunha, por exemplo, nos dá, ás vezes, uma sensação de rapidez faiscante, que chega a ser incommoda. Mesmo Machado de Assis, a despeito das suas características de atticismo, não se pode eximir, de todo em todo, a essa tendencia.

Em summa: Nabuco escriptor era Nabuco *gentleman*. O estylo era nelle, mais do que em ninguem, o homem. Elle vestia as suas idéas como se vestia a si mesmo: como a elegante despreocupação de um Brummel artista.

Delle se pode dizer que a natureza violou as suas leis de compensação para o fazer um modelo do equilibrio perfeito. Nelle a superioridade intellectual e moral realçava ainda mais a belleza physica.

Não é prodiga a natureza dessse exemplos de harmonia entre o corpo e o espirito: a antiguidade hellenica, que praticava, aliás, a cultura intensiva da belleza plastica, cita em Alcibiades, talvez, o seu mais puro especime de um bello espirito alliado a um bello corpo. Nabuco, neste ponto, era um privilegiado. Quando pela primeira e ultima vez o vimos, foi por occasião da visita de Elihut Root, o grande secretario americano. Elle já estava velho, com a sua radiosa cabeça de meridional completa-

mente branca; mas, da sua figura guardamos uma recordação indelevel.

Foi no palacio Monroe. Nós, os estudantes, passavamos, vibrantes, numa ruidosa *marche aux flambeaux*, em homenagem ao estadista americano. No patamar da escadaria central enfileiravam-se o corpo diplomatico, os embaixadores do Pan-Americano, as autoridades civis e militares. Em baixo, sobre a multidão sussurrante, milhares de balões venezianos, oscillando, aos boléus, nas pontas das bengalas, agitavam phantasticamente os seus globos polychromaticos.

Houve um momento, em que, lá em cima, acenderam um facho de fogos cambiantes; e, dentro do seu repentino e azulado clarão, no alto, no primeiro lance da escada, Nabuco, de casaca, destacou, nitidamente, na noite illuminada, a sua silhueta imponente, alteando-se, sobranceiro, entre Root e Rio Branco. Tinha o busto um pouco reclinado para a direita, em attitude de quem descansa. Estava sereno e calmo. No meio daquelles dois homens, de typo commum, magro um, gordo outro (70), a sua alta e elegante figura sobresahia com um relevo inconfundivel. Sobre elle centralisaram-se, desde logo, todos os olhares. Nabuco pareceu ter comprehendido

(70) Rio Branco tinha uma alta estatura, sem duvida; mas, era, physicamente, uma figura sem elegancia — ao contrario do pae, o primeiro Rio Branco, que era, como Nabuco, um typo de belleza máscula.

aquella admiração. Immobilisando-se ainda mais, deu então á sua attitude um ar impassivel, de uma serenidade olympica — como se naquelle instante, collocado diante da objectiva da Historia, quizesse legar á posteridade o modelo ideal da sua propria estatua.

ALBERTO DE OLIVEIRA (71)

MEUS SENHORES:

De Lamartine disse Lanson que, ao procurar as influencias que modelaram a infancia do poeta das *Meditações*, nada encontrou que não representasse algo de bom, de amavel, de gracioso: pae, mãe, irmãos e, com quadro, Milly e as collinas do Maconais. De Alberto de Oliveira, o principe dos poetas brasileiros e meu conterraneo, a quem me déstes a honra insigne de succeder, eu tambem poderia dizer a mesma coisa. Tudo na sua vida parece concorrer providencialmente para preparar um ambiente favoravel á plena floração da sua arte: o meio familiar, o meio physico, o meio cultural, a indole mesma do poeta; uma serie, em summa, de coincidencias surprehendedentes e admiraveis.

Nascendo nos meados do seculo passado, em 1857, num recanto agrario da Baixada Fluminense, Alberto de Oliveira surgia para a vida no momento

(71) Discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, em 20 de Julho de 1940.

mesmo em que a nossa sociedade rural attingia o esplendor da sua poderosa organização patriarchal. Era então a velha provincia fluminense o centro de gravidade do Imperio e a Baixada uma das suas regiões mais ricas e cultivadas. O grupo familiar estava na florescencia do seu typo, na plenitude da sua cohesão e unidade. Eram puros e dignos os costumes e bem exprimiam os altos padrões de moralidade da nossa velha aristocracia rural.

Neste meio, transcorreram a infancia e a adolescencia de Alberto: a sua familia, composta dos paes e mais dezesete irmãos, dos quaes dez varões, era bem uma expressão modelar das nossas velhas patriarchias dos começos do 2.^o Imperio, concentrada em torno do *pater-familias* e unida por uma solidariedade parental, que nos é difficil, hoje, comprehender, porque já não a praticamos mais.

Esta tribu patriarchal, comparavel, pela sua extensão e solidez, ás da Biblia, deixou, pouco antes de 1880, o seu dominio do Palmital e emigrou, primeiro para terras convizinhas de Itaborahy e, depois, para Nictheroy e esta metropole. E aqui chegou ha mais de meio seculo; mas, chegou unida e numerosa como o era nas terras nativas e unida e numerosa tem aqui permanecido até agora, sem perder nenhum dos caracteristicos da sua antiga formação rural.

Ha um traço que convém fixar desde já; elle nos permittirá apprehender alguns aspectos intimos

da sensibilidade do poeta e, mesmo, certos requintes da sua arte perfeita. E' que este meio familiar, que o envolveu na sua terra natal e continuou a envolvê-lo aqui, constituia um grupo originalissimo. Não era apenas o centro larario de uma patriarchia numerosa, fóco da sua vida moral e religiosa; era mais do que isto: era uma Arcadia domestica, um Cenaculo poetico, uma especie de pequena Academia de Letras. E' o que nos conta Rodrigo Octavio, que conheceu o poeta quando ainda no começo da sua gloria, morando numa casinha modesta, num bairro pobre de Nitheroy. Rodrigo o foi encontrar, ali, feito estrella maior de uma constellação de poetas; que o eram tambem os seus irmãos e irmãs.

Ora, foi dentro deste ambiente familiar, assim dominado por vivas preocupações literarias, que Alberto formou o seu espirito e apurou a sua sensibilidade de artista. Os seus versos, antes de serem lançados á grande publicidade, soffreram sempre, desde o periodo inicial, de que nos dá conta Rodrigo Octavio, a critica prévia deste pequeno Tribunal de Censura. Comprehedeis bem a importancia deste facto, principalmente na primeira phase da carreira do poeta: o perfeito labor e, mais do que isto, a compostura, a decencia, a dignidade, tão caracteristicas da sua grande arte, não teriam ahi uma das suas causas determinantes?

Era o poeta das *Meridionaes* e da *Alma em Flôr* o mais bello exemplo, entre nós, do puro homem de

letras, do verdadeiro artista, para quem nada, nenhuma das seducções do mundo tem valor que supere o da sua arte. Com o seu talento, o seu renome, a sua distincção pessoal, poderia ter sido tudo neste paiz: deputado, senador, ministro, embaixador. Entretanto não quiz ser nada disto: insulou-se na Arte e não foi outra coisa durante a sua longa vida senão exclusivamente poeta — o poeta Alberto de Oliveira.

Nunca disputou, nem o seduziram, posições prestigios, glorificações. Não teve, por isto, a popularidade de Bilac. Bilac tinha tudo para dar á sua personalidade a resonancia precisa e merecida; era jornalista e chronista encantador; frequentava rodas e salões; tinha o seu sequito; vivia nas redacções; era sociavel, communicativo, orador fulgurante e conferencista admiravel. Alberto, ao contrario, não frequentava habitualmente salões, nem a tribuna; não escrevia em jornaes; não procurava o contacto com os poderosos; nunca se dedicou a campanhas civicas. Mesmo no auge da famosa roda bohemia da Rua do Ouvidor, Bilac o dá como vivendo unicamente para duas coisas: a arte e a familia — uma familia que nunca o abandonou e uma arte que pode cultivar com calma, tranquillidade, pausa.

Nos seus começos de poeta, quando havia publicado as *Canções Romanticas* e as *Meridionaes*, reclamaram d'elle menos contemplação e mais acção publica, instando a que abandonasse a preocupação

parnasiana das rimas ricas e dos sonetos bem escandidos para se tornar um agitador, á maneira de Castro Alves, combatendo pela Abolição e pela Republica. Não haviam comprehendido o temperamento do poeta, o seu culto da arte pela arte, o seu gosto do isolamento e da vida tranquilla, o seu pendor á familia...

Homem de pequena roda e de sociabilidade reduzida amava a vida socegada, a vida lareira e quieta, fóra do bulicio e do rumor da grande sociedade. Este sentimento lhe transparece em numerosos versos; em alguns delles, confessa mesmo o seu mal estar quando no meio da sociedade artificial e palreira, que frequenta os hoteis de luxo ou os salões elegantes:

Pia, grunhe, regouga, ulula o piano.
Ferve a danza no hotel. Ao ruido insano
Do horrendo monstro juntam-se os rumores
Que vem das salas e dos corredores.
Que noite vou passar, sem um amigo,
Sem distracção, sozinho aqui comigo,
Sem outrem com quem fale, eu que não danso,
Eu que não jogo, ouvindo sem descanso
Cahir lá fora a chuva inexaurível
E aqui no hotel este barulho horrível!

O seu ideal era uma casinha no campo, isolada em plena natureza. De si comsigo lá diria, como o poeta:

A me la stanza solitaria basti,
 Piú chiusa a se, ma onde pur l'occhio vede
 Orizzonti piú limpidi e piú vasti...

Em nenhuma das suas poesias deixou mais artisticamente expresso esse anhelô do que na adoravel phantasia — *Dia de viagem*, — em que, depois de uma caminhada fragueira e fatigante, encontra a mulher amada bordando á porta de uma casa tosca, em plena roça. Confessa ter achado ali a felicidade. Dir-se-á que, por seu gosto, ali ficaria para sempre, como o peregrino de Aristophanes, tendo apenas de seu uma braçada de flores, um cantaro com agua e alguns ramos de myrto...

Não era um temperamento expansivo, destes que se dão logo, inteiramente, á sua roda de amigos. Não se conta d'elle nenhuma anedocta, siquer uma phrase de espirito. Havia prudencia na sua acolhida, simples e amavel, mas não envolvente. Neste ponto, differia de Bilac e se approximava de Raymundo, sem o retrahimento ou a misanthropia deste. Gostava das palestras longas e repousadas. Falava lentamente, quasi sem gestos, a mascara pouco animada, onde, uma vez ou outra, sabia pôr a vida fugidia de um sorriso, tocado de bondade e doçura. Um dos seus maiores encantos de conversador era a voz — uma voz profunda, cheia, caracteristica, cuja resonancia grave fazia dizerem que era “voz de mangangá”, por analogia como um besouro das nossas mattas...

Physicamente, era uma natureza hygida, um magnifico exemplar da raça, um typo de belleza athletica — e ninguem como elle teve mais vivo o orgulho desta supremacia, a consciencia da nobreza e dignidade destes attributos. Vendo-o descer a rua do Ouvidor, no seu andar lento, compassado, um tanto hieratico, parecia a muita gente que havia nisto uma attitude intencional — como se assim o fizesse para lembrar a majestade e a cadencia dos seus alexandrinos. Entretanto, nada mais falso: tudo isto era natural em Alberto. Onde punha intenção era no cuidado dos bigodes, de guias sempre aceiradas; no apuro do trajar, sempre do melhor tecido e do melhor córte; na gravata *plastron* de cores vivas; na negra coloração da sua bella cabelleira de poeta. Nisto, sim, é que sempre se revelou artista, zelando pela sua majestosa figura de Apollo com o mesmo carinho com que zelava pelo perfeito labor dos seus versos.

Na vida deste poeta, tudo pareceu conspirar para crear-lhe as condições espirituaes necessarias ao cumprimento da sua predestinação artistica. Poeta por instincto, ninguem lhe contrariou a vocação; antes, todos os que o cercavam — irmãos e amigos — favoreceram-no para que esta vocação se affirmasse. Não foi obrigado a trabalhar com a penna para viver e, portanto, a improvisar a sua criação artistica. Dahi o esmerado labor da sua producção, o precioso escriptorio de sonetos e poemas que nos dei-

xou, onde só esplendem gemmas do mais fino quilate e perolas de oriente mais puro.

Natureza de artista na mais alta, na mais nobre e tambem na mais desinteressada expressão do termo, carecia por inteiro dessa ambição que nos leva a procurar as grandezas do poder, ou as da gloria. Esta lhe veio simples, natural, espontanea, sem outro esforço senão o seu labor de artista, como pintor dos mais bellos poemas descriptivos da nossa natureza e dos mais formosos painéis decorativos das nossas letras. Na moderação do seus desejos e no modo medido e cauto com que fruiu os applausos da admiração nacional, não teve que lutar, a bem dizer, com a inveja dos homens: não encontrou inimigos de prestigio que o perturbassem na sua ascensão; mesmo porque não forçou o triumpho, nem teve que deslocar alguem para attingir os cimos. Não suscitou tambem a inveja dos deuses; a Némesis implacavel não a inquietou com os seus ciumes: para acalmal-a, não teve, no esplendor da gloria, que lançar ao mar o seu anel de Polycrates.

Este clima de felicidade por assim dizer constante, dentro do qual sempre viveu, transparece no tom geral das suas poesias, puras revelações de uma alma sadia animando um corpo sadio e onde não descobrimos nenhum traço de tortura interior ou de paixões morbidas: a ansiomania de Baudelaire, o delirio de Poe, o pessimismo de Augusto dos Anjos. Não seria mesmo possivel enquadral-o entre aquelles "nostal-

gicos da desgraça”, a que allude Verissimo. Se ha, como evidentemente ha, alguma nostalgia na sua inspiração, esta não era a nostalgia da desgraça — e, sim, a da felicidade. Porque tudo o que os seus versos exprimem são sempre reminiscencias amáveis: a saudade, a ternura evocativa, o lyrismo delicado e doce ou as expansões do seu permanente encantamento diante do panorama deslumbrante e colorido da Natureza.

II

Este poeta, já bafejado por tantos favores de um destino benevolo, contava mais este: o de ter surgido numa época que marca um dos mais bellos, senão o mais bello, momento da nossa historia litteraria, porque, mais do que nenhuma outra, agitada e entrecruzada de correntes de ideias e doutrinas. Foi a phase da propaganda federalista, da propaganda abolicionista, da propaganda republicana — no campo politico; do evolucionismo, do positivismo e do transformismo — no campo da philosophia e das ideias geraes; do realismo e do naturalismo, da escola parnasiana, da poesia social e da critica scientifica — no campo da esthetica e das bellas letras. Foi, por isto, o periodo dos grandes pensadores, dos grandes criticos, dos grandes oradores, dos grandes jornalistas, dos grandes romancistas, dos grandes poetas, dos grandes evangelisadores e idealistas. De

Ruy, Nabuco e Quintino, na doutrina politica e social; de Tobias Barreto e Sylvio Romero, na philosophia e na critica; de Aluizio de Azevedo e outros, no romance naturalista; de Bilac, Raymundo e Alberto, na poesia e na esthetica. Uma verdadeira constellação de espiritos superiores, que encheram, com a força do seu genio e a irradiação das suas ideias, o espaço do ultimo quartel do seculo XIX, de 1875 a 1900, e mesmo o primeiro decennio deste seculo.

Rusticola ainda adolescente, vindo de Itaborahy, Alberto installara-se no centro mesmo da grande tempestade e ficara exposto á influencia dessas idéas e escolas. Todas ellas lhe circularam em torno e de todas teve conhecimento; mas, a verdade é que nenhuma dellas o absorveu, nenhuma dellas influiu sobre elle de maneira decisiva.

Ha um attributo da sua personalidade, em que nunca será demais insistir: é o da sua limitada permeabilidade ás influencias do meio literario, a sua pouca susceptibilidade ás escolas que conheceu. Do alto miradouro que foi o seu longo viver, pode assistir o começo e o fim de varias escolas: — da poesia condoreira á reacção parnasiana; da reacção parnasiana ao movimento symbolista; do movimento symbolista ás correntes do modernismo e do futurismo; e, entretanto, não transigiu com ellas. Durante os cincoenta e tantos annos que consagrou á sua arte, foi sempre o mesmo: desde as *Canções Ro-*

manticas, livro de juventude antes que de mocidade, até o *Ramo de arvore*, escripto já na sua velhice, sempre mostrou as mesmas qualidades artisticas, embora cada vez mais apuradas, polidas e aperfeiçoadas pela cultura. O soneto *Titania*, do livro *Sonetos e Poemas*, obra da sua verdejante mocidade, tem as mesmas qualidades intrinsecas e extrinsecas do soneto *Cattleya*, do *Ramo da Arvore*, escripto pouco antes de encerrar a sua carreira literaria.

III

É que a arte para este grande poeta não era um simples brinco da sua intelligencia ou um jogo fascinante da sua imaginação; era a propria expressão honesta e funda do seu temperamento e do seu character. Dahi revestir-se — e é este o traço geral que a singulariza — de todos os predicados que caracterizam e distinguem a inspiração classica, o gosto classico e a forma classica. Sempre que lhe leio as obras, recordo-me daquelles conceitos de Taine no seu famoso ensaio sobre Racine e a sua época, quando nos descreve os habitos aristocraticos, as maneiras galantes, as preferencias artisticas e literarias daquella sociedade de raros, distincta, requintada, espirital, que passeava a sua elegancia pelos salões de Versalhes, no tempo de Luiz XIV. Do seio desta fidalguia, assim educada, polida, luzi-

da, votada á cultura das boas maneiras e das bellas letras, cuja ambição mais ardente era conversar ou escrever com elegancia e de forma impeccavel, é que sahiram, segundo Taine, a um tempo, o sentimento e a arte do classicismo.

No seu ensaio, o mestre da critica nos diz o que era este sentimento e o que era esta arte, que tiveram a sua expressão mais excellente na concepção e estructura da tragedia racineana. O sentimento era o do equilibrio, da proporção e da harmonia; era tambem o da polidez, da dignidade e da nobreza. A arte era a que promanava da "razão oratoria", isto é, a expressão perfeita das idéas e sentimentos em tudo que essa perfeição significa ordem, clareza, graça, elegancia, bom gosto, distincção, vernaculidade. O classico se vigia e disciplina a si mesmo contra as attitudes deselegantes e impolidas, os gestos grosseiros e rudes, as paixões desordenadas ou baixas, os sentimentos desprimorosos ou mesquinhos, — como reage contra a expressão impropria ou redundante, o estylo emphatico ou descuidado, a linguagem plebéa e o calão das suburras.

Estes criterios estheticos, dominantes no seculo de Racine, não differiam em nada dos que, ha mais de dois mil annos antes, vemos transluzir naquelle dialogo fascinante, travado entre Eschylo e Euripides, na comedia das *Rans*. Neste dialogo — bem o sabeis — pela palavra irreverente de Euripides, a Antiguidade Grega, através da deliciosa phantasia

Aristophanesca, nos deu, a todos os espiritos sedentos de perfeição, a sua mais formosa lição de critica da belleza e da arte classicas.

Contemporaneos de Pericles ou contemporaneos de Racine, uns e outros, se acaso resurgissem em nosso meio e sob a doçura dos nossos céus, certamente reconheceriam no poeta das *Meridionaes* e das *Canções Romanticas* um irmão pela sensibilidade e um compatriota pela inspiração — porque nascidos sob os mesmos climas espirituaes.

Este poeta era, na verdade, um classico, á maneira de Euripides ou á maneira de Racine. E o era pelo temperamento e pela educação, como o era pelas preferencias literarias e, ainda mais, pela severa disciplina que impoz á sua propria elaboração artistica. Poucos, como elle, souberam manter e conservar, nas realizações da sua arte, esta suprema regra da distincção e do bom gosto, propria do espirito do classicismo. Entre uma colunata dos Jeronymos, na exuberancia peninsular dos seus ornatos, e um friso do Parthenon, na dorica sobriedade das suas linhas, é certo que sempre preferiu a belleza pura e simples da harmoniosa creação grega. Dahi o ter conseguido realizar aqui o ideal do verdadeiro academico — porque *classico* e *academico* são expressões que se confundem. Delle bem se poderia dizer, considerando a excellencia e a selecção da sua cultura e a pureza vernacula do seu estilo, o que

alguem já disse de René Doumic — “que era a propria Academia”.

Nada exprime melhor a sua esthesia classica — quero dizer: o seu profundo senso da medida, da eurhythmia e do equilibrio — do que a nenhuma sympathy, que sempre demonstrou, como poeta, pelos aspectos desordenados, violentos ou excessivos das cousas, sejam as da Natureza, sejam as do Espirito. Nos seus versos, não explodem coleras, nem odios, nem imprecações, nem anathemas: nada, em summa, que signifique exaggeros emotivos; os sentimentos, de que se repassam, são todos sentimentos delicados: óra os affectos silenciosos ou confessados a meio, óra a magua, a ternura, a saudade, a nostalgia.

Como que repugnava á sua sensibilidade o enorme, o desmedido, o desconforme, o colossal: tinha o gosto do pequenino, do minuscuro, do tom fino e raro, da côr delicada, das formas harmoniosas e elegantes. Ninguem foi mais sensivel á belleza das boninas, dos lyrios, das *cattleyas*; á delicadeza da frôndula dos musgos e dos lichens; á maciez da usnea dos pomos maduros; á graça e esbelteza das palmeiras. Como Theocrito, o lyrico subtil e malicioso dos *Idyllos*, poderia dizer: — “Tenho horror ao architecto que constrôe palacios tão altos como montanhas e que, de tão altos, se vêem ao longe”.

Bem sei que os grandes surtos não faltam ao éstro de Alberto, nem á sua imaginação impressividade aos aspectos grandiosos da Natureza. Bem sei

que elle se exalta, ás vezes, á altura da verdadeira eloquencia descriptiva, em poemas poderosos pela força da inspiração e pela sonoridade das estrophes, — como os em que descreve os elementos em furia, principalmente as tempestades e o mar bravo. Estes não eram, porém, os seus *themas predilectos*; a sua indole artistica, feita para a moderação e a medida, não se encontrava bem no meio dos exaggeros. Quando o poeta contempla os aspectos graciosos e ternos da realidade, os quadros em que domina o traço subtil, vaporoso ou colorido, é ahí que vemos a sua palheta adquirir tonalidades imprevistas, uma riqueza de matizes, uma vivacidade, uma fremencia, uma palpação de imagens que bem demonstram que o poeta está no seu elemento, no clima propicio á sua emotividade e á sua inspiração.

Esta feição peculiar do seu temperamento é que o afastou da poesia epica, como o afastou da poesia dramatica: dentre as Musas que o visitaram não encontramos nem Melpoméne, nem Calliope. Esta mesma feição tambem o afastou da poesia condoreira: os tropos e as amplificações de Tobias Barreto ou, mesmo, de Castro Alves não deviam seduzir a sua inspiração artistica, sempre eurithmica, sempre contida pelo sentimento classico da medida, da harmonia e do equilibrio. Contra elle, nunca se poderia lançar o dardo que lançaram contra Hugo — de que, em materia de ordens architectonicas, só entendia bem, realmente, a cyclopica...

IV

Classico era, pois, Alberto — e esta sua feitura classica teve uma genese complexa. Ha factores apparentes e ha factores occultos, que nos explicam a fixação do poeta no campo do classicismo.

Um destes factores foi o proprio meio physico, onde nasceu e dentro do qual viveu a vida toda. Alberto era uma pura sensibilidade de visualista, um poeta da Paizagem e da Côr — e foi buscar os themas dos seus versos justamente nos aspectos physicos da sua terra natal. Ora, a região fluminense é, talvez, no Brasil, a que realiza a moderação em tudo: no clima, na hydrographia, na orographia, nos aspectos da flora e da fauna. Nada da monotonia dos planaltos e dos pampas. Nada da agrestia e dureza dos sertões exsiccados. Nada do pleonasmio de aguas e selvas, que é o extremo-norte. Na brandura e na constancia do seu clima, na formosura e amenidade do seu relevo, na variedade dos seus aspectos e côres, lembra, de certo modo, aquelle “paiz da Galiléa”, de Renan, “trés vert, três ombragé, três souriant, le vrai pays du Cantique des Cantiques et des chansons du bien aimé”.

O poeta teve, assim, um scenario compativel com as peculiaridades da sua indole. Que teria sido elle se tivesse vivido no norte adusto e aspero ou no pampa illimitado e equal? Deu-lhe o destino o

scenario que mais condizia á sobriedade do seu temperamento, ás suas affinidades intimas, ás predilecções graciosas da sua delicada imaginação de paisagista. Elle foi, como poeta, bem um filho desta terra branda e moderada — e fertil, amavel, risosna, soalheira, acolhedora.

O outro fator, que concorreu para a conformação classica do seu espirito, para a moldagem do seu typo literario dentro das formas da medida e da harmonia, foi o meio historico, o clima social da sua velha provincia fluminense, onde sempre viveu e donde nunca quiz sahir. Perdoae-me que eu volodiga, mas é certo que os fluminenses, em trezentos annos de historia, constituiram um grupo, que é dos mais policiados e polidos do Brasil. Os traços differenciaes da sua intelligencia e do seu caracter são conhecidos: sempre primaram pelo senso da moderação e do equilibrio, como tambem pelo genio subtil e harmonioso. No Imperio, sobre-excederam-se no bom gosto e nos requintes de uma civilização rural, cujos documentos ainda remanescem em solares admiraveis, demonstrativos da finura intellectual e artistica de uma raça de gentis-homens. Estes traços, insitos á indole dos meus conterraneos, elles sempre os revelaram em todos os dominios do pensamento e da acção; nós os encontramos, visiveis á primeira analyse, entre os seus homens de letras, como entre os seus homens de arte. Encontramol-os mesmo entre os seus politicos e pensadores, como até

entre os seus soldados e marinheiros: Caxias e Saldanha, Octaviano e Paulino, estes na sciencia politica, aquelles na arte da guerra, bem exprimiram, pela palavra ou pela espada, falando, agindo, commandando — e tanto quanto os seus outros conterraneos, poetas, romancistas, artistas ou cientistas — estes caracteres peculiares da sua grey nativa.

Qual nestes e qual em Varella e Magalhães, em Alberto de Oliveira esses predicados se ostentam em todo o esplendor da sua belleza. Em nenhum representante da nossa *gens* attingem, porém, a plenitude de revelação e de perfeição que vemos no artifice de *Cattleya* e de *Rauso*, fluminense de sangue e de espirito, como os outros, porém, mais do que os outros, preso substancialmente á sua gleba natal — como uma grande arvore frondosa, ã raizes profundas, á maneira desses jequitibás que tantas vezes cantou nos seus poemas.

V

Por um favor da Providencia, — sempre tão generosa para com elle —, este poeta, assim naturalmente predisposto, pelos predicados do proprio temperamento e pelas condições do meio social e physico em que viveu, á realização dos modelos artisticos do classicismo, teve logo, nos começos da sua vida de espirito, contacto com duas fontes admiraveis de

sugestões classicas: *Os Lusiadas* e a Antiguidade Grega.

Sim, *Os Lusiadas* e a Antiguidade Grega... Só agora, nas proprias confidencias do poeta, deixadas numa pequena auto-biographia, ainda inedita, de pouco mais de uma dezena de paginas, nos foi dado descobrir essas matrizes reconditas da sua sensibilidade e da sua inspiração. Naquelles tempos — conta-nos elle, descrevendo os seus primeiros annos de estudante — o livro de themas para exercicio de analyse grammatical e sintaxica, nas escolas primarias, era nada mais, nada menos que *Os Lusiadas*. Depois da *Cartilha*, vingadas as difficuldades da leitura corrida, entrava-se logo nos segredos da lingua através da analyse e do commentario das estancias do poema immortal. Era assim que os nossos antepassados aprendiam a bella lingua de Camões e Vieira; foi assim que o nosso futuro grande artista começou a aprendel-a.

Como si tal coincidência não bastasse, occorria ainda que, nesta escolazinha de aldeia, “escola de tico-tico”, como se dizia ali, o seu mestre — o professor Eduardo Augusto de Almeida, de quem Alberto fala tão carinhosamente nestas breves memorias — cultivava, ao que parece, um vivo amor á Grecia e aos seus deuses e heróes. Por isso, adoptara o systema de dividir os alumnos em dois bandos ou “partidos”: — os dos *gregos* e o dos *troyanos*. Enquadrados por esse criterio historico, os dois gru-

pos de garotos luctavam pela posse de um estandarte, erigido em symbolo da victoria, debatendo, em desafio, themas literarios — como os de hoje luctam por pontos de *goal* nos campos de *foot-ball*. Inscripto Alberto, o professor Almeida, na forma da praxe estabelecida, convidou-o a tomar um dos partidos; que elle se decidisse pelos *gregos* ou pelos *troyanos*. Seja impulso sub-consciente ou seja vocação misteriosa do seu instincto artistico, Alberto decidiu logo assentar praça entre os *gregos*. Mais tarde, conseguiu mesmo fazer-se chefe ou capitão delles, por ter arrebatado o estandarte (a “taça”, como diriamos hoje) para o seu vivaz e ardido grupo de hoplitas de calças curtas...

— “Cosa ninguna pasa en vano dentro de ti — disse o autor dos *Motivos de Proteo* —; no hay impresion que no deje en tu sensibilidad la huella de su paso; no hay imagen que no estampe una leve copia de si en el fondo inconsciente de tus recuerdos”.

Em nenhum artista encontro verificação mais exacta deste conceito de Rodó do que em Alberto de Oliveira. O poeta permaneceu sempre fiel a essas duas impressões iniciaes, que o Acaso ou a Providencia gravara na cera virgem da sua alma de creança. No fundo, foram ellas que compuzeram as linhas centraes da sua poderosa personalidade literaria. Desde a adolescencia até a velhice, a belleza artistica — tal como a concebera e idealizara a Antiqui-

dade Grega — e a vernaculidade da lingua — buscada, antes de tudo, na eterna matriz camoneana — foram os dois polos, entre os quaes vemos oscillarem, num rithmo de pendulo, as suas preferencias e affinidades espirituaes.

Certo, esse classico de instincto abandonou, mais tarde, sob a suggestão de Machado de Assis, a fonte primeira do classicismo, que é a Grecia; mas, a abandonou apenas como “materia de versos”. Pelo temperamento, como tambem pela educação e cultura, Alberto não podia desdenhar nunca os modelos supremos da Arte, creados pelo genio de Hella-de. O clima artistico, em que sempre viveu pela imaginação e pela sensibilidade, nunca deixou de ser aquelle mesmo, em que vivera a Grecia. Não a Grecia de Homero e de Eschylo, grandiosa demais; mas, a de Sophocles e de Phydias, a de Pericles e de Platão, a da “Oração da Corôa” e do “Doriphoro” de Polycleto; em summa, a Grecia de Athenas, onde, no dizer de Paul de Saint Victor, até os proprios tumultos eram harmonias.

VI

Um conjuncto de circumstancias e coincidencias felizes, revelando á evidencia o designio de uma predestinação gloriosa, concorreu, assim, para desen-

volver e apurar no poeta, com a intuição da belleza classica, a preocupação da pureza da lingua e o gosto da vernaculidade. São os *Sonetos e Poemas*, composto, entre os seus vinte e seis e vinte e oito annos, que vão dar a medida da sua grande arte, definir o momento em que elle se encontra a si mesmo, em que firma as características do seu estylo, que se iriam precisar pelos tempos em fóra. Nesta obra, Alberto mostra-se na plena posse do seu instrumento de expressão, que é a lingua portugueza, a unica em que escreveu. Já a trabalha e maneja como mestre, perfeito senhor da sua opulencia vocabular e dos segredos da sua sonoridade.

Esta collecção de poesias marca um verdadeiro periodo divisorio na technica da sua composição artistica. Ha como que uma subita mutação em tudo: na força da inspiração, no fulgor da imagem, na graça e variedade da phantasia e dos motivos, na riqueza e novidade dos epithetos. Desde então o poeta apparece inteiramente livre de todas as fraquezas e dubiedades da primeira phase — das *Canções Romanticas* e das *Meridionaes* — e affirma-se não só magnifico pelo brilho, pela precisão, pelo colorido, como admiravel pela musica e vernaculidade da expressão. Os poemas *Borboleta Azul*, *Tres Formigas*, *Vertumno*, *Per Tenebras*, *Lagarta* nol-o mostram na plenitude de todos estes dons. Dahi por deante, não fez sinão aprofundar o conhecimento da lingua, compondo estrophes, em cuja dicção Ruy

viria a descobrir, mais tarde, “a singeleza e a limpidez camoneanas, que renascem numa lyra nova”.

Este fascínio pela belleza do idioma é que o levou, provavelmente, quando teve de escolher patrono, a recuar ao seculo XVIII, á Escola Mineira — e a fixar-se em Claudio Manoel da Costa. E’ que os árcades mineiros, reagindo contra a poesia gongorica da phase anterior, tinham procurado restaurar, com os padrões da arte classica, a pureza e a elegancia da lingua. Neste sentido, Alberto foi um árcade e continuou a tradição de Gonzaga e de Claudio; mas, a continuou com muito mais brilho, mais inspiração, mais variedade de rithmos e de motivos, libertando-se das “sequelas de nymphas, pastores, rebanhos, cajados e sanfonas, salgueiros e faias”, que elle proprio, uma vez, assignalou, como imperfeições, na obra, sob outros aspectos perfeita, de Claudio Manoel da Costa.

Ha, na technica de Alberto, uma arte infinitamente sabia para adaptar o metro e o rithmo á materia do verso. Reserva o soneto para certos assumptos; as estrophes soltas, o alexandrino, a redondilha, para outros. Leiam-se as bellas estancias, graciosas e leves, que dirige a uma violeta: são lindas e bem revelam como elle tinha o sentimento profundo, que só o verdadeiro artista possui, de que cada impressão, cada emoção, cada thema tem o seu typo de verso, o metro proprio, dentro do qual deve ser contido.

Pelas mesmas condições em que formou a sua cultura literaria, teve Alberto assim, logo cedo, a intuição muito clara desta verdade fundamental — de que só as obras fundidas nos velhos moldes do classicismo e lavradas neste raro e fino metal, extrahido dos vieiros genuinos da lingua, é que sobrevivem e perduram, embora sobre ellas hajam rolado as vagas dos seculos. Dahi a sua fatigante leitura dos classicos lusitanos, a sua preocupação do vocabulo abonado, o cuidado pela locução extreme e pura, o primor inexcedivel da sua linguagem poetica.

O que elle amava na nossa lingua, como expressão do classicismo, não era, porém, nem o quinhentismo, nem o seiscentismo, nem o setecentismo — de Camões, de Bernardes, de Vieira, de Gonzaga, de Claudio. Nestes mestres encontrava algo mais do que a expressão da sua época: encontrava o que não está sujeito ás contingencias do tempo, o que não tem Quinhentos, nem Seiscentos, nem Setecentos, porque é o que ha de permanente e eterno na lingua e que é a sua essencia, o seu espirito — em summa, o que chamamos o seu genio. Não ha quinhentismo, nem seiscentismo, nem setecentismo na sua tersa e castiça linguagem; ha a lingua portugueza em tudo o que ella tem de essencial no seu rithmo, na sua força, na sua delicadeza, na sua harmonia vocabular, na sua belleza plastica, na sua elocução pura e forte, no thesouro das suas riquezas sonicas. Não encontramos nella expressões a Bernardes ou a Vieira;

encontramos, sim, como em Ruy ou Machado, o portuguez na sua genuinidade classica, entremeado do portuguez que aqui falamos: ao lado do vocabulo de extracção camoneana, o vocabulo nativo, cheirando á nossa terra, rescendendo ás nossas tradições populares, echoando o falar do nosso povo; mas, com que bom gosto utilizado este e com que arte explorado aquelle! Termos buscados á nossa fauna, á nossa flora, á nossa geographia, ao nosso folklore, alguns delles — muitos deles! — sahidos da maloca tupy ou, mesmo, vindos da cubata africana; mas, todos vernaculizados pela tradição local e popular. O merito deste poderoso artista está em ter sabido extrahir destas minas de epithetos pequenas maravilhas de graça, de colorido, de leveza, de musicalidade, de rithmo, de expressão lyrica. Ha versos seus que são verdadeiras caricias aos ouvidos; outros, milagres pictoricos de maravilhoso acabamento.

VII

Esta vocação classica do grande poeta, tão cedo revelada, não lhe podia permittir manter, em face do Parnasianismo, a mesma attitudo irreactiva ou indifferente que manteve em face das outras correntes literarias do seu tempo. Dentre todas, foi aquella, realmente, a unica que deixou na sua forte personalidade uma indelevel imprimadura. Todas as suas inclinações o levavam para ella, é certo; mas, mesmo assim, poude libertar-se da sua rigida ortho-

doxia para só acceital-a naquelle que mais condizia com a sua indole esthetica e suas preferencias literarias. Dentre os tres canones dessa escola — o *exotismo dos themas*; a *impassibilidade do artista*; a *forma perfeita do verso* — só se manteve invariavelmente fiel ao ultimo; aos dois primeiros obedeceu de modo incidente e transitorio. E' que no Brasil, o Parnasianismo — com o seu ideal da composição tersa e perfeita e a sua preocupação do vocabulo raro e da rima rica — fôra antes de tudo, um movimento de bom gosto poetico e, digamos mesmo, de fuga ao barôco literario — e não propriamente uma questão de esthesia. O que houve com este nome — dil-o o proprio Alberto — “foi a reacção contra o romantismo dos ultimos tempos, descorado e flacido, o restabelecimento das boas normas de escrever versos, um protesto contra o enxovalho da lingua, um esforço para a mostrar, qual não se via, opulenta e nobre, uma cruzada em prol do bom gosto e em favor da arte”.

No seu discurso de recepção, pergunta Maurois: — Que é um classico? e responde: — é um romantico dominado. Paraphraseando, poderiamos perguntar tambem: — Que é um parnasiano? e responder: — é um classico exigente. Porque, no fundo, a arte parnasiana não é senão uma modalidade requintada da arte classica. Dahi, embora reagindo sympathicamente ao parnasianismo, como reagiu, Alberto nem por isso deixou de ser o classico que

sempre foi. Não fôra o parnasianismo e elle teria, talvez, feito longos poemas, de vernaculidade impecavel; mas, sem aquella graça, aquella medida, aquella delicadeza de tintas com que compunha, dentro do rectangulo de um soneto, pequeninos quadros, ricos de notações paisagisticas, escolhidas com um senso ruskineano da belleza. Sob a influencia e o estimulo dessa escola, é que poude dar expansão inteira aos seus zelos pela pureza da lingua, á voluptia, que sempre o torturou desde as primeiras composições, de trabalhá-la, de brunilá-la, de explorar os seus thesouros de expressões, a sua riqueza de matizes, as suas harmonias occultas; em summa, de encontrar, como elle mesmo dizia, para cada vocabulo, "um som novo e diverso". Este lavor lhe permittiu dar ás estrophes graça, elegancia, sonoridade, transparencia. — Eis em que consistiu o parnasianismo de Alberto de Oliveira.

O canone da impassibilidade não o seduziu. Sob este technico perfeito do verso, eximio no executar, com carinhos de aquarelista ou de ourives, pequeninas miniaturas, onde predomina o traço raro e fino, a notação graciosa ou delicada, palpitava a sensibilidade de um lyrico admiravel. Há requinte, subtilidade de sentimento em todos os seus versos; nelles descobrimos sempre o reflexo de uma emoção subtil, a resonancia de uma vibração interior, uma permanente associação affectiva entre o mundo exterior e o poeta:

Soltam-se dos meus versos, reluzindo,
Aljofres e lagrimas radiantes;
Ninguem, vendo-os cahir como diamantes,
Sabe se estou chorando ou se estou rindo.

Rarissimamente era um puro objectivista, á maneira de Heredia ou de Coppée. Os sonetos de stricta objectividade e molde rigorosamente parnasiano (*Galathéa, Galera de Cleópatra, Estatua, Vox rerum, Vaso grego, Mazeppa, Ponte Vermelha, Vaso Chinez, Syrinx, Lendo os antigos, Titania, De volta do circo, Ultima deusa, etc.*), que lhe valeram o renome de impassivel, immerecido em face da sua sensibilidade lyrica delicadissima, foram trabalhos feitos visivelmente com o intuito de dar provas da sua virtuosidade de verzejador ou — o que é mais certo — para transigir com as idéas em voga ou com as exigencias da critica.

Em verdade, depois de prestada esta breve homenagem aos idolos da época, o poeta retomou logo as linhas mestras da sua personalidade. Voltou ao lyrismo e ao pantheismo, que foram as duas notas dominantes da sua emotividade e da sua inspiração. Donde, ao lado de versos do mais perfeito padrão parnasiano, depararmos poemas e sonetos da mais pura emoção amorosa: *Por amor de uma lagrima, Nox, Mortos para sempre* (serie digna de perpetuidade nas anthologias da lingua); *Manto real*, primoroso pelo engenho, vigor e colorido da execução. E tantos e tantissimos outros...

O que lhe dava a apparencia da impassibilidade é que nunca expunha o seu coração impudicamente deante do publico; antes, procurava velar as suas expansões sentimentaes sob formas discretas e decorosas. Não ha confidencias impuras nos seus versos, nem sentimentos que não sejam honestos e confessaveis. Como Heredia, Alberto devia naturalmente achar que "só o genio tem direito de tudo dizer"...

E' este justamente um dos traços mais bellos no labor deste perfeito artista: não admittia que se separasse a arte da moral, os valores estheticos dos valores ethicos. Na sua obra, estes dois valores se acham harmoniosamente associados: sente-se que o decoro, a decencia, a dignidade dos themes era-lhe uma preocupação essencial. Não que lhe faltasse um sentido profundo do sexo; mas, é que lhe tolhia a expansão poetica para este lado a sua maneira de comprehender a arte, o seu conceito mesmo da belleza literaria e, ainda mais, o sentimento da respeitabilidade e dignidade pessoal, muito vivo nelle e em que bem revela os traços e a excellencia da sua antiga formação rural.

Dahi o asseio da sua arte, a castidade, por assim dizer, das suas poesias, em que entra o elemento feminino. Salvo alguns sonetos e poemas de ligeira feição erotica, da primeira phase (*Aphrodite, Nova Diana, Camisa de Olga, Extrema Verba, Cheiro de espadua*, etc.), os seus livros podem andar nas mãos

innocentes das *jeunes filles*, como os romances de Ardel e Champfleury. Se, *Lendo os antigos*, o poeta procurou um mestre na Antiguidade Grega, este foi certamente o citharedo de Syracuse — e não o de Teos, Theocrito — e não Anacreonte:

Vamos reler Theocrito, senhora...

Vêde o recato, a delicadeza, mesmo a timidez com que celebrou as mulheres do seu paiz. Ellas não apparecem na sua lyra sob as formas da mulher amante, como na de Bilac: este typo não se mostra sinão episodicamente nos seus versos. O typo que lhe suscitava, de preferencia, a inspiração era o da mulher amada, namorada ingenua e casta — semelhante áquella, de quem diz, na encantadora aquarella *Borboleta azul*, dos *Sonetos e Poemas*:

Ella, que o amor apenas
Mal conhece da flor, da luz, da aurora,
Das aves e phalenas!

Bilac se comprazia em exaltar as mulheres, desnudando-as; Alberto, ao contrario, exaltava-as, ou vestindo-as de roupagens condignas e discretas, ou nol-as fazendo apparecer, nos seus quadros bucolicos ou descriptivos, envoltas em gazes alvas e esvoaçantes, em musselinas de nevoas, leves e tennes — como em *O vestido branco*. Todas ellas se mostram sempre em attitudes compostas e cheias de pudicicia: nenhum poeta as respeitou mais na

sua dignidade e no seu pudor. Dir-se-á que todas ellas foram amadas, em segredo e castamente, pelo grande lyrico do *Livro de Ema...*

Nos seus versos, encontramos frequentemente os traços deste sentimento amoroso sem mescla de erotismo, puro, simples, ás vezes ingenuo. Nelles o poeta só derrama maguas, queixas e desillusões; nelles parece só saber cantar inclinações frustraneas ou fracassadas, não confessadas ou confessadas a medo. Recordae os famosos sonetos que, de certo, todos vós tendes na memoria: *Confidencia, Lembrança, Depois da morte, Cantico inutil, A' Conceição, Plenitude, Vela revolta, Emfim*, etc. De todos elles se exhala — como uma emanção suavissima ou um perfume de ternura — um vago aroma de desencanto e melancolica...

Eis a que se reduz a impassibilidade de Alberto de Oliveira. Este bello gigante — aparentemente apathico, impassivel e frio — era um instrumento de precisão para as emoções mais puras e delicadas...

VIII

Esta sensibilidade lyrica do grande artista de *Ramo de arvore*, que se extravasou em estrophes de deliciosa dicção parnasiana, não revelava a mesma força e riqueza de expressão no dominio da Fé: o sentimento religioso não tinha profundidade no seu coração. Delle se poderia dizer o que de certos

scepticos ou incredulos, como Montaigne ou Des Barreaux, disse certa vez Sainte Beuve — que não possuía uma natureza “marcada com o sêllo do Archanjo”. O seu misticismo não tinha asas: do céu só lhe parecia interessar a abobada estrellada, o firmamento encendido de constellações. Raramente procurou comprehender os misterios do Cosmo, com os seus milhões de astros e sóes; raramente passou além desta face apparente e illuminada do Universo,

Onde monstros errantes, de olhos de ouro,
Passam, chispando, pela noite escura.

Nas suas invocações misticas — como as do poema *No seio do Cosmo* ou as do formoso soneto *Alta noite*, com que encerra o *Ramo de arvore* e que foi por assim dizer o canto de cysne do poeta — o que ha são apenas perguntas, duvidas, anciedades. Simples revelações, afinal, de uma alma vagamente inquieta com o misterio do Além: nada mais.

Esta fraqueza do sentimento religioso lhe vinha, certamente, da sua propria natureza moral, não dotada de senso místico; mas, lhe vinha tambem de que era a mais rica imaginação de pantheista que até agora appareceu em nossas letras. Na verdade, o poeta vivia — como os gregos antigos, que tanto amava — dentro de uma Natureza toda animada de vida consciente e intelligente: por entre seus seres e elementos andava com se lhe fossem irmãos, cuja

lingua entendesse e cuja alma comprehendesse, como entendia e comprehendia a alma e a lingua de nós, seus semelhantes. Não se limitou a descrever e a pintar a Natureza e seus aspectos; fez mais do que isto: humanizou, deu alma a tudo que nella se contém — á flor, á arvore, ao rio, á fonte, ao vento, á lua ao luar, ao sol, ás estrellas, ás florestas e aos campos, bem como aos animalculos que os habitam.

Esta inspiração pantheista domina quasi toda a sua obra. No famoso poema *O Parahyba*, podemos vel-o na plenitude da sua imaginação anthropomorphisadora, na sua capacidade de dar aos elementos a sensibilidade, a intelligencia e as paixões do Homem. Em varios poemets — como, por exemplo, *Borboleta morta* ou *As tres formigas*, que são duas obras primas pela graça da phantasia e do labor — deixa reçumar toda a sua sympathia pelos pequeninos sêres que depara. Dir-se-á que o poeta vive em communhão com elles, alegrando-se com as suas alegrias e soffrendo com as suas dores. Dahi este traço singular, dentre os que mais caracterizam a sua obra paisagista: a ausencia quasi completa dos grandes ruminantes e a presença frequente, constante mesmo, destas minusculas e encantadoras creaturas, em cuja invenção se comprouve o genio caprichoso e amavel da nossa mãe Natureza: aranhas, abelhas, formigas, borboletas, libellulas, be-

souros, pyrilampos, beija-flores. Quasi que só esta micro-fauna, — inquieta, mobil, alada, polychromica, rutilante —, povôa e anima os seus admiraveis quadros descriptivos. Nada revela melhor a delicadeza da sua indole moral do que esta efflorescencia de ternura que resumbra, branda e continua, do intimo do seu coração.

Poeta da natureza, embellezado até a fascinação pelos seus effeitos de luz e pela magia dos seus panoramas, não se contentava de admiral-a unicamente; a sua innata vocação pantheista o levava mais longe: levava-o a identificar-se com ella, a confundir-se com os seus elementos, a desejar morrer para resurgir transfigurado nelles. No soneto *Velhas mangueiras*, deixou formosamente expresso este desejo:

Mal estar, oppressão, todo o interior tumulto,
 Se me vae, pouco a pouco, estando a vosso lado.
 Em vossa quieta sombra, encontro paz inteira.
 Ah! não poder baixar do que hei subido
 E, humus, agua, crystal, argilla, barro ou poeira,
 Ser inferior a vós para melhor servir-vos!

Em outro soneto, do *Ramo de arvore* — certamente um dos mais formosos que produziu — que tem o titulo *Manhã*, este pantheismo reveste formas de incomparavel belleza e attinge uma alta intensidade:

Effunde a urna de Aquario a espaços o chuveiro
Que as flores lava, os brotos abre, o ar purifica.
Bebo-te, ó sação forte, a seiva agreste e rica
Neste cheiro de chão de serra, que é teu cheiro.

Já seu nevado véu de rendas o espinheiro
Sólta; do ingá polpudo a arvore fructifica;
No alveo de areia e pedra e piscas de ouro e mica
Fartas rolam cantando as aguas do ribeiro.

Um dia novo a tudo acaricia e banha.
Que bom fôra já ter morrido, para agora
Ver-me esparso em crystaes, folhas, effluvios, lumes!

Para sorrir no sol que doura esta montanha!
Para chorar no tom com que este rio chora!
Para elevar-me aos ceus em nevoas e perfumes!

Tinha pelas florestas um respeito e um amor de
druida. Nas suas crises e dores, nos seus dissabo-
res e maguas, só o convívio das arvores o consolava:

Floresta de altas arvores, escuta:
Em minha dôr vim conversar contigo.
Como no seio do melhor amigo,
Descanso aqui da tormentosa luta.

No poemeto *Volubilis*, do *Livro de Ema*, confessa que foi o amor á Natureza que o levou a dedicar-se á poesia — “poesia casta”, diz. Tão intenso e profundo era esse amor que o fez esquecer até Ema:

Bem haja o amor ignoto
Que á grande natureza eu de toda alma voto,
E que me arrasta a vél-a,
A estudal-a, a sentil-a, a amal-a, a comprehendel-a;
Amor que faz que até a ti, piedosa e pura,
Eu esqueça, abysmado em seu clarão de estrella,
Em sua formosura.

Este pantheismo, essencial á sua criação artistica e que a sua sensibilidade de visualista ainda mais acentuou, tinha que o conduzir a tomar como thema fundamental das suas composições os aspectos cambiante e luminosos da realidade que o cercava. Esta particularidade da sua esthesia o condenava a ser — como o foi — um poeta realista. Mais do que isto: — um paisagista do verso.

Neste ponto, o realismo objectivo de Alberto soffreu, na primeira phase da sua vida literaria, por influencia dos grandes mestres parnasianos, uma inflexão, — felizmente passageira —, que o levou a orientar-se no sentido do exotismo dos themas. E' a phase, — aliás de pequena duração —, das *Canções Romanticas*, das *Meridionaes* e dos *Sonetos e Poemas*. Tomado então de uma viva e intensa preocupação hellenisante, gostava de frequentar, — em imaginação —, a Grecia classica: ora invocando, junto ás aras do sacrificio ou deante do Parthenon, as suas divindades, bellas como estatuas; ora, percorrendo os seus bosques sonoros, resoantes do halali das oceanides do cortejo de Diana; ora, contem-

plando a ronda suave e graciosa das Musas, “de tranças de violetas”, como lá se diz em Pindaro. Phase transitória na vida espiritual do poeta; mas, miraculosa para a sua phantasia, porque phase em que teve a dita de ver

...entre os caminhos

Do mar que a luz da velha Grecia doura,
Amphitrite de pé na concha loura
Arrebatada por dragões marinhos!

Tão grande devia ser o seu embevecimento, então, pela Grecia e os seus heróes, que Bilac, do alto da primeira pagina d’*A Semana*, ao escrever o pagnegyrico de Alberto na *Galeria do Elogio Mutuo*, protestou contra a affirmação, que lhe parecia ignominiosa, de ter o poeta nascido em Saquarema:

— “Senhoras minhas, não acrediteis na calumnia! Quem vos disser que o meu Alberto nasceu em Saquarema mente e calumnia este bonito rapaz e adoravel poeta. Em Athenas é que elle nasceu, debaixo do céu purissimo da Hellade, que seus versos revive! Por lá viveu, andou pelo braço do amigo Theocrito, soprando a flauta maviosa entre os myrtaes”.

Nesta altura é que intervem a Providencia (ou a Serpente...), transfigurada numa especie de pequeno demonio bronzeado, faiscante de subtileza e de malicia. Quero dizer: nesta altura é que intervem Machado de Assis. O artifice das *Chrysalis*

das, realista a seu modo e com a sua subtil intuição das cousas, sentira o que Bilac não havia sentido: sentira o erro do poeta, o vasio, o artificial de toda esta literatura de imitação. E deu-lhe, então, o conselho gracioso:

— “Que lhe importa o guerreiro que lá vae a Palestina? Deixe-se ficar no castello com a filha delle...”

Machado paraphraseava, á sua maneira, o *carpe diem* do velho epicurista latino. Era como se dissesse ao poeta: — Tome-se da realidade, viva a sua época — e cante-as!

O poeta obedeceu ao conselho do Mestre. Não quiz mais preoccupar-se com a Grecia e os seus heróes. Menos ainda com os guerreiros que iam a Palestina... Voltou-se para a Natureza, para a formosura das suas revelações materiaes e visiveis: para os seus céus — radiosos e constellados; as suas serras — entrecobertas de nevoas matinaes; as suas paisagens — cheias de encanto e doçura. Estas passaram a ser, realmente, quasi que a sua unica e grande affeição de artista. No discurso de agradecimento á homenagem da Academia, inaugurado-lhe o busto numa praça publica, elle mesmo o confessou:

— “Inspira-te e canta — disse, reconhecendo o erro e penitenciando-se. Estas palmeiras valem bem os plátanos e sycomoros gregos, — estes rios, o Pneus e o Achélo; nem teve a Hellade planuras e

morros assim tão verdes, nem céu tão azul. Calamo ou lyra, em mãos de pastores, não tem tom mais doce do que o planger do nosso violão sertanejo”.

Estas afinidades pela terra tropical já lhe la-tejavam na alma desde os seus começos literarios, já se denunciavam nas estrophes das *Meridionaes*, um livro dos vinte annos. Então, dizia elle, numa confidencia, que lhe prenunciava o futuro:

Ah, como é bom ter em frente
Da casa em que nós moramos
Um claro jardim florente
Um verde mundo de ramos!

Esta confidencia vale uma revelação. Descobre-nos que o poeta de *Sabôr das lagrimas* preparava-se, subconscientemente, para renunciar á sua Grecia artificial, e á sua Hermé sequiosa, e aos cyathos doirados, e ás triremes, e aos myrtos dos bosques sagrados. Já cantava os nossos beija-flores e dizia á sua Musa:

Abre a janella dourada
Que dá para a natureza.

Desde este momento, o poeta denunciava o seu destino, traçava a orientação futura da sua arte. Esta “janella dourada que dá para a natureza” ficará sendo como a expressão symbolica da propria arte de Alberto de Oliveira. Dahi por deante, o thema principal dos seus versos vae ser a Natureza.

Ou melhor, a nossa natureza — a nossa terra, na belleza sem par das suas paisagens, clara, harmoniosa, insolada, enluarada, rica de formas e de côres. Neste ponto, nenhum poeta descriptivo, nem mesmo Gonçalves Dias, o excede em nossa historia litteraria. Nenhum delles o supera na selecção dos traços mais bellos e expressivos do nosso panorama natural: nenhum os arranjou com mais gosto, mais arte, mais perfeição, mais variedade de combinações e de themas.

Foi precisamente este encantamento da paisagem, este fascínio pelos aspectos pinturescos da nossa realidade, que o tornou indifferente ao Symbolismo e á sua technica. Esta escola, que teve excellentes cultores em nosso paiz e que, como thema de inspiração, preferia a paisagem interior á paisagem exterior, a bruma e a penumbra ao sol e á claridade, não podia exercer nenhuma influencia sobre este estheta de visão objectiva, sobre este artista do relevo e da côr, sobre este poeta das rechans ensolheiradas, dos recortes claros e nitidos das serras, a quem a bruma só interessava no breve instante de se dissipar ao primeiro raio de sol, na manhã sonora:

Elle, raio de luz, sempre mais quente;
Ella, nevoa fugaz, sempre mais fria.

Este objectivismo naturalista e pantheista é a nota quasi exclusiva da sua inspiração e da sua obra.

Como que a sua emotividade não vibra sinão deante dos aspectos da natureza que o cerca. O mundo cosmico — com a variedade das suas expressões, as galas dos seus coloridos, os seus sóes brilhantes, as suas noites estrelladas ou os seus luares melancolicos — é que lhe arranca os melhores pensamentos, é que lhe produz o choque emotivo para as recordações de amor ou para as meditações philosophicas. Só consigo, sem esta moldura natural, é raro um poema seu.

Embora vivesse por mais de cincoenta annos numa grande metropole, nos seus poemas não depa-ramos as rumorosas multidões urbanas, a “rude humanidade”, que tanto interessava a Copée e a Verhaeren: a Cidade não offerencia, por certo, nenhum motivo capaz de commover a sua sensibilidade de artista ou impressionar a sua retina de pintor. Mesmo dentro do tumulto das nossas ruas, permanece ruralista e bucolico, como Theocrito ou Virgilio. Não lhe sobra, siquer, inspiração para as eclogas, os idyllios, as pastoraes, ao modo de Sá de Miranda ou Bernardim Ribeiro — fundo de quadro rustico, mas onde se move, como thema principal, o grupo humano.

Pantheista profundo, nada disto o interessa, ou só o interessa secundariamente; o que sente e admira, realmente, é a Natureza; o que o seduz são os aspectos coloridos e cambiantes da Paisagem: como Ruskin, tambem lhe devia parecer que está fora da

humana intelligencia conceber o Bello sem auxilio da Natureza. Poderia repetir a confissão de Pesquidoux: — “La terre m’enchante comme une créature humaine”; mas, entendida á maneira do seu visualismo de meridional. Porque a terra que o encantava não era a terra amada de Pesquidoux, — terra de lavradores e de lavouras, arroteada, semeada, mondada, cultivada, “chargée d’humanité”, como diria Bellessort. O que o seduzia era a Terra na sua realidade primitiva, tal como sahiu das mãos da Natureza, a Terra sem toque de humanidade, na sua espontaneidade nativa, na innocencia dos primeiros dias da Creação: pura expressão da vida e da belleza cosmicas, com suas montanhas, seus rios, seus vergeis enflorados, seus poentes, seus plenilunios, seus céus palpitantes de estrellas.

IX

Este enamorado da Natureza, este poeta da Paisagem não tinha, entretanto, a curiosidade das viagens: era um temperamento sedentario, um migrador de vôo curto. Nunca se aventurou a viajar pelo estrangeiro. Mesmo no seu paiz, fóra do logar do seu berço, só andou por Minas, S. Paulo e Paraná, em rapidissimas excursões. Na verdade, quasi que só se moveu dentro do limitado triangulo: — *Rio — Nictheroy — Petropolis*. Não o attrahiram as paragens, tão luminosas e características, do Extre-

mo-Norte e do Nordeste; nem os amplos, illimitados horizontes dos pampas do Extremo-Sul.

Não tendo sahido, por assim dizer, da sua provincia, é natural que os seus poemas se embebam da claridade e da doçura dos climas meridionaes. Se, como affirma Henri Berr, o homem carrega comsigo, interiormente, ao deslocar-se para outras regiões, as paisagens do seu primitivo *habitat*, o scenario que acompanhou Alberto por toda a vida foi o pequeno quadro da sua terra natal. E' certo que cantou, e maravilhosamente, a amenidade das montanhas de Minas e esplendor dos céus de Curitiba — de "prata e carmim", de "carmim e ebano", de "ebano e fogo"; mas, a fonte occulta de toda a sua inspiração sempre a foi buscar nas profundezas do seu sub-consciente; — quero dizer: neste fundo de primitivas impressões do seu torrão de nascimento. Como Heredia, dos cimos de península kimrica, sentia reviver, á brisa perfumada que lhe vinha dos longes dos horizontes marinhos, as recordações dos nativos prados antilhanos; tambem Alberto, diante de outras paisagens, sempre via emergir, dos limbos da sua memoria de nostalgico, as primeiras impressões da adolescencia e, com ellas, todo o mundo de imagens e emoções da sua terra saquaremense, principalmente da sua terra do Palmital, umbrosa e fertil. Os primeiros deslumbramentos de creança deante da natureza ridente do sitio, em que se asentava a casa solarenga, com as suas serras reves-

tidas de florestas densas, matizadas pela copa amarella dos ipês floridos, os seus regatos cantantes, os seus vargedos, cheios de espinheiras e dormideiras, as suas cercas afogadas em tufos de melão de São Caetano e animadas dos zumbidos dos besouros e das abelhas — tudo isto fôra absorvido e retido pela sensibilidade do poeta ainda em ser e passou a formar, para sempre, a trama sub-consciente de toda a sua imaginação e emotividade artisticas. Quem penetrar a intimidade da sua criação poetica, verá logo que a inspiração só lhe brotava de dentro da alma, clara e fresca, quando as impressões dos aspectos presentes, colhidas pela sua pupilla ardente de visualista, vinham a ferir — acordando-o, como numa cellula photo-electrica — este fundo de reminiscencias primitivas.

O poeta nascera numa sofralda de montanha, em região sombreada e humida. O solo não apresenta ali a uniformidade e a monotonia da planicie; ao contrario, é levantado, cortado de ondulações, cujo relevo, se não apresenta a enormidade das cordilheiras, como a dos Orgãos, tambem não apresenta a pequenez daquelles “oiteiros benevolos”, de que nos fala Anthero de Figueiredo, a proposito da Hespanha, e encontradiços em terras mineiras e paulistas.

Demais, neste recanto do interior, retrahido e occulto por detraz da faixa agreste das restingas, que o mar perfuma com a acridez das suas maresias e das suas salsugens, o céu é de um azul nitido,

exacto e justo, de transparencia irreal e inexprimivel, principalmente nos mezes de Abril a Julho. Nestas épocas, as nuvens, sempre frequentes, talvez pela proximidade do oceano, e que tão formosas estrophes inspiraram a Alberto, mostram-se tocadas da graça de uma belleza ineffavel; tal que o espectáculo de as contemplar, na limpidez do anil immaculado e na apparente immobilidade do seu vôo, sempre me dá a lembrar o daquellas outras, tambem do céu do Atlantico, evocadas por Taine e que, paradas na transparencia do azul purissimo de Biarritz, appareciam-lhe como que rodeadas "d'une gloire angélique", fazendo-o pensar "aux âmes du Dante arrê-tées en extase á l'entrée du Paradis".

Não estaria ahí a razão do predominio, nas descrições do poeta, não da montanha, mas da serra, que é uma montanha moderada? E tambem a frequencia com que nellas apparecem as florestas, as nevoas e as nuvens?

Não estaria ahí, ainda, a razão da quasi ausencia do mar na sua obra? Realmente, neste pintor de paisagens, a marinha não era o seu forte: nunca quiz disputar a Castagnetto, como certamente pretendeu disputar a Parreiras, o pincel de colorista. E' paradoxal, sem duvida; mas, a verdade é que, nos versos deste poeta, filho de uma região maritima e que, desde menino até o ultimo dia de vida, manteve-se em contacto permanente com o mar, não se sente aquelle "odeur de varech", que Henri Bor-

deaux encontra nas paginas do bretão Le Goffic e que encontramos nos versos de Vicente de Carvalho. Nos seus poemas, só o céu, a floresta e montanha pompeiam, só elles os animam com a sua magia colorida. O mar nelles só apparece de forma rara, episodica.

Sim, o grande paisagista da *Tempestade* e da *Alma Oceanica* não tinha sympathia pelo mar — “o bello mar selvagem das nossas praias solitarias”. O mar, cuja imagem lhe ocorre nos momentos da inspiração, não tem a magnificencia e a grandeza generosa do mar de Vicente de Carvalho; é sempre um mar presago e mau, mar de naufragios e naufragos rebentando as suas coleras sobre rochedos e enchendo as praias de destroços de barcos e velas. Quem conhece a vida pregressa do poeta, o logar do nascimento e a infancia, sente logo que este mar é o mar da costa de Ponta Negra, cujos bramidos cavernosos e horrendos, repercutidos e prolongados até o retiro do Palmital, encheram-lhe a alma de creança de um pavor panico, — como tambem encheram a minha. Mar que elle, evocando reminiscencias de meninice, meio seculo depois, assim nos descreve num dos mais bellos poemas da formosa collecção da *Alma Oceanica*:

Um som maior e de cadencia cava
Reboava agora; ia-se amortecendo,
Tornava logo, em mór fragor reboava.

— “Que é isto, velho?” — interroguei, tremendo.
 Elle voltou-se: “Aquieta-te — me disse —
 E’ o mar na costa a rebramir horrendo.
 Talvez tu’alma noutro tempo o ouvisse
 Sem o ouvir; que andava de permeio
 A algazarra da tua meninice.

Como que ha ali dois mares: feito
 Um de agua e outro de sons, um contra a plaga
 Tumido a espedaçar, mugindo, o peito;
 Outro em echos rolando no ar: a vaga
 Liquida se desfaz, mas a sonora
 Leguas e leguas brame e se propaga.
 Vae do Aterrado e Palmital a fóra;
 Sóbe as rechans; vae pelas vertentes;
 Retumba ás vezes, outras vezes chora.

Estes os brados são intercadentes
 Que estás a ouvir. A’ barbara harmonia
 Demos uns passos mais, — ambos trementes,
 A alma anseando á emoção daquelle dia.

Este o mar das recordações infantis do poeta.
 Como em Nabuco, guardando na memoria para toda
 a vida aquella encantada revelação do mar, que lhe
 déra a primeira vaga, verde e rolante, contemplada,
 entre coqueiraes, á orla da praia de Massangana;
 em Alberto nunca se lhe apagaram da alma essas
 dolorosas impressões de creança: ficaram-lhe para
 sempre nos archivos da memoria como a imagem
 mesma do Mar. Cincoenta annos mais tarde, vêde
 como elle recorda este resôo, este clamor funesto no
 formoso soneto *Chôro de vagas*:

Não é de aguas apenas e de ventos,
No rude som, formada a voz do Oceano:
Em seu clamor — ouço um clamor humano,
Em seus lamentos — todos os lamentos.

São de naufragos mil estes accents,
Estes gemidos, esse aiar insano;
Agarrados a um mastro, ou taboa, ou panno,
Vejo-os varridos de tufões violentos;

Vejo-os, na escuridão da noite, afflictos
Bracejando, ou já mortos ou debruços,
Largados das marés, em ermas plagas...

Ah! que são delles estes surdos gritos,
Este rumor de preces e soluços,
E o chôro de saudades destas vagas!

Este o mar que acode á imaginação do poeta, sempre resoante de convulsões e gemidos, mais *ouvido* do que *visto* e que forma o fundo sub-consciente das suas reminiscencias do Oceano. Não é o mar largo e livre, que rola as suas vagas de esmeralda pelas praias marulhadas de Copacabana e de Ipanema e que os seus olhos de artista tantas vezes contemplaram, alteando-se, inquieto, na sua verde, radiosa, pinturesca mobilidade. Tambem, ainda menos, é o mar da Guanabara, com a sua graça immovel e acolhedora, mansa lagoa, a cuja margem viveu quasi a vida toda e que sempre lhe pareceu mais uma

... enseada, em que o mar choro de fonte
Antes tem que de vagas.

O mar evocado pela imaginação deste paisagista, que passou toda a existencia á orilha do Oceano, não é um mar de côres, — esse painel azul e verde, encanto quotidiano dos nossos olhos de praieiros. E' um mar sonoro — aquelle mesmo "mar de sons", funéreo e mau, que, cincoenta annos antes, na sua meninice, havia retransido e apavorado a sua timida alma de creança. Esta guardou, por toda vida, na reclusão da sua sub-consciencia profunda, os echos da lugubre resonancia, — como as valvas dos buzios o confuso marulho do oceano. Ouvi-lhe esta confidencia:

Supponho achar-me, ás vezes, quando penso,
 Voltado sobre mim, no que hei vivido,
 Ao pé de um mar, de onde um clamor immenso
 De humanas vozes vem ferir-me o ouvido.

E afflicção e terror na alma não venço,
 Conhecendo, gemido por gemido,
 Tudo o que amei, agora sob extenso
 Lençol de negras aguas submergido.

E inda parece um braço no ar se agita
 E chamando-me, como em scena inferna,
 Espectral multidão, lugente e afflicta,

Grita, e estes brados que ululando sôam
 Dentro em meu coração, com em caverna,
 Abalando-o, rememoros rebôam.

— Elle é todo assim, a sua poesia é toda assim: reflecte sempre este fundo de impressões primiti-

vas — de infancia, colhidas pela sua receptividade de artista inconsciente nessa clara madrugada da vida!

X

Ninguém, em verdade, foi mais homem do seu meio. Primeiro: do seu meio meridional. Depois: do seu meio saquaremense. Por fim: do seu meio palmitalense.

Na evolução literaria do poeta de *Alma em Flor* e de *Terra Natal*, ha um traço que, pela insistencia com que se reproduz, constitue, realmente, uma constante da sua personalidade de homem e de artista. Este traço é a frequencia com que retorna, em espirito, sempre cheio de emoção e ternura, á sua pequenina morada rustica, ás paisagens do seu primitivo pago do Palmital — mesmo quando se extasia ante as paisagens de outras terras.

Este retorno nostalgico ao pequeno rincão natal é um dos aspectos mais encantadores do seu delicado temperamento de poeta. Tendo sahido aos doze annos, mais ou menos, do seu verde Palmital, nunca mais lá voltou; entretanto, jámais olvidou o seu logar de nascimento.

Nas *Canções Romanticas*, aos vinte e poucos annos, — quando “amava as lagrimas, contanto que cahissem de uns olhos bonitos”, como disse Machado de Assis —, nem por isso esquece a sua amavel

terra de Saquarema. E' com insistencia que o seu pensamento se volta para ella:

Sabes para onde vão meus pensamentos?

Ah, vão todos perdidos, vão á tóa

Buscar a sombra de tua casa branca

Alevantada á beira da lagôa.

O poeta recorda uma paisagem typica da sua terra — a lagoa de Saquarema, á margem da cidadezinha, onde, vindo do seu sitio do Palmital, estudou as primeiras letras.

Em *Alma em Flor*, já aos quarenta e poucos annos, procura recordar os tempos de adolescencia — e para logo todo um mundo de visões coloridas lhe enche a memoria e acorda a emotividade:

Não me lembro bem que idade eu tinha,

Se quinze annos ou mais!

Creio que só quinze annos . . . Foi ahí afóra,

Numa fazenda antiga,

Com seu engenho e as alas

De rusticas senzalas,

Seu extenso terreiro,

Seu campo verde e verdes cannaviaes.

Maió... Junho... não sei si Julho o diga,

Junho ou Agosto. Sei que havia o cheiro

Do sassafráz em flor...

Sei que um perfume intenso em tudo havia,

Era, enfeitada e nova, a laranjeira

E o pomar verde, pela primeira vez

Florido; era, na agreste serrania,
Com os botões de ouro e a espatha luzidia
Rachando ao sol, a tropical palmeira;
Era o sertão, era a floresta inteira
Que em corymbos, festões e luz se abria.

Quando compoz a colleção do *Céu Naturno*,
quasi quinquagenario, como que esta nostalgia lhe
cresce cada vez mais. Frequentemente, uma onda
de saudade lhe alaga o coração:

Ah, não poder tornar aonde vivi outróra,
Ao meu verde Palmar, e seu isolamento,
Para onde agora vae, mais lhe querendo agora,
Todo o meu pensamento!

Dez annos mais tarde, vemol-o evocar, nos for-
mosos poemetos de *Natalia*, de tão accentuado sabor
camoneano, a obscura terra adorada, que jamais lhe
sahira da memoria:

Iam vinte annos desde aquelle dia,
Em que, com os meus, da terra onde nascera,
Adolescente ainda, eu me partira.
O que não déra então, o que não déra
Ainda hoje por tornar atraz commigo,
Entrar-lhe os campos, ser o mesmo que era!
Lá me ficava, com o seu tecto amigo,
A velha casa, a varzea verde e em flores,
Tudo quanto em menino havia amado,
Em que minh'alma nova, a abrir-se, rindo,
Tinha parte de si talvez deixado.

O apego do poeta de *Alma e Céu* não era apenas ao município do seu berço; era ao proprio logar do nascimento, ao antigo solar paterno, mergulhado num fundão de matta, ao sopé da Serra do Palmital. Quando creança e ainda na escola primaria, em Saquarema, sempre sentia, — no meio da algazarra dos companheiros e entre os bramidos do Atlantico, á beira de cujas praias se assenta a pequena villa —, tomado inexplicavelmente de um vivo, fundo sentimento de nostalgia pelo seu recanto agreste do Palmital, pela sua fazenda, pela sua casa grande, pela familia que lá deixára:

— “Sentia-me feliz — confessa elle, na sua auto-biographia, narrando os seus tempos de collegial — e só uma cousa me aguava a satisfação: a saudade que tinha da minha casa, com o seu largo campo estendido e verdade e a matta perto, rumorejando”.

Ora, todo Alberto está nesta confissão. Essa saudade de collegial elle a conservou durante a sua longa vida — e foi a razão profunda e suprema da sua arte maravilhosa. Toda a sua inspiração parte dahi e ahi encontra força, movimento, expressão: a sua alma de artista gravita, por mais de meio seculo, em torno dessas imagens evocadas pela sua remittente nostalgia. Dir-se-á que o poeta nunca poudes entrever o mundo sinão atravez desta pequenina janella, que se abria, iluminada, sobre esse quadro de reminiscencias primitivas, interposto entre a

sua consciencia e a realidade exterior como se fôra uma tela transparente e colorida: tudo o que mais tarde, em outras paragens ou sitios, viu como que se empregava das cores destas imagens longinquoas, dos matizes esbatidos destas recordações distantes.

Os poemas que consagrou especialmente á terra natal — *Alma em Flor* e *Natalia* — e que elle compoz já em plena maturidade, são o que de mais formoso existe em nossa literatura como descripção da nossa natureza e tambem como expressão de sensibilidade artistica, de delicadeza emotiva, de ternura nostalgica. Em *Alma em Flor*, a paisagem se mostra aos nossos olhos cheia de tantas notações justas e com tamanha precisão de linhas e tintas que parece ter sido pintada tendo elle á vista o pequeno mundo, onde desabrochou o seu primeiro amor. Só uma emoção profunda poderia suscitar as recordações de tantos traços encantadores e subtileis, imperceptiveis, em regra, ao normal da nossa acuidade. Tinha o poeta uma memoria facil, nítida, precisa, fidelissima, — porque destas a que Ribot chama "affectivas": lembra-se de tudo com sympathia e ternura e é, como sympathia e ternura, que tudo fixa na evocação maravilhosa.

Disse Maurois que a memoria é uma grande artista, porque, ao seleccionar as percepções que devem perdurar, só deixa sobreviver as melhores, as mais agradaveis, as mais bellas: dahi as recordações evocadas apresentarem sempre um aspecto de

conjuncto que as torna verdadeiras obras d'arte. No entanto, em *Natalia* e *Alma em Flor*, a memoria do poeta não foi artista porque eliminasse os aspectos mais desagradaveis e feios, deixando sobreviver unicamente o que havia de raro, gracioso, amovel ou pittoresco; mas, porque assim era o quadro revivido, a paisagem descripta tinha de si mesma graça natural, belleza sua, que os versos do poeta reflectiram.

Na verdade, a terra fluminense, na região em que nasceu Alberto de Oliveira, possui, como poucas, todas as características de uma obra d'arte natural. Nella accumulam-se, por uma singular disposição geographica — coexistindo a poucos passos uma da outra — a paisagem rural, a paisagem lacustre e a paisagem oceanica, immensuravel e ondeante. No interior agricola: de um lado — a leira fertil e florida das varzeas; de outro — a Serra do Palmital, sobria e bella, na sua grave e severa vestidura florestal. Um passo adiante e vemos: aqui — a lagôa, especie de mar tranquillo, de aguas transparentes, cheias de baledos e pernaltas, “mergulhões e irêrês, que o chão palustre habitam”; ali — a restinga, que a margeia, arenosa e secca, coberta de cardos hispídos, de palmas duras, de bosques espessos de cambuizeiros, esmaltados pelos corymbos escarlates das epiphytas enflorescentes. Mais outro passo e é — á orla de praias alvissimas ou junto de rochedos abruptos — a immensidade marinha, o

Atlantico em toda a sua majestade, na grandiosidade selvagem das suas agitações e das suas coleras indomadas.

Eis o scenario em que nasceu e viveu o poeta, despreoccupado e feliz, na sua infancia e na sua adolescencia. Eis tambem o scenario em que viveu, — em espirito, com emoção e ternura —, na sua mocidade, na sua maturidade e na sua velhice.

Saquarema, a terra natal de Alberto de Oliveira, não lhe deve cultivar a memoria sómente porque elle a honrou com a sua gloria immensa e indestructivel. O grande poeta não foi apenas o seu filho mais illustre; mas, tambem o seu maior cantor. Ninguem a sentiu mais na sua formosura. Ninguem disse, em versos mais inspirados e ternos, do encanto da terra admiravel, da poesia dos seus rios, dos seus regatos, das suas lagôas, das suas restingas, das suas serras cobertas de neblinas, das suas florestas rumorosas. Teve para com ella todas as affeições de um filho carinhoso: guardou sempre, no coração, mesmo ausente, a lembrança da casa paterna e, nas pupillas marejadas, as linhas e as côres das paisagens do seu torrão nativo. Mesmo no apogeu da gloria, entre os applausos da admiração nacional — notae bem! — nunca deixou de recordar-se do seu pequenino rincão do Palmital, nunca deixou de orgulhar-se della, a pequenina e formosa Terra Saquaremense.

Sem duvida, sobravam-lhe razões para assim querel-a: além do berço, ella lhe déra o que poderíamos chamar a subconsciencia artistica, a base emotiva á sua arte perfeita. Mais: dera-lhe ainda, — ora directa, ora indirectamente, — o principal, o mais precioso daquilo que Machado de Assis chamou “a materia dos versos”. Porque é dahi, deste fóco obscuro e invisivel, que deriva toda a sua arte clara e pura — como daquelle imperceptivel “fio de agua viva”, de um dos seu poemetos,

a gottear de lizins de esconsa pedra,

derivam as torrentes escachoantes, que alagam e fertilizam as planicies.

Este caracter regionalista da inspiração do grande poeta não lhe tira á obra a condição de universalidade. Regional nos seus motivos, ella é universal no seu sentido.

Na realidade, toda obra d'arte é local, episodica, pessoal na sua genese. O artista é que, depois, — pela imaginação e pela abstracção —, eleva os accidentes á categoria do geral, erige os aspectos particulares em symbolos, fal-os subirem do local, do episodico, do concreto ao nacional, ao abstracto, ao impessoal; passa, em summa, como diria Platão, de contemplação das cousas bellas á contemplação da propria Belleza. E, assim, a sua elaboração adquire o toque de universalidade, que caracteriza as creações do genio.

E' o que acontece com a obra de Alberto de Oliveira. Della se pode dizer, á maneira dos doutores medievaes, que toda a nossa natureza está contida em qualquer dos seus sonetos ou no menor dos seus poemas. *Tota in minimis existit natura.*

XI

Neste ponto, é que começo bem a comprehender a significação do vosso gesto, dando-me a honra, que nunca poderei agradecer devidamente, de succeder a esse poeta, tão profundamente tomado da paixão da sua terra natal. Sim, bem o comprehendo: era preciso que aqui estivesse alguem tambem formado sob aquelles mesmos climas doces e amaveis, alguem tambem vindo dalli, trazendo dentro da alma, — como elle trazia —, a imagem sonora e deslumbrante dos seus oceanos, das suas montanhas, das suas florestas e dos seus céus resplandescentes. Era desejo seu, bem o sabeis, de ver-me aqui, sob esta cupola, trazido pela sua mão amiga para a gloria da vossa companhia. Este desejo benevolo não o poude elle realizar em vida; mas, o vosso carinho militante para com a sua memoria e a extrema indulgencia vossa para commigo, permittiram que se realizasse nesta hora, em que me daes a oportunidade, tão grata ao meu coração e ao meu espirito, de dizer estas palavras em louvor do grande poeta, principe das nossa letras e meu conterraneo glorioso.

Só assim, senhores academicos, consigo justificar a distincção da vossa escolha e a minha presença entre vós. Tamanha a desproporção entre a minha pequenez e a grandeza do meu antecessor. Tamanha a distancia entre a minha obscuridade e a sua gloria radiante.

Realmente, quando o estudo na sua vida e na sua obra, Alberto de Oliveira dá-me a impressão de um predilecto da Fortuna, de um querido dos Deuses, escolhido para uma missão de belleza. Fel-o o Destino nascer numa terra encantadora pela amenidade do seu natural, cheia de claridade e de harmonia. Fel-o criar-se e educar-se no seio de uma sociedade saturada de civilização, preexcellente pelo seu equilibrio, pelo seu gosto artistico, pelo polimento da sua cultura. Deu-lhe, além disto, um typo hygido e bello, uma pupilla sedenta de luz e colorido, uma indole feita de delicadeza e de bondade. Dotou-o, por fim, do mais precioso dos dons: uma sensibilidade, não apenas de poeta, mas tambem de artista, uma esthesia subtil, o horror a tudo o que excede o canon grego — da graça, da medida, do rithmo. E tão compenetrado da sua arte, que horas antes de morrer, recitava, em surdina, nos anceios da pré-agonia, estrophes de Camões... Delle se poderia dizer, assim, que os Fados o quizeram tanto que a sua morte, á maneira da de Sophocles, foi como que a ultima vibração de uma lyra que se partiu...

Cantor da natureza brasileira, o maior de que se honra a nossa historia literaria, elle soube exaltar, no seu plectro de ouro, tudo o que de mais bello e encantador existe nos céus, nos ares e na superficie da nossa terra. Todos os seres pequeninos e alados da nossa fauna. Todas as especies delicadas e graciosas da nossa flora. Todos os reflexos raios dos nossos céus meridionaes.

Nenhum outro poeta, qual elle, nos fez comprehender e sentir mais viva e intensamente a multipla e variegada belleza da nossa Terra. Como essas tribus barbaras, que, segundo os antigos, habitavam junto das cataratas do Nilo e, ensurdecidas pelo seu fragor permanente, não mais lhes ouviam os ruidos; assim tambem nós, envolvidos pelo constante esplendor da nossa natureza, viviamos como cégos e inconscientes aos seus encantos. Dar-nos esta consciencia — eis a missão do grande poeta. Não é certo que todos os nossos aspectos e paisagens passaram a ter, depois d'elle, aos nossos olhos de cuidados, outra sedução, outro amavio, outra significação, em summa? Para celebrar-lhe a morte, bastaria recordar aqui as estrophes sonoras dos *Sonetos e Poemas*:

Astros, sol, amplidão, espheras de ouro, céus,
 Nuvens, sopros do mar e passaros da aurora:
 A grande arvore cae! Mandae-lhe em pranto agora
 O vosso ultimo adeus!
 Cosei-lhe em flor e em luz esplendida mortalha,
 Florestas tropicaes!

Talhados no bronze da mais pura e classica linguagem, os seus poemas hão de ficar entre os mais perfeitos padrões da formosura do nosso idioma e da capacidade artistica da nossa gente. Sobre elles poderemos repetir aquella predição de Lugones a proposito da obra de Sarmiento: — “Todo acaba en tumba sobre la tierra, menos la palabra hermosa”.

Em verdade, é este o destino que está reservado á obra do grande poeta fluminense. Pelos seus nobres attributos de inspiração e sensibilidade, pelas altas qualidades de medida e de harmonia, pelas suas raras virtudes de timbre, de sonoridade, de rythmo, ella sobreviverá, certamente, pelos tempos em fóra. Entre tão puros e tantos predicados que a ennobrecem e singularizam em nossas letras, dois delles, por si sós, serão bastantes para lhe assegurar immortalidade — porque nunca passarão: a paisagem e a lingua, a paisagem da nossa terra e a lingua do nosso povo, uma e outra reflectindo-se na limpidez do crystal das suas estrophes, uma e outra ahi vivas e eternas na gloria da sua belleza imperecível.